



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO: UM OLHAR SOBRE A
PARTICIPAÇÃO MASCULINA NOS GRUPOS DE TERCEIRA
IDADE DE MANAUS**

SHEYLANE BELTRÃO DE QUEIROZ

**Manaus
2011**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

SHEYLANE BELTRÃO DE QUEIROZ

**EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO: UM OLHAR SOBRE A
PARTICIPAÇÃO MASCULINA NOS GRUPOS DE TERCEIRA
IDADE DE MANAUS**

Orientadora: Profa. Dra. Rita Maria dos Santos Puga Barbosa

**Manaus
2011**

Todos os direitos desta dissertação são reservados à Universidade Federal do Amazonas. Parte desta dissertação só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM, através do Programa de Apoio à Pós-Graduação *STRICTO SENSU*- POSGRAD, desenvolvida na Universidade Federal do Amazonas, no Programa de Pós-Graduação em Educação.

Ficha catalográfica

Queiroz, Sheylane Beltrão.

Educação e Envelhecimento: Um Olhar Sobre A Participação Masculina
Nos Grupos De Terceira Idade De Manaus.
UFAM - Manaus-AM, 2011, p.160.

Orientadora: Rita Maria dos Santos Puga Barbosa.

Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Amazonas,
Faculdade de Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação.

1. Envelhecimento 2. Grupos de Terceira Idade 3. Educação

Sheylane Beltrão de Queiroz

Educação e Envelhecimento: Um Olhar Sobre a Participação Masculina
Nos Grupos de Terceira Idade de Manaus

Banca Examinadora de Dissertação de Mestrado:

Orientadora - Profa. Dra. Rita Maria dos Santos Puga Barbosa - PPGE-FACED-UFAM

Membro titular - Profa. Dra. Priscila Trapp Abbes – FEFF - UFAM

Membro titular - Prof. Dr. Aristonildo Chagas Araújo do Nascimento – PPGE -
FACED-UFAM

Manaus, 27 de julho de 2011.

Ao meu Amado Salvador, JESUS, que mesmo sem eu merecer, me amou e foi capaz de dar sua vida por mim.

Agradecimentos

A Deus, o autor da minha vida, que me deu a oportunidade de desenvolver este trabalho e colocou pessoas maravilhosas no meu caminho para me ajudar;

Aos meus pais, pelo cuidado, carinho e investimento desde minha infância. Eu reconheço que sem vocês eu não teria conseguido. Obrigada pelo apoio, pela compreensão nas horas que precisei me ausentar devido o mestrado.

Aos meus queridos irmãos, Saulo e Sheyla, pelos conselhos e dicas.

À minha orientadora, Rita Puga, por investir, incentivar e acreditar na minha formação desde a graduação; e pelo empenho com que se dedica a formação de educadores físicos no Amazonas.

Às gestoras Maria Emília e Raimunda Alvacir que apoiaram e viabilizaram minha formação e todos os funcionários das Escolas Sagrado Coração de Jesus e Maria Lira Pereira.

As pessoas que viabilizaram o andamento desta pesquisa abrindo as portas de suas instituições e facilitando o acesso aos pesquisados: Darcy Modesto, do Fórum Permanente do Idoso; Izaura Moura, do Grupo Anos Dourados; Rita Puga, do PIFPS-U3IA e Domingas Brasil, e a todos os coordenadores de GTIs e idosos que aceitaram participar desta pesquisa.

Aos meus colegas Gerontólogos Mário Duarte, Flaviane Cabral e Aliane Castro na observação dos questionários.

Aos todos os meus amigos e irmãos da NIB, da Tenda, do PIFPS-U3IA e da UFAM que oraram por mim e que me ajudaram direta ou indiretamente. Em especial a Antônio Felipe, Thaís Caiado, Sara Paiva, Saulo e Dulcina, André Duarte por terem ofertado do seu tempo precioso para me ajudar na revisão final da dissertação. E também a Rebeca “Motinha” e Luana “Megamente” por acompanhar minha jornada e sempre lembrar as minhas obrigações.

Ao meu amor, Mikael Moraes, pelo companheirismo e carinho que muito me incentivou na fase final do mestrado, e por sempre ter uma palavra de ânimo e conforto.

À FAPEAM por financiar esse projeto e contribuir para o desenvolvimento de estudos gerontológicos na região amazônica

A todos que fazem parte da minha vida, meus sinceros agradecimentos!

O que mais importa...

Nessa longa caminhada do mestrado, posso dizer que o meu maior ganho foi conviver com pessoas maravilhosas. Nesse período, fiz amigos, fiz irmãos que me deram a graça de suas companhias não só nos momentos de alegria, mas também nos momentos de luta, de “aperreio”, que me apoiaram e não mediram esforços para me ajudar.

Obrigada por entender os passeios recusados por causa do mestrado, o “stress” das obrigações e das datas, o cansaço, o corre-corre da vida. Obrigada pelo incentivo, apoio, conversas, orações, conselhos, passeios, ligações, mensagens, por compartilhar momentos alegres e tristes da minha vida.

Independente da proporção, em cada ação de amor eu pude ler em vocês as palavras antigas do Bom Mestre: “Amem-se uns aos outros como eu os amei”. E por mais antigas que sejam essas palavras (há quase 2000 anos atrás) elas, escritas em vocês, ganharam vida e energia.

Como disse o Mestre: “Ninguém tem amor maior do que dar a própria vida em favor dos seus amigos”. E vocês me deram a suas vidas quando dedicaram um pouco de seu tempo, de sua energia, de seu favor, de sua atenção, de sua compreensão, de suas orações. E o bom disso é que o que vocês fizeram a mim é computado como se tivesse feito para Deus.

Enfim, vocês foram e são as cartas do Criador pra mim. E nesse final de jornada, o que mais importa é o amor que vocês imprimiram nas páginas da minha vida, e a certeza de que fiz um investimento duradouro e que não passará.

*“A ciência passará, as habilidades também, mas o amor permanecerá para sempre”.
1 Coríntios 13.8*

“Assim conhecemos o amor que Deus tem por nós e confiamos nesse amor. Deus é amor. Todo aquele que ama permanece em Deus, e Deus nele. 1 João 4:16

“Ninguém jamais viu a Deus; se nos amamos uns aos outros, Deus está em nós, e em nós é perfeito o seu amor”. 1 João 4:12

A todos que compartilharam esses momentos comigo, muito obrigada!

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Característico sócio demográfico dos homens participantes de GTIs e não participantes.....	84
Tabela 2 - Localização dos bairros dos GTIs e dos homens participantes.....	87
Tabela 3 - Idade de aposentadoria x tempo de participação em GTIs.....	90
Tabela 4 - Comportamentos relacionados a saúde HPs e HNPs.....	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Atividades oferecidas pelos GTIs	80
Gráfico 2 – Proporção de GTIs por tempo de funcionamento em Manaus	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Classificação dos sujeitos da pesquisa: sexo, sigla e quantidade.....	65
Quadro 2 - Censo Demográfico 2000 – Proporção da população residente de 60 anos ou mais de idade, segundo os municípios das capitais do norte.....	73
Quadro 3 - GTIs distribuídos por zonas distritais na cidade de Manaus.....	75
Quadro 4 - Desenvolvimento da educação para o envelhecimento na cidade de Manaus de 1993 a 2009.....	76
Quadro 5 - Quantidade de participantes por sexo nos GTIs da cidade de Manaus.....	82
Quadro 6 - Demonstrativo das categorias e subcategorias da análise das falas dos sujeitos participantes e não participantes de GTIs.....	96

ANEXOS

Anexo A – Parecer do Comitê de Ética.....	152
---	-----

APÊNDICES

Apêndice A - Termo de consentimento livre esclarecido (TCLE).....	153
Apêndice B – Convite para participar da pesquisa.....	154
Apêndice C - Questionário A - Caracterização dos grupos de 3ª idade.....	155
Apêndice D – Questionário B - Perfil do idoso.....	156
Apêndice E – Roteiro de entrevista – A: Homens participantes de grupos de 3ª idade	158
Apêndice F – Roteiro de entrevista – B: Homens não participantes de grupos de 3ª idade	159
Apêndice G - Roteiro de entrevista – C: Mulheres participantes de grupos de 3ª idade.....	160

RESUMO

Considerando a observação cotidiana instigante que a maioria dos grupos de terceira idade (GTIs) são frequentados maciçamente pelo público feminino, realidade coincidente de vários trabalhos, este estudo teve por objetivo investigar a participação masculina em GTIs com vocação educacional para o envelhecimento em Manaus, a partir de depoimentos de homens participantes e não participantes, e de mulheres que participam; enfatizando aspectos que permeiam a construção do envelhecimento masculino. Foi feito levantamento através de entrevistas e questionários. Os dados foram tratados descritivamente com abordagem de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1991) e estatística descritiva. Para mapear os grupos e participação masculina, foi feito um levantamento junto ao Fórum Permanente do Idoso. Verificamos então que na maioria, os GTIs atendem pessoas a partir de 45 anos, com atividades físicas (AFs), predominando: ginástica, caminhada e dança; palestras; oficinas; atendimento assistencial, jurídico e de saúde. A quantidade de participantes por grupo variou de 30 a 320. O número de participantes homens é inexpressivo, incluindo grupos sem estes. Considerando os grupos mais antigos e com quantitativo expressivo de matriculados incluindo homens e ofertando AFs, foram selecionados os GTIs: Anos Dourados e Idoso Feliz Participa Sempre - Universidade na 3ª. Idade Adulta (PIFPS-U3IA). Com 8 homens participantes (HPs), e 8 mulheres participantes (MPs), os quais apontaram 8 conhecidos não participantes (HNPs). O perfil dos HPs e HNPs indica que: maioria é sexagenária, casados, moram com esposas, são aposentados, ingerem bebidas alcólicas e abandonaram o hábito de fumar durante um período da vida. Entretanto os HNPs embora aposentados trabalham, não praticam AFs, são acometidos por mais doenças que os HPs, sendo hipertensão a mais citada. De acordo com os HPs, a causa para participar explica-se nas subcategorias: ociosidade, desejo de exercitar-se e incentivo de outros participantes. Quanto a justificativa para não participação dos HNPs é pela falta de tempo, organizações ligadas ao trabalho e a vergonha de estar entre as mulheres. Para os HPs e MPs, os homens não participam por causa da vergonha de estar entre as mulheres e por não admitir a velhice. Os HNPs manifestaram ainda que têm uma imagem de que o GTIs são destinados a velhos incapacitados e desocupados, e estes não se enquadram nestas categorias. A conclusão é que há muito trabalho pela frente para educar homens idosos a se reconhecerem como tal, e como seres participantes desta sua própria fase do ciclo vital sem preconceitos; para isto talvez seja preciso planejar e implementar estratégias educativas enérgicas, que alcancem do público masculino. Realizar mais pesquisas com este gênero, a fim de propor atividades com as quais se identifiquem e se dêem oportunidade de participar, porque na nossa visão profissional o problema está na maneira adotada por nossa sociedade de conduzir a formação humana, que coopera para que os homens tenham baixa capacidade de interação no lazer ativo e intrafamiliar. Por isso, é mister intervenções que promovam as idéias: que ser velho não é sinônimo de incapacitado, que ser desocupado não é nenhum pecado nem contravenção, pois a vida não só é feita de trabalho.

Palavras chave: envelhecimento, grupo de terceira idade, educação.

ABSTRACT

Considering the everyday observation that the most exciting groups of elderly (GTIs) are frequented by heavily female audience, this study aims to investigate the participation of men in TAGs with educational vocation for the aging in the city of Manaus. This investigation emphasizes aspects that are related to the aging of male people and is based on testimonials of TAG participants (irrespective of gender) and non-participant male people. Our fieldwork was developed through interviews and the use of specialized questionnaires we developed. The data we organized into frames and tables was described through a qualitative approach and Content Analysis (BARDIN, 1991). The speech of each interviewed person was classified into different level of categories. According to our research, the TAGs are organized by different type of institutions and are pretty found in the city. Most of the TAGs support people older than 45, offer physical activities with emphasizes for gym, walking and dancing. They also offer lectures, workshops, and assistance of legal and medical professionals. We verified that the total of TAG participants can significantly differ from one group to another. While some groups can present few dozens (e.g. 30 individuals) others can present hundreds (e.g. 320). Regarding the gender, the number of female people are always greater than the number of male people. In the case of some TAGs, there is no man involved. We interviewed 8 TAG participant men (PM), 8 non-participant men (non-PM) and 8 participant women (PW) from two TAGs: "Anos Dourados" and "Idoso Feliz Participa Sempre". Concerning the profile, PM and non-PM share some similarities namely most of them are older than 60, married and live with their wives, retired, consumers of alcoholic beverages and stopped smoking. Regarding the differences between PM and non-PM we verified the following aspects: in non-PM men work even after being retired, usually do not practice Physical Exercises (PE), are in the phase of pre-contemplation and contemplation for the practice of PE and suffer from more health problems than PM. Furthermore we identify that the participation in TAGs can be explained by the following sub-categories: idleness, wish to practice PE and incentives from other TAGs participants. The non-PM recognize that TAGs can offer benefits for them but mention the following reasons to not take part in TAGs: lack of time, the bonds of friendship and work-related organizations and shyness to be among women. From the perspective of PM and PW, non-PM do not take part in TAGs because of shyness to be among women and because they don't feel themselves comfortable to admit their aging. The conclusion is that there is much work ahead to educate older men to be recognized as such, and as being participants in this her own life cycle stage without prejudice, for it may be necessary to plan and implement strong educational strategies that reach the male audience. Further research with this genus, to propose activities with which to identify themselves and give themselves the opportunity to participate, because in our professional view of the problem lies in the manner adopted by our society to drive the human, which collaborates with men have low ability to interact in leisure activities and within families. Therefore, it is necessary interventions to promote the ideas: that being old is not synonymous with the disabled, to be vacated is no sin or misdemeanor, because life is not only made work.

Keywords: aging, third age groups, education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO: UMA PERSPECTIVA ABRANGENTE	21
2.1	PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: A CONTINUIDADE DO APRENDER	21
2.1.1	Afinal, educação só acontece na escola?	24
2.1.2	Educação Permanente.....	29
2.1.3	Trabalho educacional com idosos	34
2.1.4	O contexto para a educação de pessoas idosas – universidades e GTIS.....	38
2.2	ENVELHECIMENTO E A QUESTÃO DO GÊNERO.....	43
2.2.1	Homem na sociedade – poder ameaçado na velhice e baixa participação social	46
2.2.2	A participação masculina em GTIs	50
2.2.3	O porquê investigar a inserção de homens idosos em universidades e GTIs.....	55
3	PERCURSO METODOLÓGICO.....	59
3.1	Considerações éticas	61
3.2	Ambiente da pesquisa.....	61
3.3	Sujeitos participantes da pesquisa.....	65
3.4	Instrumentos	67
3.5	Etapas da coleta de dados	68
3.6	Tratamento e análise dos dados	70
4	PANORAMA DA EDUCAÇÃO PARA O ENVELHECIMENTO NA CIDADE DE MANAUS: PERSPECTIVA DOS GTIS E DA PARTICIPAÇÃO MASCULINA	72
4.1	GRUPOS DE TERCEIRA IDADE EM MANAUS – EXPANSÃO DA EDUCAÇÃO PARA O ENVELHECIMENTO ATRAVÉS DO GTIS.....	72
4.2	CONHECENDO O PERFIL DOS HOMENS PARTICIPANTES E NÃO PARTICIPANTES DE GTIS.....	83
4.2.1	Caracterização sócio demográfica dos HPs e HNPs.....	83
4.2.2	Hábitos relacionados à saúde dos HPs e HNPs de GTIs.....	91
4.3	HOMENS E A PARTICIPAÇÃO EM GTI: ANÁLISE DA PERSPECTIVA DO QUE ELES E ELAS DIZEM	95

4.3.1	SENTIMENTOS RELACIONADOS À APOSENTADORIA DOS HPs E HNP	97
4.3.1.1	Faltando alguma coisa/Vazio	97
4.3.1.2	Depressão	98
4.3.1.3	Reagi bem	100
4.3.1.4	Não senti nada	103
4.3.1.5	Comparações entre subcategorias do HPs e HNP	104
4.3.2	CAUSA PARA PARTICIPAR DE UM GTI PARA OS HPs	105
4.3.2.1	Falta de atividade.....	105
4.3.2.2	Atividades Físicas	106
4.3.2.3	Esposa/cunhada	108
4.3.3	PERCEPÇÃO SOBRE GTI PARA OS HNPS	110
4.3.3.1	Muito bom/ótimo	111
4.3.3.2	Muito parado	115
4.3.4	CAUSA PARA NÃO PARTICIPAR DE UM GTI.....	116
4.3.4.1	Compromissos	116
4.3.4.2	Grupos	119
4.3.4.3	Vergonha	121
4.3.4.4	Não quer ser velho	123
4.4	ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO MASCULINA EM MANAUS ATRAVÉS DA TRIANGULAÇÃO DOS RESULTADOS	127
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES.....	131
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	137
	ANEXOS	152
	APÊNDICES	153

1. INTRODUÇÃO

A ideia inicial da presente pesquisa *Participação masculina em grupos de terceira idade de Manaus: Educação, Gênero e Envelhecimento*¹, surgiu com o anseio de dar continuidade ao trabalho monográfico realizado na especialização em Gerontologia² e também de aprofundar a temática envelhecimento masculino, visto que muitas vezes a velhice é tratada de maneira assexuada.

Nossa primeira pesquisa sobre o assunto nasceu da vivência de estágio no Programa Idoso Feliz Participa Sempre, Universidade na Terceira Idade Adulta, da Universidade Federal do Amazonas (PIFPS-U3IA-UFAM) entre os anos de 2006 e 2009, onde através de observações e contato com outros programas para terceira idade percebemos a baixa adesão masculina nas atividades, resolvendo assim investigar sobre esse tema.

Iniciamos com um levantamento bibliográfico e percebemos que o envelhecimento é praticamente um fenômeno feminino. As mulheres vivem mais do que os homens em quase todos os lugares do mundo, o que produz o fenômeno conhecido como feminização do envelhecimento (WHO, 2005; BERQUEÓ, 1988).

A maior longevidade das mulheres é explicada pelos diferenciais de expectativa de vida entre os sexos, fenômeno mundial, mas que é bastante intenso no Brasil, haja vista que, em média, as mulheres vivem oito anos mais que os homens (IBGE, 2002).

Verificamos também que a maioria das pesquisas na área da Gerontologia tinha como principal sujeito a mulher idosa. Pesquisas geradas no PIFPS-U3IA e em demais programas de atividade física para terceira idade comprovam esse fato. Ou seja, em sua

¹ Título inicial do projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFAM).

² Curso de Pós-graduação em Gerontologia: qualidade de vida ativa no desenvolvimento adulto, da Universidade Federal do Amazonas. Pesquisa intitulada: *Participação masculina no PIFPS*.

maioria, os programas de atividade física para a terceira idade no Brasil são frequentados por um pequeno grupo masculino.

A partir desse embasamento teórico realizamos duas pesquisas sobre a participação masculina no PIFPS-U3IA. A primeira pesquisa objetivou registrar os números da participação masculina no programa no período entre os anos de 1995 a 2009, para averiguar se a baixa participação era uma característica recente (QUEIROZ E PUGA BARBOSA, 2009a). Os resultados indicaram que na trajetória de 15 anos do PIFPS-U3IA, a participação masculina sempre apresentou baixos índices. A representatividade da participação das mulheres foi de 90 a 95%, enquanto os homens não ultrapassam 20% do total.

A segunda pesquisa foi sobre as atividades preferenciais dos homens participantes do PIFPS-U3IA, um estudo documental baseado nos registros de matriculados do primeiro semestre do ano letivo de 2009. De acordo com os dados, existem atividades de maior concentração masculina, como: gerontovoleibol, natação, musculação e condicionamento físico; e também aquelas que não possuíam nenhum representante masculino: gerontocoreografia, hidroginástica, autopercepção (QUEIROZ E PUGA BARBOSA, 2009b).

O envolvimento com esses estudos nos inspirou a prosseguir e aprofundar a temática do envelhecimento em grupos de terceira idade tendo como principal foco o homem idoso, por se tratar de um sujeito esquecido, e na maioria das vezes inexistente nas pesquisas gerontológicas, inclusive justificado quantitativamente pela sua participação que não favorece cálculos estatísticos. E também pela própria trajetória histórica do homem na sociedade ocidental que, formado em um contexto machista de dominação, com a supervalorização de elementos viris de força, do desempenho sexual e de dedicação ao trabalho, vê ameaçados esses referenciais com as perdas biológicas e

a aposentadoria trazidas pela fase do envelhecimento, apresentando dificuldades de ajustamento e identidade, diminuindo sua participação social.

Também o fato dessas duas pesquisas terem sido fundamentadas em dados puramente quantitativos nos impulsionou a investigar o envelhecimento a partir de uma abordagem qualitativa, priorizando assim o campo dos significados que permeiam as ações humanas.

Podemos dizer que essa foi a ideia inicial e geradora que norteou esse trabalho e que, no desenvolvimento do Mestrado em Educação, passou a ser enriquecida através das experiências nas disciplinas e discussões com colegas da turma e professores gerando, assim, novas ideias e perspectivas até então não existentes.

Uma dessas perspectivas foi a reflexão sobre Educação e Envelhecimento, que surgiu da necessidade que sentimos em justificar a presença desse trabalho no contexto do Mestrado em Educação. Afinal, como localizar o envelhecimento na área educacional, em um ambiente onde ainda não é comum reconhecer o idoso como um sujeito do processo educativo e como alvo de pesquisas educacionais?

Assim, associar essas duas temáticas apresentou-se como um desafio para nós, pelo fato da nossa investigação expor elementos distintos da maioria das pesquisas educacionais: em vez de instituição escolar, grupos de terceira idade; em vez de crianças ou jovens, idosos; ao invés de formalidades conteudistas, informalidades do aprender a ser e a viver.

Porém, esse não é um desafio local, trata-se de um desafio de amplitudes globais e que se revela cada vez mais pertinente para o presente século, onde todos estão envolvidos. Primeiramente, temos o fenômeno mundial do envelhecimento. Em todo o globo, observa-se que a proporção de pessoas com 60 anos está crescendo mais rapidamente que a de qualquer outra faixa etária. Conforme estimativas da Organização

Mundial de Saúde (OMS), até 2025, o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos (WHO, 2005).

O processo de envelhecimento populacional e as mudanças da longevidade humana levantam a preocupação em formular mecanismos de prevenção e promoção da saúde da pessoa idosa, visto que essa etapa da vida é marcada por doenças crônicas e incapacitantes, que comprometem a qualidade de vida. Isso exige das políticas públicas uma atenção especial que priorize o cuidado com a saúde e envolva ações educativas de prevenção e promoção de uma vida saudável na velhice.

Concomitante ao envelhecimento, a perspectiva atual é de ampliação do papel da educação na dinâmica das sociedades modernas. Segundo Delors (1998), a educação tem ocupado cada vez mais espaço na vida das pessoas, pelas novas exigências da sociedade, conceituada freqüentemente de sociedade educativa, tudo pode ser ocasião para aprender e desenvolver talentos.

Assim, a educação tem sido pensada como um todo. Um conceito que envolve todos os indivíduos, independente de faixa etária; que enxerga a vida em sociedade como uma eterna aprendizagem e que ultrapassa os limites tradicionais, presos muitas vezes à instituição escolar. É uma educação permanente, que se dá ao longo da vida.

Aqui se unem os dois temas desafiadores para este século: educação e envelhecimento. Educar a sociedade para o envelhecimento é algo cada vez mais necessário. Principalmente pela prevalência do estigma discriminatório que persegue os idosos que, por não serem *produtivos economicamente*, não são considerados sujeitos merecedores de atenção e de oportunidades nos diversos âmbitos sociais, especialmente no que concerne à educação.

Outro fator que fundamenta a educação para o envelhecimento é a própria condição existencial, o aprender a ser idoso e o gerenciar seu envelhecimento saudável nos diversos aspectos: social, psicológico e biológico.

Há quem diga que o ser humano em idade avançada já não tem mais nada a aprender, que o envelhecimento seria só estagnação, estabilização ou desaceleração. Pelo contrário, a velhice traz consigo inúmeros desafios, como por exemplo: *Como reagir às mudanças corporais, diminuição da força física, da resistência, ao aparecimento de doenças crônicas? O que fazer quando sobra tempo para ficar dentro de casa? Qual função exercer na sociedade? Em que ocuparei minhas horas, já que não trabalho? Como administrar a perda dos mais próximos e lidar com a morte? Enfim, como reger essa nova-velha vida garantindo o bem-estar?*

Essas indagações conduzem os idosos a uma situação dinâmica de aprendizagem, pois a vida em si, independente da etapa, é condição para aprender. Sendo assim, *saber envelhecer* é uma nova exigência da atualidade.

A competência de *saber envelhecer* tem suas bases no *envelhecimento ativo*³, termo que expressa a seguinte visão: o envelhecimento pode ser uma experiência positiva e uma vida mais longa deve ser acompanhada de oportunidades contínuas de saúde, participação e segurança. Durante o processo de envelhecimento a meta fundamental é garantir a autonomia e independência dos idosos, de maneira que essas pessoas tenham participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis.

Para isso, os idosos necessitam de uma educação que lhes forneça um amadurecimento saudável e que mantenham a capacidade de estar fisicamente ativos. É

³ Termo adotado pela Organização Mundial da Saúde. Envelhecimento ativo é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas.

nesse sentido que iniciativas em prol da educação para o envelhecimento são importantes, e nos remete a pensar a situação da população manauara.

A disseminação de ações educativas voltadas ao público idoso em Manaus provém de diversas iniciativas em defesa dos direitos dos idosos, datadas entre o final dos anos 80 e início dos 90, como o surgimento e atuação dos próprios Grupos de Terceira Idade (GTIs), Fórum Permanente do Idoso (FOPI - AM), das pesquisas universitárias e extensão, e programas do Estado e Prefeitura impulsionados pelo Estatuto do Idoso: Delegacia do Idoso, Fundação Doutor Thomas entre outros.

O projeto PIFPS-U3IA: DISCIPLINAS teve importante parte nessa história, ao iniciar seu trabalho em 1993 atendendo pessoas de meia idade e idosos, tendo como carro chefe a Educação Física Gerontológica para o desenvolvimento da motricidade humana do adulto. Contribuindo na formação de pessoal na área do envelhecimento através de especializações, estágios, disseminação não só na capital amazonense, mas em alguns municípios do interior.

Atualmente, a cidade de Manaus, nesses quase 20 anos de desenvolvimento na área da Gerontologia, oferece muitas opções de educação e lazer para pessoas idosas, por este motivo, esse fenômeno precisa ser registrado e esmiuçado a fim de subsidiar ações, construir intervenções que estejam de acordo com o perfil do idoso manauara.

Assim, envelhecimento masculino no contexto dos GTIs de Manaus é uma temática pertinente, pois focaliza homens idosos manauaras que resolveram construir sua velhice dentro de um grupo, participando de atividades físicas. E também homens idosos que decidiram não participar. Entrevistando esses homens, buscaremos descrever através de suas falas qual a relação do homem idoso com o grupo, o que pensam sobre e por que não participam. Questões estas que nos conduzem aos objetivos desta pesquisa.

O objetivo geral compreendeu a investigação da participação masculina em grupos de terceira idade com vocação educacional para o envelhecimento em Manaus, a partir de depoimentos de homens participantes e não participantes e de mulheres que participam; enfatizando aspectos que permeiam a construção do envelhecimento masculino.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram determinados três objetivos específicos:

1. Identificar a quantidade de grupos de terceira idade atuantes na cidade de Manaus, cadastrados no Fórum Permanente do Idoso – FOPI-AM, juntamente com o quantitativo de participantes do sexo masculino e as atividades ofertadas por cada grupo;
2. Caracterizar os homens participantes e não participantes de grupos de terceira idade com vocação educacional para o envelhecimento nos aspectos sociodemográficos, comportamentos relacionados à saúde;
3. Analisar as causas para participação e não participação masculina em grupos de terceira idade com vocação educacional para o envelhecimento, a partir do depoimento de homens participantes e não participantes, e de mulheres que participam.

Esta dissertação foi organizada em três capítulos assim distribuídos. O segundo capítulo faz uma reflexão sobre duas temáticas desafiadoras para a atualidade: educação e envelhecimento. A educação vista pela perspectiva permanente, de aprendizagem ao longo da vida, promovida em ambientes diferenciados do convencional e com novos conteúdos e atores: a pessoa idosa. Focaliza o trabalho educacional com idosos em universidades e GTIs. Versa também a respeito do envelhecimento e a participação

masculina nas ações educacionais, justificando a importância de investigar o homem idoso.

O terceiro capítulo explica o percurso metodológico da pesquisa, discorrendo sobre considerações éticas, ambiente da pesquisa, sujeitos, instrumentos, etapas, análise e tratamento dos dados. O quarto capítulo reúne todos os resultados e discussões geradas por essa pesquisa, sendo organizado sequencialmente por subdivisões que correspondem aos objetivos específicos. E encerra com o quinto capítulo referente às considerações finais envolvendo reflexões sobre os dados e recomendações.

2 EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO: UMA PERSPECTIVA ABRANGENTE

Iniciamos este capítulo aludindo a uma reflexão sobre a educação. A palavra educação na atualidade parece sempre estar atrelada a ensino, aprendizagem, professor, aluno. Geralmente a ideia que fazemos dela está baseada na *educação formal*, tendo como ponto de referência a instituição escolar.

O tema deste capítulo: *Educação e Envelhecimento* surgiu através da reflexão pelas seguintes questões: *Por que estudar educação de velhos, se o convencional é estudar só a educação de crianças e jovens? Será que é viável falar sobre educação para idosos? Idosos ainda precisam aprender algo? Para que serviria essa educação? Qual seria sua importância e sua influência na sociedade atual?*

Todos esses questionamentos reúnem-se em uma questão principal, condutora da nossa reflexão: *Como a educação tem sido pensada na atualidade?* Por isso, na proposta deste capítulo, trazemos a discussão sobre a educação, indo além da chamada *educação formal*, abordando tópicos da Educação Permanente e ao longo da vida, trabalho educacional para e com pessoas idosas e a ação das universidades e grupos de terceira idade através da atividade física. Usamos como base, ideias das ciências sociais: Sociologia e Antropologia, reunidas através de autores como: Brandão (2007); Furter (1983); Kruppa (1993), Villar (2004); Assmann (1998); Cachioni (2006) entre outros.

2.1 PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: A CONTINUIDADE DO APRENDER

O envelhecimento é um fenômeno mundial. Em todo o globo, a proporção de pessoas com 60 anos ou mais está crescendo mais rapidamente que a de qualquer outra

faixa etária. Conforme estimativas da Organização Mundial de Saúde (OMS), até 2025, o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos (WHO, 2005).

O processo de envelhecimento populacional, as mudanças da longevidade humana, a explosão demográfica e a abertura do horizonte geográfico levantam importantes reflexões em todos os âmbitos da sociedade e precisam ser compreendidos em suas diversas peculiaridades.

A explosão demográfica em nosso século, que gera a sensação de um planeta cada vez mais cheio e repleto de homens, se deve ao fato de que se desenvolveu uma dupla ação em prol da vida humana, um conjunto de medidas, de ação intelectual de luta contra a mortalidade, as epidemias e as doenças, e de uma ação material e a longo prazo de melhoria das condições de vida e pela promoção da higiene pública (FURTER, 1983, p.14).

A abertura e alargamento do horizonte geográfico oportunizaram a difusão da informação, cada vez mais rápida; o advento da cultura de massa, o nascimento de um mundo do consumo e a coexistência, numa mesma nação ou entre nações, de diversas concepções de vida e de homem (FURTER, 1983, p.19).

Concomitante às mudanças na estrutura populacional do mundo, é possível notar intensas mutações na forma de gerir a vida. O homem da sociedade moderna, que antes possuía uma identidade bem definida e bem localizada no mundo cultural e social, agora, por conta do fenômeno da globalização, da intensificação do intercâmbio de ideias, produtos e valores entre diferentes povos, experimenta a fragmentação e o deslocamento de suas identidades (HALL, 2006).

Sendo assim, a vida social e cultural, as formas de ser e perceber em sociedade estão em constante movimento, fazendo do homem um ser em mutação, em contínua construção e nunca acabado.

Compreender o ser humano atual e o contexto em que ele vive oferece-nos subsídios para também refletir sobre a educação do nosso tempo. O que, a princípio, não se trata de uma tarefa simples, visto que a dificuldade da situação atual surge do fato de que os indivíduos e o mundo mudam continuamente.

Considerando que o sentido da educação está voltado para a promoção dos indivíduos (SAVIANI, 2004, p.35), é bem verdade afirmar que, assim como a humanidade, a educação está em plena mutação (DELORS, 1998).

No entendimento de Assmann (1998), no mundo atual, palavras como: *conhecimento, aprender e saberes* viraram assunto obrigatório, pois vivemos na sociedade da informação, onde o conhecimento é e será o recurso humano, econômico e sociocultural mais determinante na nova fase da história da humanidade. O autor também usa a expressão *sociedade aprendente*, com intuito de inculcar que a sociedade inteira deve entrar em estado de aprendizagem e transformar-se numa imensa rede de ecologias cognitivas (ASSMANN, 1998, p.19).

Pela rapidez evolutiva do mundo e de sua exigência contínua de atualização de saberes, os conhecimentos adquiridos na idade escolar parecem não ser suficientes para toda a vida. Isso contribui para a multiplicação das possibilidades de aprendizagem na sociedade, ou seja, fora do âmbito escolar.

Esta infinidade de transformações que marcam o mundo atual traz a necessidade de pensar uma concepção mais aberta de educação (CACHIONI e PALMA, 2006, p.1456). É a árdua tarefa de “pensar a educação num mundo infinito e, no entanto, dentro de um universo limitado” (FURTER, 1983, p.13). Para isso, é importante começar com algumas reflexões sobre seu conceito.

2.1.1 Afinal, educação só acontece na escola?

A Educação é um conceito que vem sendo desenvolvido e discutido ao longo dos séculos pela sociedade, pois o homem, sempre buscou uma melhor forma para poder se relacionar com os outros. Como todo conceito, a educação também mostra-se como um vocábulo carregado de sentidos, em torno do qual existe muita história e muita ação social (MINAYO, 2007, p.19).

Os dicionários da Língua Portuguesa definem educação como uma palavra derivada do latim *educatio*, que significa o processo de desenvolvimento da capacidade individual, intelectual, moral, física do ser humano; estando relacionada à instrução e ao ensino (FERREIRA, 2008; LAROUSSE, 1992, p.386).

Ensino, segundo essa mesma fonte, é o exercício da educação; a organização escolar como um todo, ou cada um dos seus graus. De maneira geral, os conceitos de educação, ensino e aprendizagem passam sempre por um denominador comum - a ideia de instruir. Instruir seria formar o espírito de alguém com lições e conhecimentos e, neste contexto, a escola é apresentada como casa ou principal estabelecimento responsável por essa instrução (LAROUSSE, 1992, p.440).

Se recorrermos à Constituição Brasileira, a educação é observada pela lente de uma concepção política e passa a ser entendida como um direito de todos e como dever do Estado e da família (BRASIL, 1998). A educação aqui, certamente refere-se à educação institucionalizada que possui leis para sua regulamentação, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 9.394/96, que estabelece como devem organizar-se a educação básica, o ensino fundamental, médio, técnico e superior.

As idéias que envolvem educação muito se confundem com a educação escolar. A democratização do sistema escolar e o frequente uso de termos como idade escolar,

obrigatoriedade escolar, educação básica, ensino fundamental, ensino médio entre outros, fixou a tendência de reduzir a educação a um determinado período da vida e a um local específico: a escola.

A importância e o poder que a instituição escolar adquiriu ao longo dos anos permitiram que nossa ideia de educação fosse solidificada apenas sobre essas bases, predominando o pensamento: *escola é sinônimo de educação*; e fora da escola ela pode até existir, mas não com tanta importância.

Seria esta uma interpretação correta e própria à educação? Estaria a educação resumida a um local específico (escola e sala de aula), a uma etapa marcada cronologicamente ou biologicamente, ou mesmo a conteúdos fixos? Tais questionamentos destacam três aspectos sob os quais a educação pode ser analisada: o local, os atores e os conteúdos relacionados.

O primeiro aspecto, que se refere à concepção de educação atrelada a um local, sempre nos leva a pensar a escola como único, exclusivo e supremo lugar de educação.

Se analisarmos a educação sob a ótica da Sociologia, veremos que esta é definida como um processo social amplo, que ocorre independente da escola, embora apareça em seu interior (KRUPPA, 1993). A escola é apenas uma das instituições sociais que foi sistematizada para satisfazer uma determinada necessidade, porém existem outras instituições. A família, o Estado, a igreja, o partido político entre outros, são exemplos de instituições sociais onde se dá um processo educativo permanente de socialização, ou seja, de tornar um indivíduo membro da sociedade.

De acordo com Kruppa, a sociedade, como um todo, é uma situação educativa, a vivência entre as pessoas é condição da educação e, assim, *a educação se mistura com toda vida social* (1993, p.22).

Complementando esse raciocínio, Brandão (2007) enriquece nossa reflexão ao afirmar:

A educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado (p.13).

Neste sentido *ninguém escapa da educação*. Todos nós envolvemos pedaços da vida com ela, seja para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. “Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação” (BRANDÃO, 2007, p.7). Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos.

Não é nosso objetivo desmerecer a instituição escolar e os processos educativos que nela acontecem, mas sim difundir uma interpretação da educação no seu sentido mais amplo, entendendo que a própria vida em sociedade é fator determinante da presença da educação. Isso nos leva a reconhecer outros espaços educativos além da escola e conseqüentemente a pensar no segundo aspecto influenciado da concepção de educação: seus atores.

Professor e aluno são os únicos atores destacados na concepção de educação escolar. Por mais que se tenham vários estudos sobre o sujeito da aprendizagem e que existam reflexões em torno de outros atores, essa reflexão torna-se pertinente principalmente quando o assunto é faixa etária.

Segundo a fala do sociólogo francês Émile Durkheim:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política [...] (1978, p. 41).

No conceito defendido por Durkheim, a educação aparece como um meio de socialização destinado a um público seletivo: às novas gerações, ou seja, às crianças. Nesse modelo, os únicos atores em destaque são: o professor, geralmente na fase adulta, e o aluno, que se encontra na infância, na adolescência ou na juventude. Esses são os atores que estamos acostumados a ver.

Se representarmos a educação como um espetáculo teatral, a escola seria o palco onde ela sempre ocorre, e os atores principais seriam: professor e aluno, personificados em faixas de idade bem definidas. Essa é uma apresentação já conhecida pelas pessoas e por se repetir continuamente, tornou-se algo convencional. A partir do momento em que mudam o cenário do palco e trocam os atores da peça é gerada certa aversão, uma estranheza ao novo. Pois afinal, no palco da educação, os velhos só assistiam, não atuavam.

Em outras palavras, a concepção de educação não inscreve os idosos como alunos, pois, para nossa sociedade, adultos e idosos já não precisam aprender mais nada sobre o mundo. Parece haver um tabu que circunscreve uma determinada faixa etária a educação, que estabelece limite, até que idade se pode aprender algo. Depois de adulto, ou melhor, idoso, não precisa, nem se está apto para ser ator ou sujeito da educação.

A Psicologia Evolutiva, com suas explicações sobre aprendizagem fundamentadas por faixa de idade e desenvolvimento fortaleceu esse paradigma. De acordo com o pensamento de Villar (2004), até a década de 60, a velhice não ocupava interesse das Ciências da Educação.

Grande parte disso deve-se a Psicologia Evolutiva (PE) que entendia *desenvolvimento* unicamente como *progresso*, e restringia esse *desenvolvimento* a certas etapas da vida, com exclusividade e ênfase nas primeiras. Prova disso, é que os autores clássicos da PE (Piaget, Wallon, Greud, Gesell, Wener, etc.) desconsideravam a velhice

como objeto do desenvolvimento; e pior, associavam-na a uma etapa de declive, tendo como único ponto de apoio os fatores maturacionais e biológicos.

Nos anos 70, surge uma corrente teórica denominada ciclo vital (Baltes, 1987; Baltes, Lindenberger e Staudinger, 1998) que passa a entender o desenvolvimento como um processo que possui tanto ganhos como perdas e que se estende ao longo da vida. Também como um processo que não depende apenas de fatores maturacionais, mas da influência do contexto sociocultural, ou seja, um processo aberto, que independe da idade. Essa nova corrente teórica possibilitou o entendimento de que durante toda a vida é possível aprender, mesmo nos *últimos* anos de vida.

O terceiro e último aspecto refere-se aos conteúdos. Segundo Sacristán (1996) os conteúdos que formam os currículos escolares são selecionados pelo seu valor de aplicação no mercado de trabalho. O sistema produtivo exerce grande influência no sistema escolar fazendo com que este transmita apenas os saberes que lhe são mais úteis.

Os estudos acadêmicos são parte do processo de educação do ser humano e seus saberes contribuem para a formação e o progresso de uma nação. Isso é inegável. Porém, não se podem abandonar os conteúdos reflexivos relacionados à vida e seus valores e que consideram a realidade sociocultural de cada indivíduo.

No caso do idoso passar a ser reconhecido como um ator na educação, surge a indagação: *qual seria o conteúdo, ou os conteúdos a serem aprendidos na velhice?* O que podemos dizer é que os conteúdos não seriam os mesmos convencionais à sala de aula. Isso não exclui a possibilidade de serem trabalhados nessa idade, eles podem sim e devem ser trabalhados quando houver interesse, no entanto, além de terem uma formatação diferenciada, eles devem ter um eixo principal, a saber, a própria vida.

A educação é muito mais do que um período, que uma etapa, que uma tarefa, ou ainda que uma fase. Educação é um processo contínuo; não é momentâneo ou passageiro, mas sim uma dinâmica que precisa ser buscada e vivida durante toda a existência (GIRARDI, 2007).

2.1.2 Educação Permanente

Normalmente no âmbito escolar, a educação é vista como *a preparação para vida*, expressão que a primeira vista parece muito agradável, mas que encerra um grave perigo, o de pensarmos que é possível o indivíduo se preparar para a vida primeiro e depois ir viver. Pelo contrário, a educação se processa enquanto o indivíduo vive, é durante toda sua vida. Em outras palavras: Nascer é a condição para início da educação e morrer para seu término. Educação não se separa da vida.

John Dewey, em determinado contexto, traz-nos ideias semelhantes ao afirmar:

Educação é processo de vida, educação é vida, não preparação para a vida. Educar-se é crescer, não já no sentido puramente fisiológico, mas no sentido espiritual, no sentido humano, no sentido de uma vida cada vez mais larga, mais rica e mais bela, em um mundo cada vez mais adaptado, mais propício, mais benfazejo para o homem (1971).

Igual pensamento é expresso por Nunes (2008): vida e educação são ideias iguais e o objetivo da educação se confunde com o objetivo da própria vida. **Começamos a nos educar quando nascemos e só interrompemos a educação quando morremos.** Assim, a educação tem sido pensada sob a perspectiva da vida.

Furter, em sua obra *Educação e Vida*, discute implicações da educação numa visão planetária do mundo, a partir de uma lente antropológica “dominada pela ideia de que a vida se processa por uma série ininterrupta de mudanças profundas, que obrigam o homem a se educar continuamente” (FURTER, 1983, p.9). Essa perspectiva carrega o conhecimento que o ser humano é um ser em contínua maturação - ele *pode* (por ser aperfeiçoável e plástico) e *deve* (por ser prematuro e inacabado) maturar.

Isso supera as afirmações da antiga Psicologia da Aprendizagem, a qual afirmava que a partir de certa idade o homem não podia modificar-se, nem aprender nada de novo. Elimina também a ideia de que a vida é dividida em dois períodos diferentes: o primeiro em que o homem deve aprender, maturar, e o segundo em que ele vai apenas usufruir da maturidade alcançada. Ou em três grandes etapas da vida: a) formação – cujo objetivo único é adquirir conhecimento, compreende as fases da infância; b) produção – fase destinada à aplicação dos conhecimentos recebidos na fase anterior (a de formação); e c) descanso – fase onde abandona-se a produção (VILLAR, 2004).

Tais fundamentos, inspirados na antropologia moderna, concorrem para que a educação não seja entendida como um ponto final, mas sim como um ponto de partida em que também o passado se liga dialeticamente ao futuro no contato frutífero de gerações. A essa perspectiva Furter usa o termo Educação Permanente e propõe a seguinte definição:

A educação permanente é uma concepção dialética da educação, como um duplo processo de aprofundamento, tanto da experiência pessoal quanto da vida social global, que se traduz pela participação efetiva, ativa e responsável de cada sujeito envolvido, qualquer que seja a etapa da existência que esteja vivendo (1983, p.136).

Esta definição, segundo ele, provisória, inclui três pontos fundamentais:

- a) qualquer atividade humana presta-se à formação;
- b) a educação é uma atividade de um sujeito e não de um conjunto de instituições;
- c) a educação é sumamente ligada à nossa maneira de viver o tempo e os tempos; consiste em aprender como organizar a sua vida no tempo, seja qual for a idade cronológica de alguém (1983,p.137).

Educação Permanente é um termo muitas vezes alvo de interpretações errôneas. A confusão no uso dessa expressão talvez esteja no seu surgimento. De acordo com Oliveira (1987), a expressão Educação Permanente foi empregada pela primeira vez, em 1955, por Pierre Arents na elaboração do Projeto de Reforma de Ensino da Liga Francesa. Segundo Lima (1974) a Educação Permanente nasceu de um prolongamento direto da educação de adultos, o que explica em parte certa confusão entre os dois termos.

Porém, por mais que a educação de adultos passasse a ser permanente, a Educação Permanente vai muito mais além. De acordo com Lima (1974), ela não pode ser entendida a partir do sistema escolar vigente nem como uma educação extra-escolar.

Nas palavras de Furter (1983), a Educação Permanente não pode ser reduzida a uma educação extra-escolar, nem complementar, nem prolongada, nem fundamental, nem tampouco de adultos, porque todas essas interpretações só veem uma parte do problema. “A educação permanente não é algo que se acrescenta a um sistema dado. Não é um novo setor, um novo campo. É uma nova perspectiva, que leva os educadores a redefinir toda e qualquer educação” (FURTER, 1983, p.136).

A partir dessa perspectiva, a finalidade da educação não está em alargar o campo de ensino, nem em manter mais alunos dentro da escola, muito menos em equipará-la à educação tradicional. A educação é entendida como uma “tarefa que contínua e constantemente o homem deve realizar em todas as situações em que está vivendo” (FURTER, 1983, p.127).

A educação permanente apresenta-se como uma maneira radical de responder pedagogicamente às mudanças profundas que ocorrem no mundo atual. Sobre esse assunto, um importante documento, que não pode deixar de ser citado, é o Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, destinado à Organização

das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), cujo título Educação: um tesouro a descobrir.

Esse relatório explora a ideia de *educação ao longo de toda a vida, baseada em quatro pilares*: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser (DELORS, 1998). São eles:

- Aprender a conhecer: seria aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida; combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias.
- Aprender a fazer: consiste não só em adquirir uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe.
- Aprender a viver juntos: procura desenvolver a compreensão do outro e a percepção das interdependências no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz. Realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos.
- Aprender a ser: para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se.

Esses pilares baseiam-se nas novas exigências da sociedade, conceituada freqüentemente de sociedade educativa, onde tudo pode ser ocasião para aprender e desenvolver os próprios talentos. Assim, a educação ganha uma perspectiva que ultrapassa a distinção tradicional entre educação inicial e educação permanente. O que importa é conceber a educação como um todo.

De acordo com Faure (1973), o conceito de Educação Permanente se estende a todos os aspectos do fato educativo: engloba tudo e o todo é maior que a soma das partes. Em 1976, a Conferência de Nairóbi organizada pela UNESCO validou a ideia de educação como programa total para a vida das pessoas, estabelecendo os seguintes princípios:

- a) o homem é agente de sua própria educação por meio da interação permanente de suas condutas e reflexões;
- b) a Educação Permanente envolve todas as dimensões da vida, todos os ramos do saber e todos os conhecimentos práticos que pode se adquirir por qualquer meio, a fim de contribuir para o desenvolvimento da personalidade da melhor maneira possível. Não se limita ao período da escolaridade;
- c) a intervenção educativa que se estende ao longo da vida (jovem-criança-adulto) há de ser vista como um todo, qualquer que seja a sua forma.

Em resumo, a expressão permanente abrange todos os sentidos da formação: na dimensão temporal (ao longo de toda a vida), na perspectiva dos conteúdos (todos os ramos do saber), na visão do método (por meio da interação conduta-reflexão) e dos fins (desenvolvimento da personalidade na melhor maneira possível).

Lembrar esses princípios reafirma a fé na possibilidade de progresso dos indivíduos de todas as idades por intermédio da educação. Associá-los a iniciativas de educar adultos maduros e idosos confirma que o potencial humano para o desenvolvimento e para influenciar pessoas e não se encerra na velhice (CACHIONI, 2003). Sendo assim, os princípios da Educação Permanente abrem-nos a perspectiva para pensar o trabalho educacional com idosos.

2.1.3 Trabalho educacional com idosos

O grande desafio para o novo século é gerar melhores condições e oportunidades para que todos tenham possibilidade de crescer e criar seu próprio bem-estar e da comunidade a que pertencem. Para encarar esse desafio a educação surge como um triunfo indispensável à humanidade, tendo o papel essencial para o desenvolvimento contínuo, tanto das pessoas quanto das sociedades (DELORS, 1998).

Como já vimos, isso exige que o processo educativo seja interpretado de uma maneira mais ampla, transcendendo a visão puramente instrumental da educação, percebida anteriormente como via obrigatória para obter resultados (experiência prática, aquisição de capacidades diversas, fins de caráter econômico) e passando a considerar sua função em toda sua plenitude, ou seja, a realização da pessoa, que toda ela aprenda a ser (CACHIONI E PALMA, 2006).

No contexto atual, as oportunidades para continuar aprendendo durante a velhice estão aumentando. Randell e Mason (1995) lançam alguns argumentos que justificam a necessidade de investimentos na educação de idosos:

- a) Nunca as pessoas tiveram vida tão longa, e nunca foram tantas as pessoas vivendo muito;
- b) Existe maior tempo disponível para atividades que não são do mundo do trabalho, o que possibilita uma tendência de mudar a forma de utilização do tempo;
- c) A velhice de hoje tem um delineamento mais autônomo do que do passado.

De acordo com o paradigma do desenvolvimento ao longo da vida (*life span*), o envelhecimento não implica necessariamente em doenças e afastamento, e a velhice, como toda fase do desenvolvimento humano, permite não só a ocorrência de perdas, mas também de ganhos, de natureza compensatória. Segundo Cachioni e Palma, “esse

paradigma dá grande ênfase à atuação da educação como instrumento de promoção de uma velhice bem-sucedida, isto é, com boa qualidade de vida biológica, psicológica e social” (2006, p.1457).

A proposta de educação para idosos pode ter diversos sentidos, isso depende da filosofia adotada sobre velhice e educação. Moody (1976 *apud* Cachioni e Palma, 2006) registrou quatro modelos de paradigmas da educação à velhice, são eles:

a) Modelo da Rejeição: esse modelo aborda uma visão negativa da velhice. Analisa a velhice como um estigma social, dependente das limitações e do declínio, e que não apresenta nenhuma perspectiva de futuro ou de desenvolvimento pessoal. Para ela, a educação destinada aos idosos é um investimento desnecessário, pois esse grupo etário é visto como improdutivo e dependente;

b) Modelo de Serviços Sociais: nela a velhice ainda aparece como algo negativo, mas que deve ser amparado pelo Estado. A educação é unida à ideia de justiça social, e seus serviços são como um *remédio* para um público injustiçado. Nesse modelo, o idoso é tratado como um ser passivo e seus interesses e opiniões não são considerados, não havendo assim preocupação com uma pedagogia específica para os idosos;

c) Modelo da Participação e da Atividade: este nega a passividade e a segregação dos dois modelos anteriores. Nesta concepção, a educação se define como meio de manutenção das habilidades e das experiências dos idosos para que possam intervir nos problemas da sociedade, por meio de programas educacionais direcionado para eles e por eles;

d) Modelo de Auto-realização e Educação Permanente: para este modelo, a educação tem um importante papel, que não é o de divertir ou entreter o idoso, nem de perpetuar papéis desempenhados em outras épocas da vida, mas sim de servir de veículo

para o indivíduo conseguir manter seus níveis normais de funcionamento e desenvolvimento.

Villar (2004), baseado na Psicologia do Desenvolvimento, apresenta também dois modelos de intervenção educativa na velhice, que de acordo com seus objetivos pode ser de natureza compensatória ou potencializadora do desenvolvimento.

Segundo o autor, a educação como compensação é uma das primeiras formas de conceber a educação de idosos. Significa que é possível remediar ou reparar uma perda anterior, por mais que não seja totalmente, a níveis funcionais. A educação compensatória pode traduzir-se em três diferentes objetivos, de acordo com Sánchez (2002) e Villar (2001):

a) saldar uma dívida: gerada por circunstâncias anteriores, sejam históricas ou individuais, pela falta de oportunidades educativas suficientes ou reduzidas. Geralmente, reflete-se nas habilidades instrumentais básicas, como leitura e escrita;

b) prevenir ou remediar déficits associados à etapa da vida (prevenir problemas da idade): entende-se que novas aprendizagens são exercícios benéficos para o funcionamento cognitivo dos idosos. Essa concepção tem fundamentado inúmeros programas de intervenções educativas para idosos. Exemplos típicos destas intervenções são as pesquisas em torno da memória e competências intelectuais e também de fatores psicológicos como aposentadoria, depressão;

c) potenciar as relações sociais: fomento de novas relações sociais, evitando a perda de vínculos sociais; ensino do papel do idoso em sua comunidade, como um meio de adquirir um poder perdido.

O segundo modelo de educação de idosos possui a vertente potencializadora do crescimento. De acordo com a abordagem do ciclo vital e de sua visão de desenvolvimento, os idosos não são apenas capazes de adaptar-se às mudanças e

compensar possíveis perdas, mas também de experimentar ganhos, conseguir novas metas. Ou seja, além dos diferentes enfoques trazidos pela educação compensatória, o enfoque do ciclo vital permite também conceber uma educação centrada no desenvolvimento, como um meio de potencializar o crescimento e aquisição de novas competências (VILLAR, 2004, p.9).

Diante desses modelos, os dois últimos de Moody são os que melhor respondem às demandas atuais, pois uma proposta de educação para o idoso deve fundamentar-se no reconhecimento da heterogeneidade desse segmento etário e no respeito pelo sentido da vida e pela dignidade das pessoas. Além de estimular os alunos a uma atitude positiva, autônoma, independente e responsável.

Neste sentido, é necessário refletir sobre os objetivos de um programa educacional para idosos e os pressupostos que precisam permeá-lo. Cachioni (2006) cita alguns fundamentos indispensáveis aos programas educacionais:

- a) devem realizar-se com, para e pelos idosos, potencializando sua participação;
- b) precisam ter uma metodologia adaptada às características dos idosos, em seus múltiplos aspectos: cognitivos, afetivos e ambientais;
- c) requer uma mudança de atitude social dos próprios idosos;
- d) deve possibilitar uma maior relação com outras gerações e desenvolver a capacidade de exigir seus direitos e autonomia de pensamento.

Os pressupostos utilizados para se pensar a educação de idosos não podem ser os mesmos que se utilizam na educação infantil ou juvenil. Segundo Sáez (2001) o modelo de educação para idosos seria menos sequencial e mais dialógico, sendo o diálogo e a participação os requisitos indispensáveis a essa nova prática educativa.

O tipo de educação que essa clientela reclama enquadra-se num perfil menos acadêmico e voltado à práticas e assuntos de seus interesses e necessidades. Aqui a

educação é interpretada como um processo de comunicação e de construção pessoal e social, onde todos os envolvidos intercambiam significados acerca do que os preocupa e os satisfaz (SÁEZ, 2001). Sendo assim, a proposta de educação para idosos deve ser norteada pelos princípios da atividade (capacidade de manter o idoso ativo através de ampla cobertura social), da independência (preparar o idoso para manter sua independência e autonomia no grau mais elevado possível, evitando que seja um mero receptor das intervenções sociais) e da participação (deve ser respeitado o direito do idoso à interação e participação social).

2.1.4 O contexto para a educação de pessoas idosas – universidades e GTIs

As universidades foram as primeiras instituições que responderam prontamente a essa nova perspectiva educacional. Por volta de 1960, a França criou as primeiras *universidades do tempo livre*, inicialmente com o objetivo de ocupar o tempo livre dos aposentados e favorecer relações sociais; porém, ainda não possuíam a direção da Educação Permanente.

Pierre Vellas, um professor da Universidade de Ciências Sociais de Toulouse na França, foi o grande precursor do trabalho educacional com idosos em universidades. Impulsionado por uma preocupação de cunho social e humanista, ele empenhou-se em pesquisar sobre a velhice e atividades ofertadas a essa clientela. Após vasta investigação, Vellas confirmou que as oportunidades oferecidas aos idosos eram quase inexistentes e lançou a proposta de que a universidade deveria abrir-se a esse grupo etário através de programas intelectuais, artísticos, de lazer e de atividade física (VELLAS 1997 *apud* CACHIONI, 2003).

Foi quando em maio de 1973 foi inaugurada a primeira *Université du Troisième Age*, uma proposta inovadora de universidade aberta a terceira idade cujo objetivo era tirar os idosos do isolamento, proporcionando-lhes saúde, alegria e interesse pela vida (NERI, 2005). O programa iniciou com 40 idosos inscritos, e seis meses mais tarde (setembro de 1973) registrou mais de mil inscrições. A maioria das estratégias usadas nesse trabalho considerava a realidade problemática dos seus estudantes, como depressão, isolamento, doenças; e, por isso, muitas vezes as atividades iam além do currículo, como palestras, debates sobre problemas atuais, passeios, viagens, mostras de dança e eventos culturais abertos.

Com o passar dos anos o programa da Universidade da Terceira Idade de Toulouse foi sendo aperfeiçoado. Em 1974, o programa ganhou caráter regular com cursos durando o ano inteiro. Vellas também criou outras alternativas como: estações de verão e de inverno durante as férias acadêmicas e a Universidade Radiofônica da Terceira Idade, para diminuir o isolamento dos idosos nos domicílios.

As Universidades da Terceira Idade passaram a exercer importante papel para o desenvolvimento das pesquisas gerontológicas e formatou um modelo educacional mais amplo. Para Vellas, concomitante às atividades cotidianas dessas Universidades – educação permanente, educação sanitária, cuidados físicos, ações de serviço à comunidade – deve estar a pesquisa aplicada, para investigar os efeitos dos programas e contribuir para a disseminação da iniciativa de educar os idosos (CACHIONI, 2003).

O modelo de Universidade da Terceira Idade se expandiu não só pelas universidades francesas, mas pelas universidades da Bélgica, Suíça, Polônia, Itália, Espanha, Canadá e Estados Unidos em 1975. A primeira Universidade da Terceira Idade na América Latina surgiu na década de 80, a Universidade Aberta - UNI3 Uruguai, com sede no Instituto de Estudos Superiores de Montevidéu. Atualmente,

países como Paraguai, Chile, Argentina, Panamá, Venezuela, México e Brasil também possuem UNI3.

De acordo com Cachioni e Palma (2006) o movimento internacional de Universidades da Terceira Idade expandiu-se por todo o mundo e sofreu modificações e adaptações conforme as necessidades sociais, perfil educacional e econômico de cada população.

No Brasil a expansão do modelo de Pierre Vellas se deu na década de 90, a partir da implantação da Universidade da Terceira Idade da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Porém outros modelos de universidades para terceira idade já haviam sido implantados na década de 80, como: a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no estado do Rio Grande do Sul, a primeira a implantar atividades físicas para idosos, em 1982, e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 1985.

Também a Universidade Aberta a Terceira Idade da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UNATI-UERJ), com oficina de expressão; Universidade de Passo Fundo – RS, em 1990; Universidade de São Paulo, com o Programa Autonomia para a Atividade Física para Idosos; o PIFPS-U3IA da Universidade Federal do Amazonas entre outros (MAZO, LOPES E BENEDETTI, 2004). Outras instituições contribuíram para o trabalho educacional com idosos brasileiros.

Até o início dos anos 60, a questão social dos idosos não possuía visibilidade no contexto da sociedade brasileira. O país ainda era considerado de jovens, visto que se tinha pouco mais de 5% de pessoas com idade acima de 60 anos. Por esse motivo, as poucas ações sociais direcionadas aos idosos nessa época tinham um caráter exclusivamente assistencialista, servindo somente para suprir carências básicas e

minorar sofrimentos decorrentes da doença e miséria enfrentadas pelos envelhecidos (FERRIGNO *et al*, 2006).

Nesse contexto, as instituições asilares, mantidas pelo Estado e por congregações religiosas, tinha suas ações voltadas exclusivamente ao tratamento de doenças, onde velhice e envelhecimento eram sinônimos de incapacidade, dor e morte; ou seja, a relação velhice ou envelhecimento saudável não era concebida em nossa sociedade, não se cogitava ser velho e ter saúde ao mesmo tempo.

Por isso, não havia outras instituições que oferecessem alternativas de convivência e participação para idosos em bom estado de saúde física e mental. Os asilos eram as únicas instituições específicas destinadas ao público envelhecido e isto, por sua vez, contribuía para fortalecer a distância existente entre os velhos e a sociedade.

A partir dos anos 60, começam a ser implantados no Brasil os primeiros trabalhos para idosos não institucionalizados, baseados na percepção de que a condição marginal dos idosos poderia ser revertida com atividades de lazer, que contornassem a ausência de papéis e a solidão do idoso na sociedade, tidas então como o principal problema de quem envelhece (LIMA, 1999). Assim, em 1963, o Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC – SP) implantou o Trabalho Social com Idosos, sendo o “programa pioneiro no país e possivelmente na América Latina” (FERRIGNO *et al*, 2006, p.1436), destinado a idosos não institucionalizados (ASSIS, 1979).

O grupo de convivência do SESC - SP, inicialmente intitulado de *Carlos Malatesta* (nome do assistente social organizador) integrou comerciários aposentados sem alternativas de preenchimento do seu tempo livre, recebendo posteriormente aposentados de outras profissões.

As primeiras atividades de lazer desenvolvidas foram: comemorações de aniversários, bailes, festas, passeios, além de jogos de salão. Com o decorrer dos anos, novas atividades foram acrescentadas e houve uma expansão dos centros sociais do SESC - SP na capital, no interior e em demais Estados; principalmente por volta dos anos 80 e 90, quando houve o aumento do interesse pela questão da velhice e do envelhecimento pelas instituições de nível superior, além dos avanços na legislação.

A partir desse período, as iniciativas específicas para idosos proliferaram, sendo de caráter variado: programas de pré-aposentadoria, cursos de teatro e dança, programas de lazer, grupos de convivência organizados por administrações municipais e estaduais, agências de turismo, Universidades Aberta da Terceira Idade (UNATIs) entre outros.

Além das universidades, pequenos grupos comunitários adotaram a filosofia do trabalho com pessoas idosas, sendo criados por iniciativa dos próprios comunitários, como grupo de mães, associações de bairro, e também pelo Estado, que na maioria das vezes faz parceria. Esses, segundo Neri (2005), são os chamados grupos de trabalho da terceira idade, ou, simplesmente grupos de terceira idade (GTIs).

O elemento comum entre essas iniciativas é a preocupação com a qualidade de vida do idoso, promoção da saúde, participação e autonomia, com oferta de oportunidades educacionais e culturais. Nesse sentido, as ações desenvolvidas nos GTIs preocupam-se não apenas com reinserção social do idoso na sociedade, mas também às questões relacionadas à promoção da saúde no envelhecimento, tendo a atividade física como principal aliada.

2.2 ENVELHECIMENTO E A QUESTÃO DO GÊNERO

O crescimento da população de idosos é um fenômeno mundial e está ocorrendo a um nível sem precedentes, tanto em países desenvolvidos quanto naqueles em

desenvolvimento. O Brasil tem sofrido um crescimento recente da população idosa. Entre 1991 e 2000, o número de idosos aumentou em quase 4 milhões de pessoas, fruto do crescimento vegetativo e do aumento gradual da esperança média de vida (IBGE, 2002). As estimativas apontam que em 2020 esse grupo etário representará a parcela de 14,7% da população (MAZO, 2004).

Em paralelo a essas alterações demográficas, causadas pela redução da mortalidade e da fecundidade, diversas áreas do conhecimento têm direcionado seus estudos ao envelhecimento, nos seus aspectos sociais, psicológicos, biológicos, relacionados à saúde e política. Uma dessas discussões compreende a desmistificação dos mitos associados ao envelhecimento na nossa sociedade, os quais foram mencionados pela Organização Mundial da Saúde em 1999: *a maioria dos idosos mora em países desenvolvidos; os idosos são frágeis, as pessoas idosas não têm nada a contribuir; todos os idosos são iguais e homens e mulheres envelhecem da mesma forma.*

Para desmitificar esse último mito é sobretudo importante analisar o envelhecimento sob a perspectiva de gênero (MOTTA, 2009). Envelhecimento, segundo Neri (2005) compreende os processos de transformação do organismo que ocorre após a maturação sexual e que implica na diminuição gradual da probabilidade de sobrevivência. O ritmo, a duração e os efeitos desse processo comportam diferenças individuais e de grupos etários, dependentes de eventos de natureza genético-biológica, sócio-histórica e psicológica.

Os indivíduos envelhecem de formas muito diversas, cada um apresenta diferentes manifestações quanto à velocidade e gravidade das alterações, existindo diferença por sexo, nos planos biológico, psicológico e sociológico, o que dá margem aos conceitos de: *idade biológica* - está ligada ao envelhecimento orgânico; *idade social*

- refere-se ao papel, aos estatutos e aos hábitos da pessoa, relativamente aos outros membros da sociedade; e *idade psicológica* - relaciona-se com as competências comportamentais que a pessoa pode mobilizar em resposta às mudanças do ambiente, inclui a inteligência, memória e motivação.

Nessa visão, definir a velhice não é tarefa fácil. A velhice não é tão evidente como costumamos enunciá-la, não se trata de um fenômeno de natureza singular. Podemos dizer que ela é um fenômeno biológico, por acarretar no organismo certas singularidades; e psicológico, pelo fato de alguns comportamentos serem considerados característicos da idade avançada (BEAUVOIR, 1990).

Motta (2006), a descreve como um fenômeno biossocial. Porém, como todas as situações humanas, a velhice tem uma dimensão existencial, que implica na interposição, na interação complexa de diversos fatores (não só o biológico e psicológico, mas o social, ambiental, histórico), que tem como resultado a modificação do relacionamento do indivíduo com o mundo e com sua própria história.

Na verdade não existe *a velhice*, existem *velhices*. O que significa que não existe *o velho*; existem *velhos e velhas*, em pluralidade de imagens socialmente construídas e referidas a um determinado tempo do ciclo da vida (MOTTA, 2006).

A velhice é o resultado e o prolongamento de um processo que é vivenciado de maneira extremamente diversificada, não sendo um fato estático (BEAUVOIR, 1990). Nesse processo, fatores como: classe social, gênero, renda, grau de escolaridade, localização, domicílio, bens adquiridos, histórico familiar, experiências anteriores com pessoas idosas entre outros, combinam-se de uma maneira individual, fazendo com que existam *velhices*.

Quanto à questão de gênero, Figueiredo (2004) afirma que são pouquíssimas as pesquisas que a associam ao envelhecimento e os poucos estudos relacionados ao tema

abordam apenas as diferenças biológicas entre os sexos, deixando de lado a vertente social e cultural. A negação das relações de gênero conferiu à velhice um aspecto assexuado. Motta (2009) afirma que é necessário considerar que além das diferenças orgânicas próprias de cada sexo, homens e mulheres possuem trajetórias sociais diferenciadas. A maioria delas influenciadas pelos padrões ditados pela sociedade: o destino da mulher é a vida doméstica e familiar, e dos homens o mercado de trabalho e atuação pública e política.

De acordo com Maia (2010) as mulheres idosas possuem mais visibilidade nas pesquisas desenvolvidas no campo de estudos sobre envelhecimento. Visibilidade justificada, nas palavras de Motta (1998; 2005), porque estas são maioria tanto demográfica quanto nas atividades coletivas e públicas, além de estarem assumindo cada vez mais a chefia da família.

Estudos demográficos sobre envelhecimento afirmam com frequência disparidades entre os sexos: as mulheres constituem a maior parte da população idosa mundial; fazendo do envelhecimento um fenômeno praticamente feminino (WHO, 2005; BERQUEÓ, 1988).

No Brasil, as mulheres também apresentam maior longevidade. Em 2007, havia 79 homens idosos para cada 100 mulheres, e os resultados mostram ainda que a razão de sexo se acentua com a elevação da idade: no grupo de 65 anos ou mais de idade, a razão cai a 76 homens para cada 100 mulheres, chegando a apenas 72 homens para cada 100 mulheres de 70 anos ou mais (IBGE, 2008).

A maior longevidade das mulheres é explicada pelos diferenciais de expectativa de vida entre os sexos, haja vista que, em média, as mulheres vivem oito anos mais que os homens (IBGE, 2002). “A esperança de vida ao nascer, para as mulheres é cerca de

nove anos maior que a dos homens” (CAMARANO *et al* 1999 *apud* NERI, 2005, p.87).

Os estudos sobre envelhecimento e gênero sob os olhares masculinos ainda são escassos. Os poucos que existem detêm-se a analisar as diferenças dos modos de envelhecer masculino e feminino (MAIA, 2010). Diante da carência de pesquisas sobre essa temática, resolvemos focalizar o homem idoso como sujeito principal da nossa investigação.

2.2.1 Homem na sociedade – poder ameaçado na velhice e baixa participação social

Segundo Grossi (1998) todo indivíduo tem um núcleo de identidade de gênero, que é um conjunto de convicções pelas quais se considera socialmente o que é masculino ou feminino. Este núcleo não se modifica ao longo da vida psíquica de cada sujeito, mas pode ser associado a novos papéis, à massa de convicções.

O papel de gênero é toda a representação associada ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada cultura. De acordo com Rosaldo (1979), toda sociedade reconhece e elabora algumas diferenças entre os sexos, determinando tarefas, maneiras e responsabilidades características a homens e mulheres. As atividades masculinas, opostas às femininas, são sempre reconhecidas como predominantemente importantes e os sistemas culturais dão poder e valor aos papéis e atividades dos homens. Os valores e prestígios estão sempre ligados às atividades dos homens (MEAD 19-- *apud* ROSALDO, 1979).

Segundo Hennigen *apud* Strey *et al* (2004) , o homem é um objeto de pesquisa relativamente novo para a Psicologia e para as Ciências Sociais. A diferença é que agora o homem está deixando de ser o referente para se tornar um objeto de pesquisas e

reflexões. Durante muito tempo, a história oficial da humanidade nos mostra o mundo como sendo forjado pelos homens, e a mulher como objeto de satisfação e reprodução.

A formação da masculinidade foi delineada por um processo histórico através da cultura patriarcal, em que estabeleciam certas diferenças entre homens e mulheres. No Brasil, a construção do gênero masculino sofre a mesma influência patriarcal e contextualiza-se com os processos históricos e pela mistura das três raças: negro, branco e índio (MACHADO, 2008).

A tradição patriarcal impôs à formação do homem características como: ser forte, macho, valente, audacioso, sendo que, qualquer indício de feminilidade na personalidade masculina é considerada falta de virilidade. Nessa tradição, o homem decide com quem se casar, quantidade de filhos, onde a família morar e várias outras decisões estabelecidas ao homem. Ele é o *cabeça* do casal, o *chefe* da família, o *mantenedor* das necessidades dos filhos e da mulher, tendo sob sua responsabilidade, a manutenção de um abrigo, dando proteção e alimento.

Conforme Machado (2008), todas as decisões eram feitas pelo homem e para o homem. E assim, desde a tenra idade, o homem, foi ensinado a ser forte, autoconfiante, dedicado ao trabalho, a viver uma relação de dominador no ambiente (com a submissão da mulher), a ter sob domínio rígido os seus sentimentos pessoais, a *possuir* a mulher como objeto (e ter o prazer exclusivo nas relações sexuais ou até ter outra mulher).

Souza (2009) acrescenta:

No trabalho e na sociedade, o homem era valorizado pelo sucesso que obtinha, pelo poder sobre as pessoas e coisas, em especial pela quantidade que obtinha de dinheiro e bens materiais, pela competição que fazia com outros. E com essa escala de valores inculcada nele, o homem acreditava que o seu valor pessoal se media pelo sucesso profissional, pelo dinheiro e pelo seu desempenho sexual.

Em contrapartida, as mulheres são absorvidas principalmente em atividades domésticas devido ao seu papel de mãe. Suas atividades econômicas e políticas são restringidas pelas responsabilidades nos cuidados com os filhos e o enfoque de suas emoções e atenções é particularista e dirigido para os filhos e o lar.

Quanto às questões de status, Rosaldo (1979) afirma que para a mulher tornar-se mulher, basta seguir os passos de sua mãe, enquanto que na experiência masculina é necessário haver uma quebra. Para um menino se tornar adulto ele precisa provar a si mesmo (sua masculinidade) entre seus companheiros. Ou seja, a mulher tem seu status atribuído, enquanto que o homem precisa conquistá-lo na sociedade.

Se tornar homem em termos de desenvolvimento é uma conquista, os grupos sociais elaboram os critérios para este feito e criam hierarquias e instituições que são associadas com uma ordem social distinta. Nesse sentido, a dominação é construída numa dimensão relacional, sendo exercida diante de outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade. Além disso, é possível considerar um caráter de auto-opressão na própria constituição do masculino, uma vez que a masculinidade socialmente defendida e aceita exige um trabalho de modelagem dos sujeitos, em que precisam ser exorcizadas as características que contradizem a virilidade.

A constituição do masculino na sociedade ocidental está atrelada a forma de vestir, forma de andar, a maneira de se comportar, a entonação da voz, assim como também a forma física, musculatura, os contornos do corpo masculino, a elegância, o vigor físico; as qualidades psicológicas dos homens, como agilidade, a coragem, a bravura e o heroísmo (DA SILVA, 2000). Ser homem também é frequentar lugares específicos (COUTINHO E ACOSTA, 2009).

Historicamente, a masculinidade é medida pelo poder, pela riqueza e pelo sucesso e impõe obrigatoriedade de provar seu sexo forte, sua virilidade (BRUNO,

2000). Os homens em sua trajetória cronológica exercem o poder nas diferentes relações que estabelecem no mundo do trabalho, na família e na sociedade de uma maneira geral (VEDAN, 2010). Porém, na fase da velhice, algumas das constituintes do masculino e de seus papéis sociais deixam de ser exercidos, pondo em xeque a sua masculinidade.

As práticas corporais, como estudadas na história da Educação Física, mostram com nitidez o predomínio do exercício do poder masculino. A atividade física por muitos anos foi segmentada e rotulada devido à divisão dos gêneros masculino e feminino, o que localizava os indivíduos a rígidos padrões sociais que demarcavam e separavam o masculino e o feminino como terrenos estagnados, duradouros e inflexíveis (CAPRI, 2009).

Os esportes, a ginástica e atividades corporais intensas sempre estiveram no poder dos homens. Exemplo disso, segundo Oliveira (1983), as meninas não praticavam exercícios ginásticos até o início da década de setenta do século XIX, ganhando apenas o direito de participar das aulas de ginástica por volta de 1874, e somente em 1882, quando Rui Barbosa passou a proclamar os benefícios das atividades físicas e instituiu obrigatoriedade a ginástica para ambos os sexos.

De acordo com Lewko e Greendofer (1988) *apud* Mota e Sallis (2002) durante a infância indivíduos do sexo masculino são mais estimulados a prática de atividades físicas. A explicação é que a masculinidade esportiva compara-se a biologia masculina; ou seja, por serem hábeis, fortes, vigorosos e musculosos identificam-se com ideais esportivos de coragem, competitividade, agressão e superação dos esportes.

Mota e Sallis (2002) também afirmam que na adolescência os rapazes são mais ativos e adeptos a atividades físicas e esportivas que as moças; uma das razões é que eles possuem mais oportunidades de prática fora do ambiente escolar. Porém, durante a

vida adulta e na velhice há um declínio da prática esportiva entre os homens, ocorrendo o inverso com as mulheres idosas.

Por isso, segundo Motta (2009), na análise do envelhecimento é importante considerar a perspectiva de gênero. Por mais que homens e mulheres hoje idosos tenham em comum a condição geracional de velhos e as diferenças biológicas próprias de cada sexo, suas trajetórias sociais foram bastante diferenciadas e desiguais. Como exemplo a autora cita o panorama das conquistas sociais das mulheres, com o feminismo e a participação crescente das idosas em atividades públicas, extrafamília, nos grupos e programas para a terceira idade. Porém, a trajetória dos homens tem repercussão diferente.

Os homens sempre tiveram a liberdade de sair, de ir para a rua quando quisessem e na rua, quando desejavam companhia, sempre se reuniam em praças. O espaço público sempre pertenceu aos homens e por ser algo tão natural, raros pesquisadores identificavam esses grupos como merecedores de estudos (MOTTA, 2009). A presumida não participação social ou pública dos homens idosos começou a ser percebida pela sua ausência nos programas para a terceira idade.

2.2.2 A participação masculina em GTIs

Desde seu surgimento, os programas universitários para pessoas idosas no Brasil apresentaram certa diferença de participação por gênero. Referindo-se a isso, Ferrigno *et al* afirma que na maioria dos núcleos de terceira idade do país a participação é maciçamente feminina (2006).

Curiosamente, nos primeiros momentos de funcionamento do pioneiro programa do SESC – SP (ainda quando era conhecido como grupo Carlos Malatesta) foi

frequentado exclusivamente por homens (FERRIGNO *et al.*, 2006). Aos poucos, as esposas dos participantes se incorporaram nas atividades até passarem a ser maioria no grupo.

São inúmeros os trabalhos e publicações científicas que confirmam a predominância feminina nos programas educacionais para idosos, e conseqüentemente as pesquisas desenvolvidas dentro desses programas têm como principal sujeito a mulher idosa (ANDREOTTI, 2003; BORINI, 2002; COUTINHO E ACOSTA, 2009; FENALTI E SCHWARTZ, 2003; FERNEDA, 2005; FIAMENGHI, 1994; GANDOLFI E SKORA, 2001; PUGA BARBOSA, 2003a; QUEIROZ E PUGA BARBOSA, 2009a).

No relato de experiência dos 20 anos do programa da Universidade Federal de Santa Catarina, Ferneda (2005) afirma:

A presença feminina sempre chamou atenção dos profissionais que atuavam no projeto. As mulheres sempre foram a maioria. Os homens, mesmo convidados, dificilmente se inseriam no programa. Ainda em 1989, surgiu a ideia de se criar uma turma “masculina” de atividades físicas, mas infelizmente não funcionou. Ao contrário disso, acabou ocorrendo a ampliação de mais uma turma de ginástica com presença feminina.

Coutinho e Acosta (2009, p.87) na pesquisa sobre Representações sociais do idoso que participa de grupos para terceira idade no município de Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul descreveu sua amostra:

Foi composta por 113 sujeitos do sexo feminino e 34 do sexo masculino, perfazendo um total de 147 pesquisados. Conforme os dados acima, podemos verificar que a maioria (77%) dos idosos pesquisados são do sexo feminino, o que é representativo do que ocorre nos grupos de convivência do município, nesta faixa etária, onde 92% são mulheres (AREOSA E OHLWEILER, 2000).

Na tese de doutorado sobre os grupos de convivência nas classes populares paraibanas, Cabral (2002) assinala a baixa participação masculina e lança suas justificativas:

As mulheres são predominantes nos grupos de convivência. Consideram-se dificuldades para mobilizar indivíduos do sexo masculino, face às atividades desenvolvidas, consideradas exclusivamente femininas. Também a maioria das mulheres no segmento idoso da população (BERQUEÓ, 1988) influenciaria a expressiva presença delas nos programas oferecidos.

Puga Barbosa relatou sobre a distribuição dos sujeitos em sua pesquisa de doutorado realizada no PIFPS-U3IA, no ano de 2003: “observamos uma grande participação de mulheres e pouca frequência de homens. Dos 271 sujeitos participantes, 21 são do sexo masculino e 250 do sexo feminino” (2003a, p.101). Ou seja, o programa pesquisado era formado por sua grande maioria de mulheres na meia-idade e idosas, sendo bastante *tímida* a participação masculina.

Pesquisas realizadas no PIFPS-U3IA também demonstraram dificuldades na seleção de sujeitos do sexo masculino. No trabalho de Garcia e Puga Barbosa (2008) sobre Imagem corporal: atitudes, memórias, associações e crenças através de fotografias de acadêmicos da 3ª idade adulta maiores de 70 anos; dos 26 sujeitos da pesquisa 22 eram do sexo feminino e 4 do sexo masculino. No trabalho sobre Imagem corporal a partir de roupas esportivas de Santos e Puga Barbosa (2008), dos 33 entrevistados, 3 eram do sexo masculino e 30 do sexo feminino. Trabalhos como o de Souza e Puga Barbosa (2008) e Martins e Puga Barbosa (2009) tiveram parte de seus objetivos reestruturados devido à diferença de participação masculina:

A proposta era de convidar para participar da psicoterapia, sujeitos de ambos os sexos, no que sugere a possibilidade de uma análise a partir das semelhanças e diferenças nas respostas mediadas pelo gênero, no

entanto a procura para a atividade da Psicoterapia delimitou-se apenas pelos sujeitos do sexo feminino. (MARTINS E PUGA BARBOSA, 2009, p.43).

No início da pesquisa o trabalho tinha como objetivo específico comparar a catexa corporal dos entrevistados em categorias, faixa etária, tempo de prática e sexo. Esta última categoria não pôde ser feita em virtude do número de indivíduos do sexo masculino não ter completado os 3 momentos da coleta de dado. E mesmo que estes indivíduos os completassem essa comparação não seria válida, tendo em vista que, o número de entrevistadas do sexo feminino era muito superior ao de entrevistados masculinos, sendo assim, os dados obtidos através das coletas de dados e utilizados na construção dos resultados são de origem exclusiva feminina (SOUZA E PUGA BARBOSA, 2008, p.22,23).

A fim de aprofundar mais o assunto sobre a participação masculina no PIFPS-U3IA, no ano de 2009 foi realizada a pesquisa com título: *Participação Masculina no PIFPS-U3IA-UFAM*. O objetivo foi registrar os números da participação masculina desse programa no período entre os anos de 1995 a 2009, a fim de verificar se a baixa participação era uma característica recente (QUEIROZ E PUGA BARBOSA, 2009a).

Como resultado, percebeu-se que na trajetória de 15 anos do PIFPS-U3IA, a participação masculina sempre apresentou baixos índices. Sobre os registros dos matriculados por ano, o maior número de homens participantes foi de 45 (de meia-idade e idosos) contra 420 mulheres, no ano de 2003; o que confirma a tendência apontada pela literatura, ou seja, as mulheres representam entre 90 a 95% de participação, enquanto os homens não ultrapassam 20% do total (DEBERT, 1999). O maior número de adeptos possuía mais de 60 anos e tempo de participação entre 3 e 15 anos no programa.

Nesse mesmo programa pesquisou-se também sobre as atividades preferenciais dos homens participantes, um estudo documental baseado nos registros de matriculados do primeiro semestre do ano letivo de 2009. De acordo com os dados, a maioria dos homens matriculados optava por mais de uma disciplina, sendo as mais procuradas:

gerontovoleibol (15), natação (14), musculação (8) e condicionamento físico (7). (QUEIROZ E PUGA BARBOSA, 2009b).

As disciplinas de menor frequência masculina foram: educação física (2), inclusão digital (2), caminhada (2) e dança de salão (1). Entre aquelas que não possuíam nenhum representante masculino estavam: gerontocoreografia, hidroginástica, autopercepção (QUEIROZ E PUGA BARBOSA, 2009b).

Algumas razões têm sido mencionadas para tal participação, como: a feminização da velhice. Os homens geralmente não se permitem momentos de lazer, por trabalhar durante mais tempo e supervalorizar o trabalho. Certas atividades como ginástica, dança, artesanato muitas vezes são consideradas *femininas* na avaliação de homens idosos com pouca escolaridade e pouca familiaridade com práticas culturais e artísticas e eles preferem ocupar espaços públicos, como praças e bares (FERRIGNO *et al.*, 2006, p.1437).

Se são poucos os homens idosos que têm aderido a grupos que promovem atividade física, ainda sim é relevante investigar as causas de sua participação, o que tem motivado esses a tomar um comportamento contrário à maioria dos que passam o resto da vida entregues ao isolamento e sedentarismo.

Entender a adesão de homens idosos a grupos de atividade física pode contribuir para que ações na promoção da saúde sejam mais específicas e de grande alcance para o público masculino, visto que só existem programas de saúde em grande escala para criança e mulheres (CAMARANO, 2006).

2.2.3 O porquê investigar a inserção de homens idosos em universidades e GTIs

Segundo pesquisas e relatos de experiência de diversos GTIs que funcionam no Brasil, a participação masculina é mínima, sendo até convencional associar pesquisas nesses ambientes às mulheres idosas.

É importante trazer à discussão essa realidade, pois sabemos que os GTIs funcionam como um importante veículo de promoção da vida social dos idosos e também de novas atitudes em relação ao envelhecimento (OKUMA, 1998; NERI, 2005). Esses grupos, na verdade, são espaços marcados por processos educativos intensos, que envolvem conteúdos relacionados diretamente à vida, a hábitos, comportamentos e atitudes. É educação no e para o envelhecimento (PUGA BARBOSA, 2000).

É uma proposta de educação que atua na dimensão da conscientização dos indivíduos para a compreensão de seus interesses e do meio social por meio de atividades grupais; que partem do convívio e da interação com e entre os idosos permitindo a construção de laços simbólicos de identificação e possibilitando a partilha e negociação dos significados da velhice. Ou seja, são espaços onde se tem a possibilidade de construir novos modelos de envelhecimento, voltados, evidentemente, a aspectos positivos, relacionados à promoção de uma vida saudável.

Nesse sentido, a constatação da não participação de homens idosos nesses grupos parece ser um fator um tanto preocupante, principalmente se analisarmos a realidade dos homens quanto às questões associadas à saúde.

Segundo Laurenti (2005), em seu estudo sobre o perfil epidemiológico da saúde masculina na Região das Américas, os coeficientes de mortalidade masculina são cerca de 50% maiores e, considerando as idades, a maior razão de sexo acontece no grupo etário de 20 a 39 anos (3 mortes masculinas para cada feminina). Quanto às causas,

sobressaem mortes por doenças do aparelho circulatório seguidas por aquelas relativas a acidentes e violência; sendo estudados ainda a AIDS e o alcoolismo, como exemplos de importantes agravos à saúde masculina.

Camarano (2006), no capítulo *Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica*, abordando questões da mortalidade entre idosos, teceu um importante comentário apontando comportamentos relacionados à saúde apresentados pelo gênero masculino:

Por outro lado, homens têm inúmeras desvantagens associadas à maior taxa de atividades profissionais: restrições de horário para comparecer a serviços de saúde, maior risco de acidentes de trabalho e de trânsito. Somam-se a prevalência de hábitos como o alcoolismo, drogadição e tabagismo e o maior risco de envolvimento em homicídios (p. 112 e 113).

Em relação a esse tema, a cartilha *Envelhecimento Ativo: uma política de saúde* apontou o gênero com um dos fatores que devem ser observados para um envelhecimento ativo; e apresentou a seguinte descrição:

[...] homens jovens e adultos estão mais sujeitos a lesões incapacitantes ou morte devido à violência, aos riscos ocupacionais e ao suicídio. Também assumem comportamentos de maior risco, como fumar, consumir bebidas alcoólicas e drogas e se expor desnecessariamente ao risco de lesões (WHO, 2005, p. 20).

Uma pesquisa publicada pelo *Journal of Men's Studies*, sobre os comportamentos que aumentam os riscos de doenças, ferimentos e mortes em homens e mulheres de meia-idade, demonstrou que os piores indicadores em quase todos os 30 comportamentos estudados, foram apresentados pelos homens:

- Homens dormem menos que as mulheres;
- São menos propensos a reduzir o sal na alimentação, quando hipertensos;
- Usam menos fio dental;
- Fazem menos exames preventivos;

- Ficam mais expostos ao sol;
- Usam menos protetor solar (apenas 16,2% em comparação a 26,2% das mulheres, de acordo com a Sociedade Brasileira de Dermatologia);
- Preocupam-se menos com a qualidade alimentar;
- Em geral, são menos interessados em assuntos relacionados à saúde e são mais resistentes aos cuidados preventivos;
- ¼ dos homens de meia idade (45-64 anos) não tem médico regular, o que representa metade da proporção das mulheres. (NAHAS, 2003, p.222 e 223).

Vários estudos comparativos entre homens e mulheres têm comprovado o fato de que os homens são mais vulneráveis às doenças, sobretudo às enfermidades graves e crônicas, e que morrem mais precocemente que as mulheres (NARDI *et al*, 2007; COURTENAY, 2000; LAURENTI *et al*, 2005; LUCK *et al*, 2000). Apesar da maior vulnerabilidade e das altas taxas de morbimortalidade, os homens não buscam, como o fazem as mulheres, os serviços de atenção primária (FIGUEIREDO, 2005; PINHEIRO *et al*, 2002), adentrando o sistema de saúde pela atenção ambulatorial e hospitalar de média e alta complexidade, o que tem como consequência agravamento da morbidade pelo retardamento na atenção e maior custo para o sistema de saúde.

A situação de desvantagem dos homens em relação à saúde agrava-se pelos comportamentos adotados e pelo papel social os quais eles são determinados a exercer na nossa sociedade. Na velhice, com a aposentadoria e a quebra dos vínculos com o trabalho, o homem idoso enfrenta outro dilema que afeta diretamente sua saúde: o impacto do *retorno* ao ambiente doméstico e a ocupação de seu tempo livre.

Geralmente, homens idosos ocupam seu tempo livre com atividades de caráter passivo, como ler jornais, jogos de cartas, sinuca e bocha, roda de conversa em espaços públicos como praças e bares (COUTINHO E ACOSTA, 2009). Essas escolhas, em sua maioria, enquadram-se em comportamentos sedentários, sendo atividades com baixo dispêndio de energia. Por esse motivo, instala-se a necessidade de pensar ações educativas de promoção da saúde nos GTIs direcionados ao público masculino.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Antes de partir para a descrição dos procedimentos utilizados, reservamos um espaço para expor a perspectiva sob a qual se baseia esta investigação. A questão norteadora é: o que é e para que serve a pesquisa científica? E para isso, utilizamos a fala de alguns autores.

Pesquisa, segundo Gil (2007, p.17) é o “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Ela desenvolve-se ao longo de várias fases, com conhecimentos disponíveis e utilização de métodos.

Na definição de Prestes (2007, p.25), pesquisa é “investigação feita com finalidade de obter conhecimento específico e estruturado a respeito de determinado assunto, resultante da observação dos fatos, do registro de variáveis relevantes para futuras análises. É um processo reflexivo, sistemático, controlado e crítico [...]”.

Demo (1987, p.22) a define como a “atividade básica da ciência”, e a destaca como um processo interminável, um fenômeno de aproximações sucessivas e nunca esgotado, pela qual se descobre a realidade⁴.

A metodologia vem a ser o conjunto de técnicas e instrumentos; o caminho utilizado para abordagem dessa realidade (MINAYO, 2007); o qual delinea e personifica cada investigação. A realidade investigada é a participação masculina em grupos de terceira idade da cidade de Manaus, e por isso recebeu a seguinte personificação.

⁴ a palavra “realidade” é entendida aqui como a composição das várias dimensões das formas de viver e o espaço, que engloba ideologias, representações mentais, símbolos, crenças e valores e a influência da ordem social. Realidade está além do óbvio e do evidente. Nesta perspectiva, a pesquisa é um exercício contínuo de estudá-la, aprofundá-la e conhecê-la, pois se apresenta como algo inesgotável por sua constante mudança e complexidade. Nas palavras de Demo (1987, p.27): “Quem imagina conhecer adequadamente a realidade, já não tem o que pesquisar, ou melhor, tornou-se dogmático e deixou o espaço da ciência” e cada ciência dedica-se a uma faceta da realidade.

Trata-se de uma pesquisa de campo e bibliográfica. Segundo Vasques (2000) a pesquisa de campo é um levantamento de dados realizado no próprio local onde ocorrem os fenômenos, que tem o objetivo de obter informações sobre um problema, ou confirmar uma hipótese, ou descobrir novas relações entre fatos por meio da observação.

A pesquisa bibliográfica é aquela elaborada a partir de materiais já publicados, constituído principalmente de livros, periódicos, artigos, boletins, monografias, dissertações, teses, até mesmo por meios de comunicações orais e visuais: rádio, gravações, filmes e televisão (VASQUES, 2000).

Esta investigação envolve tanto a abordagem quantitativa quanto qualitativa, uma vez que partimos de uma realidade expressa de forma quantitativa nos GTIs, para assim, aprofundar a análise no universo dos significados, dos motivos e dos valores que permeiam a participação masculina (MINAYO, 2007).

Segundo Minayo, os dados quantitativos e qualitativos não se opõem, ao contrário, se completam e interagem de forma dinâmica (2007). Contudo, esta pesquisa tem como eixo principal a abordagem qualitativa, pelos seguintes fatos: focaliza a realidade de maneira contextualizada; é rico em dados descritivos; considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito; aprofunda explicações através de análise detalhada sobre o fato; vale-se de amostras reduzidas (MARCONI E LAKATOS, 2008, p.269).

A técnica usada para analisar os dados é a análise de conteúdo e estatística descritiva, tendo, como instrumentos de pesquisa questionários e entrevistas.

Entendendo a metodologia como um “longo caminho” a percorrer (FERRARI, 1982) e como uma preocupação instrumental que cuida dos procedimentos e

ferramentas para captar e manipular a realidade (DEMO, 1987), procuramos organizar esta pesquisa de maneira detalhada através dos procedimentos relacionados a seguir.

3.1 Considerações Éticas

Todos os procedimentos metodológicos desta pesquisa foram submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amazonas (ANEXO A). Assim, obedece a todos os critérios dispostos na Resolução nº196/96 do Conselho Nacional de Saúde que trata sobre o regulamento de pesquisa envolvendo seres humanos.

Esta investigação foi organizada de forma a preservar a autonomia, garantir a confidencialidade e a privacidade e conservar a integridade física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual dos indivíduos. Por isso, as entrevistas foram precedidas de orientação quanto às questões éticas e preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A).

3.2 Ambiente da Pesquisa

Este estudo desenvolveu-se em três ambientes distintos: o Fórum Permanente do Idoso do Amazonas (FOPI - AM), o Programa Idoso Feliz Participa Sempre, Universidade na Terceira Idade Adulta, da Universidade Federal do Amazonas (PIFPS-U3IA) e o Grupo de Terceira Idade Anos Dourados da Polícia Militar (GAD – PM).

O Fórum Permanente do Idoso do Amazonas (FOPI - AM) foi instalado em 14 de maio de 1996, tendo como fundamento a Política Nacional do Idoso. É formado por

entidades governamentais e não governamentais, bem como por pessoas que atuam na área da terceira idade ou defesa dos direitos humanos e da família (LIMA, 2007).

Sua atuação é norteadada pelos seguintes objetivos: conhecer a realidade do idoso no Estado do Amazonas; identificar os problemas prioritários enfrentados por este segmento, encaminhando propostas às autoridades competentes; promover a troca de experiências e colaboração interinstitucional na área do envelhecimento, além de sensibilizar a sociedade civil e política sobre aspectos do envelhecimento e do atendimento ao idoso.

Com 15 anos de atuação, o FOPI – AM possui respeitabilidade junto aos órgãos públicos, organizações não governamentais, associações e GTIs, pois promove importantes ações em defesa dos direitos dos idosos no Estado, como: caminhadas e campanhas de mobilização de todos GTIs com destaque de temas voltados à garantia das políticas públicas para o idoso, e cumprimento do Estatuto do Idoso; participação e implantação na elaboração da Política Municipal do Idoso; divulgação e cumprimento da Política Nacional do Idoso; implantação da Política e do Conselho Municipal do Idoso; apoio na criação, ampliação e funcionamento dos GTIs e acréscimo na inserção de idosos nesses (LIMA, 2007).

O FOPI - AM realiza reuniões semanais na sede da Secretaria de Estado de Assistência Social (SEAS), onde participam 80 coordenadores e representantes dos GTIs do Estado do Amazonas, que discutem temas previamente estabelecidos.

O ambiente no qual se desenvolveu a seleção de sujeitos para este estudo foram os dois GTIs: PIFPS-U3IA e GAD-PM, os quais, a partir do levantamento realizado no FOPI-AM foram selecionados por apresentarem os seguintes critérios: oferta de atividades físicas, presença de participantes do sexo masculino e maior tempo de funcionamento na cidade.

O Programa Idoso Feliz Participa Sempre, Universidade na Terceira Idade Adulta (PIFPS-U3IA), localizado na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Amazonas, faz parte de um programa de educação para o envelhecimento, que possui 18 anos de execução. O programa é norteado por três principais objetivos: educar para o envelhecimento, trazer o idoso para a universidade na condição de universitário e favorecer sua nova identidade.

O PIFPS-U3IA, em cada semestre oferece vagas destinadas para pessoas de meia-idade (45-59 anos) e para idosos (a partir de 60 anos), nas disciplinas: Gerontocoreografia, Caminhada Ecológica, Condicionamento Físico, Gerontovoleibol, Técnicas de Autopercepção, Musculação Gerontológica, Dança de Salão, Educação Física Gerontológica, Hidromotricidade Gerontológica, Natação Nível 1 e 2, Inclusão Digital Gerontológica e Alfabetização. As disciplinas são escolhidas por opção do próprio interessado, devendo apresentar exame médico para praticar as atividades.

Cada disciplina tem carga horária anual de 60 horas, onde há controle de frequência e avaliação. As aulas, ministradas por bolsistas e professores da Educação Física, são realizadas duas vezes por semana, com uma hora de duração. Os alunos são distribuídos em turmas conforme a faixa etária: turma 1, para pessoas de meia-idade, e turma 2 para pessoas idosas.

O PIFPS-U3IA engloba outros projetos como: Festival Folclórico dos Acadêmicos da 3ª. Idade Adulta do Amazonas (FATIAM); Feira de Motricidade e Arte Popular (FEMAP); Esportes Gerontológicos; Excursões; Associação dos Filhos dos Acadêmicos da 3ª Idade Adulta; Inclusão Digital com o Bradesco; Ações Intergeracionais com a Secretaria do Estado de Educação do Amazonas (SEDUC); Colônia de Férias; Gerontocarnaval; Grupo de Oração; Programa Estilo de Vida TV-

UFAM, Educação Psicológica. Contando assim, com profissionais da área da Psicologia e Enfermagem (PUGA BARBOSA *et al*, 2003b).

O Grupo Anos Dourados da Polícia Militar (GAD-PM) foi fundado em 31 de agosto de 1993, fruto do convênio celebrado entre a Polícia Militar do Amazonas (PMAM) e Prefeitura de Manaus com o Programa Conviver. Iniciou seu trabalho social com idosos em 1994 após formação de pessoal pelo PIFPS-U3IA. Na sua fundação, o grupo contava com uma assistente social e um sargento feminino. No ano de 2004, o convênio com a Prefeitura foi cancelado, ficando a execução do trabalho social com os idosos, com a própria PMAM (informação verbal⁵).

Atualmente, o grupo tem como objetivo: buscar a valorização e sociabilização do idoso, resgatando-o do abandono social, e para isso oferece atividades físicas, como hidromotricidade, atividades de salão e ginástica gerontológica, entre outras atividades sociais, como passeios, excussões, bailes temáticos, festas folclóricas.

As atividades são ofertadas no turno vespertino, quatro vezes na semana, na sede do Centro de Assistência Social da PMAM, localizado no bairro Japiim, zona sul de Manaus, e também no Clube dos Oficiais da PMAM, pelo fato de possuir piscina para as atividades hídras motoras.

O Grupo Anos Dourados é coordenado por uma Tenente da PMAM, uma auxiliar administrativa – professora cinesociogerontóloga (profissional habilitado para trabalhar com idosos, formado pelo Curso Seqüencial de Cinesociogerontologia, promovido em convênio com a Associação de Motricidade e Estudos Gerontológicos do Amazonas e a UFAM) e um soldado da PMAM professor de educação física; possui como parceiros a Secretaria de Esporte e Lazer (SEJEL) e o FOPI – AM.

3.3 Sujeitos Participantes da Pesquisa

⁵ Informação fornecida por Izaura Moura, responsável pelo Grupo Anos Dourados da Polícia Militar do Amazonas, em setembro de 2010.

O sujeito em torno da qual se desenvolveu essa investigação foi o *homem idoso*, com idade a partir de 60 anos, residente na cidade de Manaus, independente de naturalidade, escolaridade, religião ou profissão; olhado a partir da perspectiva do seu envolvimento em universidades e GTIs, visto que sua representatividade nesse ambiente parece bastante reduzida.

Duas categorias foram estabelecidas para a classificação dos sujeitos: participantes de GTIs e não participantes de GTIs. Os critérios para selecionar os participantes: que estivessem matriculados e frequentando regularmente seu GTI, e aos não participantes, que não estivessem vinculados ou inseridos em nenhum GTI, mesmo que houvesse participado em algum outro momento. Mulheres idosas que participam de GTIs também integraram a pesquisa.

Sendo assim, foram devidamente identificados 24 sujeitos, entre estes, 16 participantes de GTI entre homens e mulheres (6 do GAD-PM e 10 do PIFPS-U3IA) e 8 não participantes. A fim de manter suas identidades preservadas, cada sujeito foi identificado através de siglas envolvendo letras e números: HP1 a HP8, refere-se aos homens participantes de 1 a 8, HNP, aos não participantes e MP as mulheres participantes, conforme o quadro a seguir.

CLASSIFICAÇÃO SUJEITOS QUANTO AO GTI E SEXO		SIGLA	QUANTIDADE		TOTAL
			GAD-PM	PIFPS-U3IA	
Participantes	Homens	HP	3	5	8
	Mulheres	MP	3	5	8
Não participantes	Homens	HNP	-	8	8

Quadro 1 – Classificação dos sujeitos da pesquisa: sexo, sigla e quantidade.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2011.

A pré-seleção dos sujeitos HPs e MPs transcorreu tranquilamente sendo intermediadas pelos coordenadores e professores dos GTIs. No PIFPS-U3IA inicialmente foram selecionados 12 sujeitos, entre HPs e MPs, porém 2 dos pesquisados ficaram de fora da análise pela insuficiência de dados e assim não alcance dos objetivos da aplicação dos instrumentos da pesquisa. No GAD-PM só foi possível selecionar 3 HPs e 3 MPs, pois o grupo não dispunha de maior quantidade de HPs.

A seleção dos HNPs consistiu numa tarefa árdua, pois de acordo com os critérios estabelecidos da pesquisa, estes seriam indicados pelos participantes entrevistados (HPs e MPs) do GTI, porém a maioria dos entrevistados alegou que seus colegas, parentes e vizinhos que não participavam de GTI não aceitariam participar da pesquisa.

Houve poucos entrevistados HPs que indicaram conhecidos que não participavam de GTI e por ter sido um número insuficiente, recorremos à indicação de outros participantes do GTI (mulheres e homens) que não haviam sido entrevistados. Esses receberam um convite explicativo da pesquisa (APÊNDICE B) e foram contatados por telefone para confirmação e agendamento da entrevista (a escolha do local e horário ficou a critério do entrevistado). Todos os entrevistados HNPs foram intermediados por participantes do PIFPS-U3IA, sendo que 5 desses escolheram ser entrevistados na sede do PIFPS-U3IA e 3 em suas residências.

A amostra limitou-se a 8 entrevistados por categoria, pelo fato de todas as regras de inclusão dos sujeitos terem sido fielmente obedecidas, sendo um número considerado ideal diante da realidade diminuta dos participantes do sexo masculino nos GTIs e também por ser uma pesquisa de natureza qualitativa.

3.4 Instrumentos

Objetivando validar os instrumentos utilizados nesse estudo, recorreremos a duas alternativas: a primeira, passar pela avaliação de três especialistas em Gerontologia, pela familiaridade com a temática; e segundo, realizar um pré-teste com sujeitos de perfil solicitado para a pesquisa.

Após a avaliação dos especialistas realizamos algumas alterações, como inclusão de itens no questionário e ajustes quanto ao objetivo das questões. Com os ajustes, iniciamos o pré-teste nas dependências do PIFPS-U3IA, onde os alunos foram convidados a participar. A partir das respostas e das reações dos sujeitos no pré-teste fizemos alguns ajustes na ordem das perguntas do questionário, o que contribuiu para melhor aplicabilidade dos instrumentos propostos na pesquisa.

Na pesquisa propriamente dita, utilizamos três tipos de instrumentos. Os dados da primeira etapa da pesquisa foram coletados através do Questionário A, com perguntas abertas e fechadas direcionadas aos coordenadores de GTIs participantes das reuniões semanais do FOPI-AM (APÊNDICE C).

Para a coleta de dados dos sujeitos centrais da pesquisa foi utilizado o Questionário B – Perfil dos Idosos, com 19 perguntas abertas e fechadas (APÊNDICE D); preenchido pela própria pesquisadora através de entrevista. Também foi utilizado roteiro de entrevista semiestruturada com variações de acordo com os indivíduos-alvo da pesquisa: aos homens participantes – Roteiro de Entrevista A, homens não participantes – Roteiro de Entrevista B e às mulheres participantes – Roteiro de Entrevista C, sendo todos aplicados com gravação de áudio (APÊNDICE E, F, G).

A escolha pela utilização de entrevista qualitativa semiestruturada está baseada no interesse de conhecer o significado que o entrevistado dá aos fenômenos e eventos de

sua vida cotidiana, mantendo a presença consciente e atuante tanto do pesquisador quanto do ator/pesquisado (MARCONI E LAKATOS, 2008; TRIVIÑOS, 2009).

3.5 Etapas da Coleta de Dados

A coleta de dados foi executada pela própria pesquisadora que obedeceu todas as etapas previstas no cronograma de planejamento, organizadas na sequência dos objetivos específicos.

Na primeira etapa, correspondente ao objetivo específico 1 (levantamento da quantidade e características dos GTIs), entramos em contato através de ofício com a presidente do FOPI-AM solicitando autorização para que a pesquisa fosse realizada durante as reuniões semanais. De posse da autorização, visitamos durante o período de um mês as reuniões realizadas na sede da Secretaria de Estado de Assistência Social (SEAS), onde explicamos sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa e lançamos o convite aos coordenadores e representantes dos GTIs que desejassem participar.

Os coordenadores que consentiram receberam as instruções necessárias para o preenchimento do Questionário de Caracterização do seu GTI (APENDICE A). O preenchimento e entrega dos questionários foi realizado no início de cada reunião do FOPI-AM. Alguns coordenadores de GTI entregaram o questionário preenchido na reunião posterior, devido à necessidade de confirmar alguns dados.

Através do cadastro do FOPI-AM foi possível detectar 80 GTIs atuantes no Estado do Amazonas. Do universo de 80 GTIs, coletamos 52 questionários dos coordenadores, eliminando os com informações incompletas e os que não pertenciam à cidade de Manaus; caracterizando assim, 43 GTIs, ou seja, 53,75 % do total cadastrado no FOPI-AM.

Considerando o número de sujeitos que se desejava entrevistar e a margem de erro dos eventuais fatores que poderiam impedir a amostra, dos 43 GTIs, dois foram destacados para participar da pesquisa, os quais apresentaram os seguintes critérios: ofertavam atividades físicas, possuíam participantes do sexo masculino e o maior tempo de funcionamento na cidade.

Os GTIs que apresentaram o perfil para a pesquisa foi PIFPS-U3IA e o GAP-PM. A esses grupos foi enviado um pedido de autorização para a realização das entrevistas com os participantes do sexo masculino e feminino em suas dependências. De posse da autorização dos coordenadores dos dois GTIs, agendamos visitas para iniciar a seleção dos idosos.

O convite e explanação dos objetivos da investigação foram feitos pela pesquisadora, com intermédio do coordenador do grupo ou professor responsável, o que facilitou o acesso aos idosos e sua adesão à pesquisa.

A aplicação dos questionários e roteiro de entrevistas foi realizada de forma individualizada e em ambiente restrito e pré-definido com cada pesquisado. No início das entrevistas foram explanados os motivos, os procedimentos da investigação e as questões éticas, como garantia do sigilo e do anonimato de suas informações, fazendo uso do TCLE (APENDICE A). Após sondagem e confirmação da disponibilidade do sujeito para dar as informações solicitadas, dava-se a assinatura do TCLE em duas vias, ficando uma de posse da pesquisadora e outra do entrevistado.

Cada sujeito participou apenas de uma sessão de entrevista, na qual respondiam em sequência o Questionário B – Perfil dos Idosos (APÊNDICE D) e o Roteiro de Entrevista correspondente (APÊNDICES E, F, G).

As entrevistas foram conduzidas respeitando a individualidade dos entrevistados e os princípios éticos que regem a pesquisa com seres humanos.

Todas as etapas da coleta de dados foram precedidas da apresentação pessoal da pesquisadora, com explicação dos objetivos do estudo e da entrevista, a fim de despertar a motivação dos entrevistados, bem como da necessidade de ser criado um verdadeiro clima de interação social entre entrevistador e entrevistado, que como dizem Goode e Hatt (1979) é importante em qualquer tipo de entrevista.

3.6 Tratamento e Análise dos dados

Os dados obtidos no FOPI – AM com os coordenadores de GTIs receberam tratamento descritivo, apresentados através de quadros; e subsidiaram um panorama para a escolha dos dois GTIs para a pesquisa.

Os dados que dizem respeito à caracterização dos entrevistados, receberam tratamento descritivo, organizado inicialmente no editor Excel, e após apresentados através de quadros e tabelas, utilizando-se de frequência absoluta. Esses dados auxiliaram na identificação dos sujeitos e reforço da análise das falas correspondentes à terceira etapa.

Todas as informações coletadas através do roteiro da entrevista foram gravadas e transcritas na íntegra para um editor de texto do Word. O tempo de cada entrevista, considerando a aplicação de dois instrumentos, levou, em média, de 10 a 50 minutos para os homens, e de 6 a 20 minutos para as mulheres, visto que seu roteiro possuía menos perguntas.

Como esta pesquisa se presta ao estudo das motivações, atitudes, valores e significações de indivíduos, os dados obtidos das entrevistas foram predominantemente de natureza qualitativa, e analisados através da Análise de conteúdo baseado em Bardin (1991).

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que visa, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens inferir sobre conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens (BARDIN *apud* TRIVIÑOS, 2009).

Na perspectiva da análise de conteúdo seguimos as etapas: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados e interpretação. Na pré-análise organizamos todo material coletado por sujeito, identificando-os por siglas e escolhemos as perguntas que seriam submetidas à análise, depois aglutinamos as respostas pelas perguntas temáticas.

Na fase da exploração do material, após aglutinar as falas dos sujeitos por temáticas, continuamos com uma leitura exaustiva grifando as palavras que mais se destacavam, escrevendo-as em um quadro de categorização.

A interpretação dos dados tratou-se de uma síntese dialogada dos temas surgidos nos discursos dos sujeitos com as questões e objetivos da pesquisa.

4 PANORAMA DA EDUCAÇÃO PARA O ENVELHECIMENTO NA CIDADE DE MANAUS: PERSPECTIVA DOS GTIS E DA PARTICIPAÇÃO MASCULINA

Nesse capítulo apresentamos todos os resultados provindos da nossa investigação sobre a participação masculina em grupos de terceira idade com vocação educacional para o envelhecimento na cidade de Manaus. Os resultados estão reunidos e ordenados conforme cada objetivo específico traçado, coletados no FOPI-AM e nos GTIs através dos seus coordenadores e participantes.

Em sequência, apresentamos os dados do primeiro objetivo específico, que consiste em identificar a quantidade de GTIs atuantes na cidade de Manaus, cadastrados no FOPI-AM, juntamente com o quantitativo de participantes do sexo masculino e as atividades ofertadas por cada grupo.

4.1 GRUPOS DE TERCEIRA IDADE EM MANAUS – EXPANSÃO DA EDUCAÇÃO PARA O ENVELHECIMENTO ATRAVÉS DO GTIS

Manaus é a capital do maior Estado do Brasil, o Amazonas. Situa-se na confluência do rio Negro com o rio Amazonas, sendo uma das cidades brasileiras mais conhecidas mundialmente, principalmente pelo seu potencial turístico e por se encontrar no centro da Amazônia, a maior e mais cobiçada floresta tropical do planeta (PORTAL AMAZÔNIA, 2010).

Uma cidade em crescimento acelerado, Manaus conta com uma população de 1.802.525 habitantes, de acordo com o último Censo 2010, e divide-se em 6 zonas administrativas (Norte, Leste, Sul, Centro-Sul, Oeste e Centro-Oeste), que totalizam 63

bairros (7 novos bairros foram criadas pela Lei 1.401/10). Fazendo referência a parcela idosa da população, 65.731 habitantes possuíam 60 anos ou mais de idade (IBGE, 2002); o que representa 4,7% da população manauara, classificando-se assim como a 3ª cidade do Norte do Brasil em população idosa, ficando atrás de Belém (6,9%) e Rio Branco (5,4%); e a 23ª cidade do País (Quadro 2).

CAPITAIS	POPULAÇÃO IDOSA (%)
Belém	6,9
Rio Branco	5,4
Manaus	4,7
Porto Velho	4,4
Macapá	4,1
Boa Vista	3,8
Palmas	2,7

Quadro 2 - Censo Demográfico 2000 – Proporção da população residente de 60 anos ou mais de idade, segundo os municípios das capitais do norte.

Fonte: IBGE, 2002.

Entre as capitais que se destacaram como as maiores proporções de idosos, estão Rio de Janeiro e Porto Alegre, representando, respectivamente, 12,8% e 11,8% da população total nesses municípios. Em contrapartida, as capitais do Norte do País, Boa Vista e Palmas apresentam uma proporção de idosos de apenas 3,8% e 2,7% (IBGE, 2002).

A proporção por sexo mostra que existem mais mulheres idosas (37.410) residentes na cidade de Manaus, do que homens (28.321), e revelam algumas diferenças estabelecidas por sexo: quanto à alfabetização por sexo, a maioria da população idosa (74%) sabe ler e escrever, e dos 26% que não sabem ler e escrever, as mulheres apresentam maior porcentagem contra dos homens.

Quanto à média de estudos por anos, a média geral é de 4,0 anos, onde as mulheres apresentam menor média: 3,7 anos se comparada com a dos homens: 4,4 anos. Estudos de Berqueó (1996) citados por Matsudo (2001) alertam para o alto índice de

analfabetismo principalmente para as mulheres, e dá continuidade ao fenômeno de feminização do envelhecimento.

Com população idosa cada vez mais em expansão, Manaus oferece diversas iniciativas educacionais nas diversas esferas, seja de Estadual, Municipal, como também comunitárias voltadas para o público da terceira idade. Essa vertente educacional, muitas vezes não se encontra explícita na organização dessas iniciativas, mas o desenvolver de suas atividades acaba por traçar o perfil de ensinar/aprender na vida dos participantes, principalmente por ter a Educação Física como área de base.

Essas iniciativas encontram-se distribuídas por todas as zonas distritais da cidade, conforme levantamento referente ao primeiro objetivo específico da pesquisa: identificar a quantidade de GTIs atuantes na cidade de Manaus, cadastrados no FOPI-AM, juntamente com o quantitativo de participantes do sexo masculino e as atividades ofertadas por cada grupo.

Com o levantamento dos dados do FOPI-AM foi possível detectar 80 GTIs distribuídos em todas as zonas distritais da cidade. Porém, a composição da amostra correspondeu a 43 GTIs pesquisados, distribuídos em 29 bairros. O Quadro 3 apresenta a distribuição dos GTIs por zona distrital e por bairro da cidade de Manaus.

A expansão dessas iniciativas educacionais voltadas para o público da terceira idade teve início em 1987, a partir de estudos gerontológicos na área da Educação Física, e subseqüentemente no ano de 1993, quando a Universidade Federal do Amazonas, antiga Universidade do Amazonas, implantou o Programa Idoso Feliz Participa Sempre - Universidade da Terceira Idade Adulta – PIFPS-U3IA.

QUANTIDADE DE GTIS			
Zonas Distritais	Por Bairros		Total
SUL	Japiim	3	13
	Centro	3	
	São Lázaro	1	
	São Francisco	2	
	Cachoeirinha	1	
	Colônia Oliveira Machado	1	
	Lagoa Verde	1	
	Betânia	1	
NORTE	Cidade Nova	2	7
	Amazonino Mendes	2	
	Manoa	1	
	N.S. Fátima	1	
	Monte das Oliveiras	1	
OESTE	Compensa	5	10
	São Raimundo	1	
	São Jorge	1	
	Santo Antônio	1	
	Glória	1	
	Lírio do Vale	1	
CENTRO-SUL	União	1	1
CENTRO-OESTE	Planalto	1	4
	Alvorada	2	
	Bairro da Paz	1	
LESTE	São José	1	8
	Coroado	2	
	Armando Mendes	1	
	Grande Vitória	1	
	Jorge Teixeira	1	
	Mauzinho	2	

Quadro 3 – GTIs distribuídos por zonas distritais na cidade de Manaus.

Fonte: Pesquisa de Campo – FOPI-AM, 2011.

O desenvolvimento da educação na perspectiva do envelhecimento saudável em Manaus pode ser compreendido através das propostas e ações promovidas pelo PIFPS-U3IA, que desde 1993 até a atualidade tem sido um programa de influência na área Gerontológica, conforme observado no Quadro 4, extraído da obra Experiências resultantes da Educação Física Gerontológica (PUGA BARBOSA, MOTA E QUEIROZ, 2008).

Propostas	Ação ocorrida entre 1993/2008
Que a formação profissional seja reforçada com disciplinas que capacitem plenamente a indivíduo para atuar com propriedade neste mercado de trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Disciplina Fundamentação Teórica em Educação Física Gerontológica curso Sequencial em Cinesociogerontologia; • Cursos de formação de monitores Educação Física Gerontológica – curso de extensão intensivo de 50 horas, nos municípios de Itacoatiara, Maués, Manacapuru e Autazes 1994, 1997, 2002; • Estágio de acadêmicos na execução do PIFPS-U3IA 1993-2008.
Oportunização pela Sub-Reitoria para Pesquisa e Pós-graduação, que possibilite o acesso à especialização profissional no ramo da Gerontologia através de cursos e convênios com entidades a fins. Que seja elaborada e cumprida uma programação anual dedicada a população idosa, pela Universidade do Amazonas, com integração das diferentes áreas de conhecimentos de prevendo um ângulo aberto de abrangência.	<ul style="list-style-type: none"> • Pós – graduação: Educação Física Gerontologia Social 1993, 1994,2001; • Gerontologia: Qualidade de vida no Desenvolvimento Adulto; • Curso Sequencial Cinesociogerontologia 2007/08
Através das extensões universitárias, levar ao idoso interiorano programa de atividades físicas e recreativas, condizentes com a sua faixa etária, a importância dos movimentos para uma vida longa e saudável.	<ul style="list-style-type: none"> • PIFPS – U3IA: Itacoatiara 1994 – 1996; • PIFPS – U3IA: Maués 1994 – 1999; • Curso de Formação de monitores em Educação Física Gerontológica Itacoatiara, Maués, Manacapuru e Autazes 1994, 1997, 2002.
Indicação e solicitação de compêndios especializados em Gerontologia à biblioteca central, para preparar o atendimento ao público. Com ampliação do acervo disponível.	<ul style="list-style-type: none"> • Grande Acervo disponível na Biblioteca setorial Mini campus.
Criação e implementação de um programa de extensão universitária que favoreça o estágio aos acadêmicos em órgãos governamentais e privados, que desenvolvam trabalhos com o geronte.	<ul style="list-style-type: none"> • PIFPS – U3IA 1993; • Por volta de 130 estagiários dos cursos de Educação Física, Medicina, Psicologia, Comunicação Social, Pedagogia, Ciências Naturais Estagiários do Curso sequencial de Cinesociogerontologia, tanto no PIFPS-U3IA como co-irmãos.
Continuidade das pesquisas neste campo, uma vez que ele é um tanto quando complexo e merece expansão.	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhos de pesquisa temporários apresentados em eventos; • De execução do PIFPS – U3IA, Projetos de iniciação Científica, pesquisas de Pós-graduação – especialização, mestrado e doutorado.

Quadro 4 – Desenvolvimento da educação para o envelhecimento na cidade de Manaus de 1993 a 2008.

Fonte: PUGA BARBOSA, MOTA, QUEIROZ, 2009.

O PIFPS-U3IA surgiu objetivando a educação para o envelhecimento, sendo o pioneiro no âmbito universitário no Amazonas (PUGA BARBOSA, MOTA E QUEIROZ, 2008). Atualmente, a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) também desenvolve atividades voltadas ao público idoso através da Universidade Aberta da Terceira Idade (UNATI-UEA), inaugurada em 2007.

A UNATI/UEA foi criada como núcleo de ensino, pesquisa, extensão e assistência sobre questões relativas ao envelhecimento humano, vinculada ao gabinete da reitoria da UEA, para atuar em parceria na Escola Superior de Ciências da Saúde – (ESA) (resolução 020/2007 –CONSUNIV). Sua criação vem de encontro a preocupação com a formação de recursos humanos; fomento a pesquisas especializadas no campo de ciência do envelhecimento, identidade e especificidade da variável étnica; e na extensão, no atendimento às políticas públicas essenciais (UNATI/UEA, 2011).

Vários espaços foram criados pelos órgãos públicos a partir do ano 2000, para promover alternativas de atendimento para os idosos na cidade de Manaus, fundamentados no cumprimento de suas competências junto a Política Nacional do Idoso, são eles: Parque Municipal do Idoso (2002), Centro de Convivência do Idoso Aparecida (2008), **Centro de Convivência da Família Padre Pedro Vignola (2007)**.

Os Centros de Convivência possuem uma ampla estrutura, sendo complexos esportivos e de lazer projetados para atender grandes demandas. Segundo dados do site da Secretaria de Juventude, Esporte e Lazer (SEJEL), o Centro de Convivência do Idoso atende atualmente a 2.560 pessoas nas atividades permanentes e em torno de 1.550 nas atividades recreativas, totalizando mensalmente aproximadamente 4.000 atendimentos a população. Sendo assim, os centros de convivência possuem uma realidade distinta dos GTIs espalhados pela cidade (os quais foram alvo dessa pesquisa), seja pela estrutura, seja pelo número de participantes.

Esses GTIs possuem vertente educativa, associando às atividades físicas a educação do corpo e da saúde para o envelhecimento saudável. Essa é uma alternativa louvável que tem ganhado grandes proporções na cidade de Manaus.

A importância desses grupos é que eles se organizam em torno de atividade educacionais permanentes que incentivam o convívio e desenvolvimento de habilidades nas relações interpessoais entre seus participantes. Permite também o aprendizado de novos conteúdos por ser uma atividade grupal estruturada segundo os interesses comuns. E além de viabilizar a troca de experiências individuais, propicia o exercício de papéis, o enfrentamento de novos desafios e a busca da realização de sonhos comuns (FERRIGNO *et al*, 2006).

Segundo Ferrigno *et al* (2006) a meta central dos grupos de convivência é a socialização do idoso, ou ressocialização, pois a maioria dessas pessoas experimentou o empobrecimento das relações sociais por consequência dos fenômenos da aposentadoria, emancipação dos filhos, viuvez, falecimento e distanciamento dos parentes e amigos. O trabalho educacional desses grupos oportuniza a atualização de conhecimentos; o desenvolvimento de novas habilidades e linguagens de expressão, nas áreas de música, teatro, artes plásticas e atividades corporais; o resgate de capacidades eventualmente reduzidas ou não exploradas e a dinamização das funções cognitivas, como memória, pensamento lógico, capacidade de aprendizagem entre outros (STELLA, 2004).

A melhoria da qualidade de vida no envelhecimento é trabalhada em vários aspectos, tanto no material, econômico, emocional, cultural e social. No aspecto fisiológico, a atividade física apresenta-se como elemento principal para a promoção da saúde e prevenção a doenças no envelhecimento.

Buchner e Wagner (1992), Elward e Larson (1992) e ACSM (2000) apontam que a prática de atividades físicas para idosos, quando bem orientada e realizada regularmente, ocasiona vários benefícios, como: maior longevidade, redução das taxas de morbidade e mortalidade, redução do número de medicamentos prescritos, melhoria

da capacidade fisiológica em portadores de doenças crônicas, manutenção da funcionalidade, independência e autonomia nas atividades diárias, redução da frequência das quedas e fraturas, prevenção do declínio cognitivo.

Os benefícios decorrentes da atividade física estão presentes também nos aspectos psicológicos e sociais: redução da ansiedade e tensão, melhora do humor, da autoestima, da autoimagem e da saúde psicológica. Os idosos praticantes de atividades físicas, além de se sentirem bem, têm mais disposição dentro e fora da família, são menos dependentes e conhecem novamente seu corpo, ultrapassando limites e barreiras muitas vezes auto impostas (NERI, 2008).

Cumprindo o objetivo de caracterização dos GTIs, são organizados por diferentes tipos de instituições, seja por programas do Município e do Governo, por associação de moradores de bairro, por clubes, igrejas, enfim, são de natureza diversificada. Os GTIs pesquisados atendem, em sua maioria, pessoas na faixa etária a partir de 45 anos. A opção dessa faixa de idade oportuniza que os indivíduos de meia-idade sejam orientados às questões que permeiam o envelhecimento, preparando-os assim para manterem sua participação na sociedade e um envelhecimento ativo.

Segundo as informações passadas pelos coordenadores dos GTIs, as atividades desenvolvidas em seus grupos combinam atividades físicas, com predomínio da ginástica, caminhada e dança, a palestras, oficinas de artesanato, e atendimento assistencial do setor jurídico e de profissionais da saúde.

Ou seja, aliado à preocupação com a saúde e com o corpo (expresso através da predominância de atividades físicas) existe também a preocupação com as questões de ordem social do envelhecimento, incluindo a organização de caminhadas e de reivindicações pela luta e garantia de seus direitos e participação na sociedade.

O Gráfico 1 mostra as atividades citadas pelos 43 coordenadores de GTIs entrevistados no FOPI-AM.

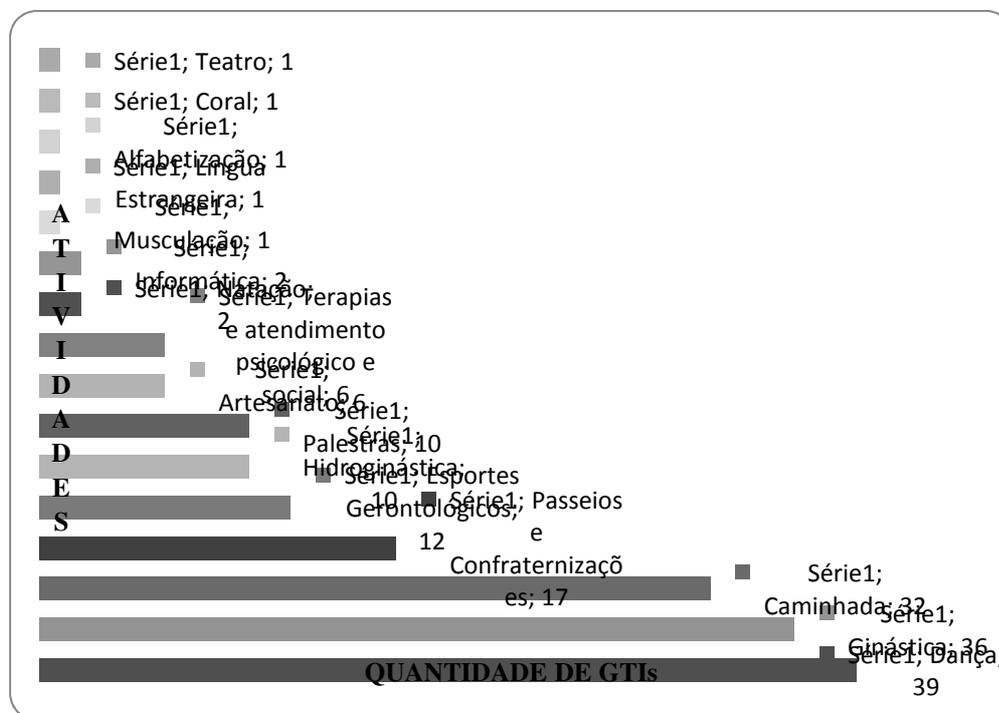


Gráfico 1 – Atividades oferecidas pelos GTIs.
Fonte: Pesquisa de Campo – FOPI-AM, 2011.

Quanto ao tempo de funcionamento, a maioria dos GTIs concentrou-se no intervalo de 6 a 10 anos, seguido do intervalo de 1 a 5 anos (Gráfico 2). O Gráfico 2 também sinaliza que os GTIs não são iniciativas tão recentes, há grupos entre o intervalo de 21 a 25 anos, o que nos remete a influência advinda do crescimento dos estudos na área da gerontologia, tendo sua expressão no Brasil a partir dos anos 80, com a implantação de programas e universidades que atendiam o público idoso.

Ou seja, os GTIs atuantes em Manaus foram frutos de iniciativas que datam do final da década de 80 e continuam em expansão e crescimento constante na cidade.

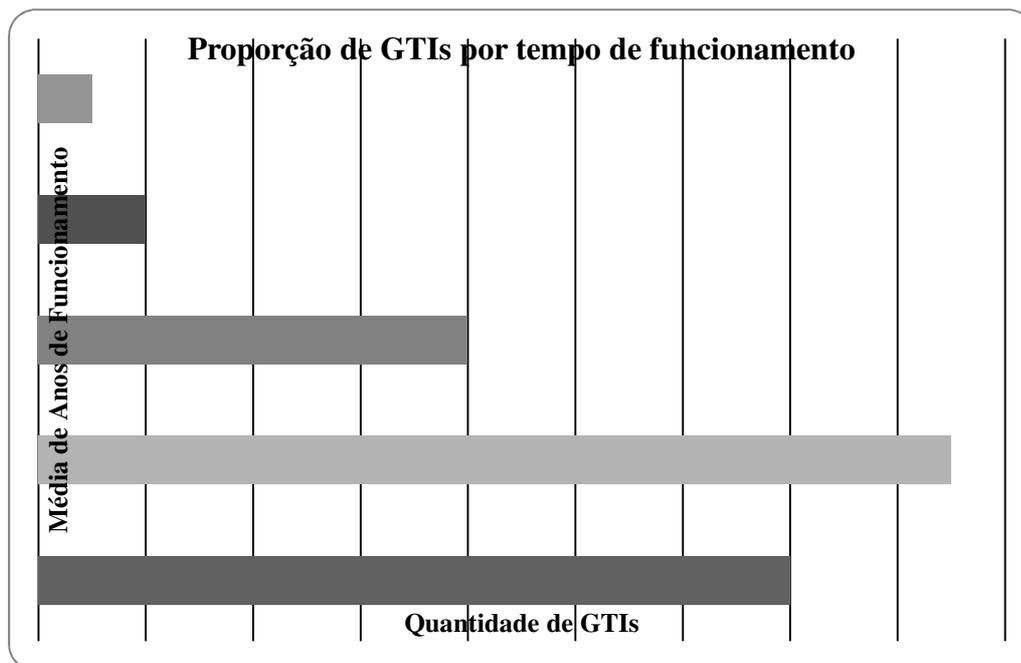


Gráfico 2 – Proporção de GTIs por tempo de funcionamento em Manaus.
Fonte: Pesquisa de Campo – FOPI-AM, 2011.

A quantidade de participantes por grupo é bastante diversificada, (principalmente pela diferente natureza dos grupos), alguns grupos possuem 30 participantes enquanto outros possuem 320 (Quadro 5).

Em relação à participação por sexo, as mulheres são maioria em todos os grupos pesquisados. O número de homens é quase inexpressivo, existindo grupos que não têm nenhum homem matriculado, como foi o caso dos grupos Participar e viver (bairro São Francisco), Alegria (bairro Compensa 2) e Lua de Prata (bairro Glória). O único caso em que a quantidade de homens e mulheres apresentou-se equilibrada foi no grupo Monte das Oliveiras, com 17 mulheres e 13 homens.

Os grupos que apresentaram a maior quantidade de matriculados foram: o SESC-AM com 320 (ambos os sexos) e 45 (homens), juntamente com o PIFPS-U3IA, 304 (ambos os sexos) e 22 (homens). Esses dois grupos possuem tempo de funcionamento acima de 10 anos.

No	GTIs	MULHERES	HOMENS	TOTAL
1	Clube Caminhada do Japiim	57	3	60
2	Felicidade não tem idade	50	4	54
3	Monte das Oliveiras	17	13	30
4	Ass. de Idosos Renascer para a Vida	23	7	30
5	Clube da Melhor Idade Sempre Viva	53	2	55
6	Renovação	48	2	50
7	Amizade e Comunhão	98	7	105
8	Masrour	100	8	108
9	Unidos Venceremos	69	7	76
10	Centro de Convivência Armando Mendes	110	10	120
11	Estrela da Compensa	38	2	40
12	De bem com a vida	57	3	60
13	Anos Dourados	118	25	143
14	PIFPS-U3IA	282	22	304
15	Caxangá	39	1	40
16	Caimi André Araújo	63	7	70
17	Trabalho Social com Idosos SESC-AM	275	45	320
18	Ninimberg Guerra PMM	58	7	65
19	Participar e Viver	80	0	80
20	Ass. Bom Viver do Ajuricaba	47	1	48
21	Renascer Jorge Teixeira	68	12	80
22	Amazon Prev	145	5	150
23	Amigos da Cachoeirinha	49	1	50
24	Idoso Mais Jovem	43	13	56
25	Theodomiro Garrido	90	10	100
26	Viva a Vida de São Lazaro	64	3	67
27	Rosa de Sharon	58	4	62
28	Amigos da Grande Vitória	100	20	120
29	Sempre jovem	113	7	120
30	Nossa Senhora de Fátima	75	5	80
31	Associação de Idosos Girassol	78	2	80
32	Alegria	50	0	50
33	Lua de Prata	30	0	30
34	Associação de Idosos do Coroado	77	3	80
35	Fonte de Águas Vivas	69	6	75
36	Mais vida, mais amor	30	3	33
37	Navegando na vida	50	10	60
38	Dinâmico	30	5	35
39	Idade Espetacular	129	3	132
40	CAICO – Betânia	104	14	118
41	Unidos do Lírio	44	6	50
42	Juventude Avançada	102	18	120
43	Somos todos jovens	75	12	87

Quadro 5 – Quantidade de participantes por sexo nos GTIs da cidade de Manaus.
Fonte: Pesquisa de Campo – FOPI-AM, 2011.

Os números levantados nos apontam a uma tendência diagnóstica não só em Manaus, mas também em grupos de outras cidades do país (ANDREOTTI, 2003; BORINI, 2002; FERNEDA, 2005; FIAMENGHI, 1994; GANDOLFI E SKORA, 2001) e fundamenta a necessidade de focalizar um estudo direcionado a participação masculina nos GTIs, já observadas por QUEIROZ E PUGA BARBOSA (2009a).

4.2 CONHECENDO O PERFIL DOS HOMENS PARTICIPANTES E NÃO PARTICIPANTES DE GTIS

Em sequência, apresentamos os dados correspondentes ao segundo objetivo específico, que consiste em caracterizar os homens participantes e não participantes dos GTIs com vocação educacional para o envelhecimento, nos aspectos sociodemográficos e comportamentos relacionados à saúde.

Os dados aqui descritos foram coletados através do Questionário B – Perfil dos Idosos (APÊNDICE D) e organizados por meio de tabelas. Os sujeitos entrevistados foram identificados pelas siglas HP e HNP, respectivamente homens participantes e homens não participantes, numerados de 1 a 8.

4.2.1 Caracterização sócio demográfica dos HPs e HNPs.

Abaixo se encontra na mesma tabulação os dados sociodemográficos dos homens participantes e dos não participantes de GTIs, os quais primeiramente serão descritos separadamente para depois serem discutidos e comparados.

VARIÁVEL	CATEGORIA	HP	HNP
Idade (Anos)	60 – 69	6	5
	70 – 79	2	3
Escolaridade	Analfabeto	0	0
	1º grau incompleto	1	4
	1º grau completo	0	1
	2º grau incompleto	2	0
	2º grau completo	4	2
	Pós-graduação	1	1
Estado Civil	Casado	5	7
	Divorciado	1	0
	Viúvo	2	1
Mora	Esposa e filhos	4	4
	Filhos	2	0
	Esposa	1	1
	Esposa e netos	0	1
	Filhos e netos	1	2
Aposentado	Sim	7	7
	Não	1	1
Motivo da Aposentadoria	Tempo de serviço	6	3
	Tempo de contribuição	0	1
	Idade	0	3
	Invalidez	1	0
	Nsa	1	1
Idade da Aposentadoria	40 – 49	2	1
	50 – 59	4	2
	60 – 69	1	2
	70 – 79	0	2
	Nsa	1	1
Ocupação Profissional Atual	Nenhuma	6	3
	Motorista	1	1
	Professor técnico	1	0
	Avulso	0	1
	Autônomo	0	3
Total		8	

Tabela 1 – Característico sócio demográfico dos homens participantes de GTIs e não participantes.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2011.

As características sociodemográficas apresentadas na Tabela 1 evidenciam que os homens participantes de GTIs apresentam idade entre 60 a 75 anos, prevalecendo a faixa entre os 60 – 69 anos. A escolaridade dos HPs variou entre 1º grau incompleto até pós-graduação, tendo a maior concentração de sujeitos no 2º grau (ou atual Ensino Médio). Quanto ao estado civil dos sujeitos, cinco são casados, dois viúvos e um

divorciado; sendo que nenhum deles mora sozinho, mas dividem a moradia com mais de uma pessoa seja com filhos (2), esposa (1), esposa e filhos (4) ou filhos e netos (1).

Quanto às questões profissionais, a maioria dos participantes entrevistados encontra-se aposentado (7) e atualmente não exercem nenhuma atividade trabalhista, com exceção de dois sujeitos que ainda trabalham. A causa principal da aposentadoria dos HPs foi o tempo de serviço; e a idade que iniciaram a aposentadoria variou de 40 a 67 anos.

A Tabela 1 também traz os dados dos HNPs entrevistados que se encontram na faixa de idade entre 60 a 78 anos, sendo a maior quantidade na lacuna 60 – 69 anos. Quanto ao estado civil à maioria são casados (7) e um viúvo, e todos compartilham a moradia com mais pessoas, com prevalência da esposa.

A escolaridade variou de 1º grau incompleto até pós-graduação, tendo seu maior número no 1º grau, seja o incompleto como o completo. A maioria dos HNPs está aposentado por motivos variados e ainda possuem ocupação trabalhista.

Conforme Andreotti e Okuma (2003) determinantes pessoais e características sociodemográficas são predisposições que podem identificar pessoas que provavelmente terão maior resistência para participar em atividades físicas, parecendo influenciar, principalmente, a adesão inicial ao exercício. Por isso, os indicadores sociais serão discutidos e comparados entre o participante e o não participante.

O indicador social idade não apresentou diferenças significativas entre HPs e HNPs. Ambos encontram-se em duas lacunas: de 60 – 69 e 70 – 79 anos, com maior concentração de sexagenários. No Brasil, é considerada idosa toda pessoa com mais de 60 anos, porém, na medida em que a expectativa de vida aumenta, a velhice acaba por comportar algumas subdivisões que procuram atender as necessidades marcadas para serem cumpridas pela ciência e a própria sociedade.

Considerando a divisão citada por Giacomini (2002), existem três grupos de idosos: o idoso jovem, com 60 a 69 anos; o idoso velho, com 70 a 79 anos; e o idoso muito velho, a partir de 80 anos. Essa classificação tem demonstrado ser necessária, porque a partir de 75 anos o idoso é considerado frágil, ou seja, aquele que tem mais possibilidade de uma doença e de possuir algum grau de dependência física para realizar atividades da vida diária (AVDs).

As AVDs são aquelas rotineiras e que todos devem ser capazes de fazer, como tomar banho, mudar de roupa, se alimentar e pegar um ônibus. A dependência no idoso é a incapacidade de realizar sozinho alguma dessas atividades. Já a independência é a capacidade de realizar sozinho todas elas. Como é possível notar, tanto os sujeitos participantes quanto os não participantes situam-se numa idade onde desfrutam de autonomia e independência.

Esse indicador social delinea o fenômeno da longevidade, onde se observa o aumento da expectativa de vida dos brasileiros e manutenção da sua autonomia. No caso dos HPs, a idade revela que o declínio das habilidades e redução das forças musculares próprias do processo de envelhecimento não limitou seu desempenho no acesso cotidiano às suas atividades sociais, pois o fato de se deslocar diariamente ao GTI enfrentando as dificuldades do transporte urbano e do trânsito, mostra a autonomia que esses idosos usufruem e a liberdade garantida pela conservação de sua capacidade funcional.

A autonomia dos HPs é reforçada ao considerar o percurso diário entre suas residências e o GTI. Conforme a Tabela 3 é possível perceber que nem sempre os participantes moram no mesmo bairro do GTI que frequenta, algumas semelhanças que aparecem é entre as zonas distritais.

Não faz parte do objetivo desta pesquisa traçar comparações entre os dois GTIs pesquisados, mas se percebe que os participantes do GAD-PM concentram-se na mesma zona distrital do seu GTI, enquanto que os do PIFPS-U3IA apresenta uma mescla de localização, seja por bairros ou zonas adjacentes como bem longínquas, mostrando que a distância não foi um problema para adesão e permanência deles ao grupo (Tabela 2).

GTI	BAIRRO DO GTI	BAIRRO DOS HPs	PREVISÃO PERCURSO*		N
			Min	Km	
PIFPS-U3IA	Coroado (Zona Leste)	Cidade Nova (norte)	40'	20	1
		São José (leste)	30'	14	1
		São Francisco (sul)	20'	7,5	1
		Japiim (sul)	15'	5,6	2
GAD-PM	Japiim (Zona Sul)	São Francisco	15'	6	1
		Japiim	-	-	1
		Crespo	13'	6	1

*A previsão do percurso foi baseada nas informações do Google maps, considerando o transporte particular.

Tabela 2 – Localização dos bairros dos GTIs e dos homens participantes.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2011.

Um exemplo é um HP que mora no bairro Cidade Nova, zona norte, que fica a aproximadamente a 20 km do GTI, num percurso 40 minutos em transporte coletivo. Ou seja, a idade dos HNPs não os impede de realizar suas atividades diárias, muito menos de aderir à prática de exercícios físicos num GTI.

Quanto à escolaridade, não houve nenhum registro de analfabetismo entre os entrevistados. Isto significa que esses participantes tiveram acesso à escola mesmo considerando as características da sociedade e às políticas de educação prevalentes nas décadas passadas, quando o acesso à escola possuía algumas restrições. Porém, na história, os homens sempre apresentaram vantagem quanto à escolarização. Segundo o IBGE (2002), no passado (até os anos de 1960) os homens tinham mais vantagens no

acesso à escola do que as mulheres, conforme a taxa de alfabetizados: 67,7% dos homens contra 62,6% das mulheres.

O menor grau de escolaridade esteve no 1º grau incompleto, que por sinal foi mais frequente com os homens não participantes. Contabilizando como anos de estudo, os HNPs frequentaram por menos tempo a escola (a maioria com quantidade de anos menor ou igual a 8) e os HPs por um pouco mais de tempo, igual ou menor que 11 anos. Logo, a escolaridade é um fator de influência que será considerado posteriormente nas análises das falas dos sujeitos sobre a participação masculina em GTIs.

As variáveis estado civil e com quem o idoso mora mostram que tanto os HPs como os HNPs estão sempre em companhia e ligados a familiares, a maioria são casados e compartilham o domicílio com a esposa. Essa é uma configuração apontada pelo IBGE (2002) que mostra que quase 80% dos homens idosos brasileiros vivem em algum tipo de união conjugal, enquanto que a maioria das mulheres idosas são viúvas.

Aponta também que mais da metade dos domicílios (54,5%), onde havia como responsável um idoso, residiam pessoas na condição de filhos ou enteados, tendência que se mantém desde 1991, com ligeiro declínio. No Brasil, o tipo mais comum é o domicílio composto pelo modelo de casal com filhos ou com parentes, principalmente quando o homem idoso é o responsável pelo domicílio IBGE (2002).

Os arranjos familiares com a presença de idosos no Brasil são divididos em dois grupos: as famílias de idosos, em que o idoso é chefe ou cônjuge, e as famílias com idosos, em que estes são parentes do chefe ou do cônjuge (CAMARANO *et al*, 1999). Nos últimos 20 anos, aumentou a proporção de arranjos familiares com a presença de idosos, principalmente nas famílias de idosos (de 17,1% em 1980 para 20,9%, em 2000), fato confirmado nos entrevistados, em que a maioria enquadra-se no perfil chefes de família.

Referente à situação de aposentadoria, os HPs e os HNPs apresentaram semelhanças: a maioria estava aposentada, porém, o motivo e a idade desse evento apresentaram variações entre esses sujeitos. A maioria dos HPs aposentou-se por tempo de serviço (tendo também uma ocorrência de invalidez), enquanto os HNPs dividiram-se em tempo de serviço (3), idade (3) e tempo de contribuição (1). Quanto à idade da aposentadoria, as ocorrências dos HPs ficaram entre os 46 e 67 anos e o dos HNPs entre 49 a 72 anos.

Conforme Rosa e Villela (2003), o aposentado brasileiro é um dos mais jovens do mundo. Em média, passa para a inatividade aos 53,2 anos de idade. Na grande maioria dos países latino-americanos, o benefício só é dado a quem completa 60 anos e na Europa, 65. Isso acontece porque no Brasil o ingresso no mercado de trabalho acontece muito cedo, por volta de 14 a 15 anos de idade; quando a falta de renda faz com que os filhos comecem a trabalhar mais novos e saiam do colégio antes mesmo de completarem o ensino fundamental. Assim, a idade de aposentadoria dos entrevistados reflete a realidade brasileira, ou seja, uma aposentadoria jovem.

A aposentadoria se caracteriza como um período da vida em que o indivíduo passa de uma rotina em que o tempo é organizado em torno do trabalho para uma possibilidade de vivência do tempo livre. Fazendo uma análise das variáveis: idade, idade de aposentadoria e tempo de participação no GTI percebe-se que a entrada no GTI não ocorreu imediatamente ao início da aposentadoria (Tabela 3).

Houve um intervalo, um período de adaptação, onde esses homens procuraram opções de ocupação do seu tempo livre. A maioria relatou que logo após aposentar-se buscou continuar as atividades trabalhistas, seja na mesma profissão ou tentando outra, porém, depois de um período abandonou de vez o trabalho para dedicar-se a tarefas do círculo privado e participação no GTI.

SUJEITOS	IDADE DA APOSENTADORIA	IDADE DE ADESÃO AO GTI	INTERVALO ENTRE APOSENTADORIA E ADESÃO AO GTI (ANOS)
HP1	56	61	5
HP2	54	64	10
HP3	50	62	12
HP4	-	-	-
HP5	48	65	17
HP6	53	57	4
HP7	67	60	-
HP8	46	54	8

Tabela 3 - Idade de aposentadoria x tempo de participação em GTI.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2011.

Notou-se que a quantidade de aposentados que possuem uma ocupação trabalhista atual é maior entre os HNPs; pois cinco, dos oito entrevistados continuam trabalhando. Em contrapartida, dos oito entrevistados HPs, seis não possuem nenhuma ocupação trabalhista. Partindo desse fato, uma das hipóteses para a não participação pode estar na ocupação trabalhista que muitos HNPs ainda exercem.

Segundo Wajnman (2004), a maior parte dos idosos que estão no mercado de trabalho é composta por pessoas que dependem do rendimento da atividade para sobreviverem ou para manter seu padrão atual de vida. Liberato (2003) *apud* Kuck (2009) afirma que quanto mais jovem for o aposentado, maior a chance de ele ofertar seu trabalho.

Outro fator que tem condicionado o aposentado a continuar no mercado de trabalho é a compressão dos benefícios concedidos pelo INSS que, com exceção do piso de um salário mínimo, não vêm sendo reajustados de acordo com esse indicador. Como há uma diminuição do poder de compra, parte dos aposentados precisa continuar na ativa para complementar sua renda. Ou seja, o aumento no número de idosos ativos é consequência da diminuição da renda trazida pela aposentadoria.

4.2.2 Hábitos relacionados à saúde dos HPs e HNPs de GTIs

O estilo de vida é um determinante da saúde dos indivíduos, grupos e comunidade. Entende-se estilo de vida como o “conjunto de ações habituais que refletem as atitudes, os valores e as oportunidades na vida das pessoas” (NAHAS, 2003, p.19).

Sabe-se que uma vida saudável tem total ligação com os hábitos e comportamentos adotados por um indivíduo no decorrer de sua vida. Entre os hábitos destacam-se os cuidados com a saúde como: visita periódica ao médico, realização de exames preventivos, dedicação a tratamentos e uso de medicamentos, ingestão de alimentos saudáveis e prática de atividade física. Por isso, esta pesquisa buscou traçar o perfil dos entrevistados quanto a seu comportamento relacionado à saúde através de alguns itens, presentes na Tabela 4.

VARIÁVEL	CATEGORIA	HP	HNP
Fuma	Abandonou	5	5
	Não	1	3
	Sim	2	0
Ingestão de bebidas alcoólicas	Abandonou	1	2
	Não	1	1
	Sim	6	5
Frequência Semanal de AF	Nenhuma	0	7
	2x	2	0
	4x	6	1
Categorias AF	Ainda não pensou em praticar	0	4
	Penso em praticar, mas ainda não começou	0	3
	Pratica enfrentando alguns contratempos	2	1
	Está praticando e sente falta quando não faz	4	0
Doenças	Nenhuma	4	1
	Cardiovasculares*	4	6
	Ósseas	0	1
Total		8	8

*hipertensão, coração, diabetes, colesterol.

Tabela 4 – Comportamentos relacionados a saúde de HPs e HNPs.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2011.

Os hábitos relacionados á saúde apresentados na Tabela 4 mostram que ingerir bebidas alcoólicas faz parte da vida da maioria dos HPs e HNPs. Com os HNPs não apareceu nenhuma ocorrência atual do hábito de fumar, diferente dos HPs que apresentaram duas ocorrências, ainda que para a maioria dos sujeitos esse foi um hábito abandonado em algum período da vida adulta.

Os HPs apresentaram afeição à atividade física, pois afirmaram que a frequência de prática é de quatro vezes (6) e duas vezes (2) por semana, e classificaram-se nas categorias: “pratica enfrentando alguns contratempos” e “está praticando e sente falta quando não faz”. Já a maioria dos HNPs não pratica nenhum tipo de atividade física, salvo um sujeito que informou praticar de maneira assistemática.

A condição na qual o indivíduo se encontra com relação aos seus hábitos e intenções de iniciar ou manter a prática da atividade física é classificada por Marcus *et al.* (1994), como Estágio de Mudança de Comportamento (EMC). Segundo Marcus *et al.* (1994), os EMCs são normalmente classificados como: 1) Pré-contemplação: indivíduo não pratica atividade física regular, e não tem a intenção de mudar o seu comportamento; 2) Contemplação: indivíduo não pratica, mas apresenta intenções de iniciar a prática em até seis meses; 3) Preparação: indivíduo tem intenção de iniciar a prática de AF nos próximos 30 dias, ou a pratica, mas irregularmente; 4) Ação: indivíduo pratica atividade física regularmente, mas há menos de 6 meses; 5) Manutenção: indivíduo pratica AF regularmente por seis meses ou mais.

Baseado na classificação de Marcus *et al.* (1994), os HPs encontram-se no estágio 5, de manutenção da AF, enquanto os HNPs estão no estágio de 1 e 2, de pré-contemplação e contemplação.

Em relação às doenças, metade dos entrevistados HPs informou não possuir nenhuma doença crônica diagnosticada e os demais indicaram doenças no aparelho

cardiovascular, com prevalência da hipertensão. Em comparação, os HNPs apresentaram maior ocorrência de doenças crônicas do que HPs e de ambos as doenças cardiovasculares foram a maior predominância.

De acordo com essas informações, o perfil de ambos os sujeitos apresentam alguns pontos de risco à saúde, como a ingestão de bebidas alcoólicas, o fumo e a inatividade física. Esse perfil, do ponto de vista da saúde pública, se enquadra nos cinco mais importantes fatores de risco para doenças crônicas não transmissíveis segundo Lima-Costa (2004) e WHO (2003): o tabagismo, o consumo de álcool, a obesidade ou sobrepeso, a hipertensão e a dislipidemia.

O tabaco é um dos mais potentes agentes carcinogênicos para o ser humano. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o tabaco é a segunda causa de mortalidade no mundo, sendo responsável pela morte de um em cada dez adultos, somando cerca de cinco milhões de mortes anualmente. Isso acontece porque o consumo do tabaco desencadeia uma série de doenças cardiovasculares, respiratórias e desenvolvimento de neoplasias, além do déficit cognitivo e disfunções osteoarticulares, que adquirem maior significado com o avançar da idade.

Filho *apud* Freitas *et al* (2006) ainda acrescenta outras alterações causadas pelo tabaco, como irritação química na mucosa oral e nas papilas gustativas, com diminuição do paladar; aparecimento de úlceras péptica em idosos, injúria aguda na mucosa gástrica, danos diretos ao tecido periodontal e tecidos moles da boca.

Os dados do Inquérito Domiciliar sobre Comportamentos de Risco e Morbidade Referida de Doenças e Agravos Não Transmissíveis, realizado em 2002 e 2003, apontam que a maior concentração de fumantes está entre os homens e entre pessoas com menos de oito anos de estudo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004). As causas para a maior prevalência de tabagismo no sexo masculino são históricas e culturais. O

tabagismo iniciou-se no mundo como um comportamento predominantemente do sexo masculino. Durante e após a I Guerra Mundial observou-se um dramático crescimento do consumo de tabaco entre homens.

O fato da maioria dos entrevistados serem ex-fumantes ou fumantes é explicado pela influência histórica da industrialização, pois o aumento da renda dentro de populações tem relação direta com o aumento da proporção de fumantes (BRASIL, 2002). A presença de ex-fumantes não só revela que o hábito de fumar era muito frequente nos anos passados, mas também, que os sujeitos entrevistados podem ter sido alvo de campanhas e programas de controle do tabaco liderados pelo Ministério da Saúde, o que contribuiu para diminuição do tabagismo entre 1989 a 2003.

O consumo de álcool é outra preocupação para a saúde dos idosos desta pesquisa, visto que está associado à hipertensão arterial, à cirrose, ao acidente vascular hemorrágico e aos cânceres da orofaringe, laringe, esôfago e fígado (COSTA, 2004). Além do que, as pessoas da terceira idade são mais sensíveis aos efeitos do álcool aumentando o risco de quedas, de desnutrição e interações medicamentosas.

Considerando dois hábitos, o consumo de álcool e a inatividade física com a presença de doenças cardiovasculares, os HNPs apresentam uma combinação perigosa à saúde. O sedentarismo é o fator de risco mais prevalente em idosos com doenças cardiovasculares (TADDEI E GRESPAN *apud* FREITAS, 2006). A inatividade física é responsável por aproximadamente 2 milhões de mortes no mundo. Anualmente, estima-se que ela seja responsável por 10% a 16% dos casos de cânceres de cólon, mama e de diabetes e 22% das doenças isquêmicas do coração (BRASIL, 2003).

Há evidências de que as atividades físicas e exercícios, em qualquer idade, reduzem a morbidade e a mortalidade para doença isquêmica do coração, hipertensão, obesidade, diabetes, osteoporose e transtornos mentais (US, 2003). Taddei e Grespan

apud Freitas (2006) afirmam que programas de atividades físicas orientados podem diminuir o risco coronariano e prevenir a manifestação de hipertensão arterial e diabetes.

Logo, a atividade física é um elemento que precisa ser acrescentado ao estilo de vida dos HNPs. Recomenda-se que todos os adultos realizem, minimamente, 30 minutos de atividade física moderada – que pode ser confortavelmente mantida por pelo menos 60 minutos – a vigorosa – de intensidade suficiente para levar à fadiga em 20 minutos – na maioria dos dias da semana, de preferência todos os dias.

4.3 HOMENS E A PARTICIPAÇÃO EM GTIs: ANÁLISE DA PERSPECTIVA DO QUE ELES E ELAS DIZEM

Nessa fase do estudo, o objetivo concentrou-se em analisar as causas para participação e não participação masculina em grupos de terceira idade, a partir do depoimento de homens participantes e não participantes, e de mulheres que participam.

A discussão dos resultados partiu da análise de conteúdos extraídos das entrevistas (APÊNDICES E, F E G), em que as falas dos sujeitos, após transcrição, exaustiva análise e discussão, foram organizadas por categorias e subcategorias conforme o que mais se repetiu nas falas dos sujeitos, as quais se apresentam organizada no Quadro 6.

No Quadro 6, os 3 tipos de sujeitos foram apresentados em suas categorias e subcategorias para facilitar a construção progressiva dos resultados para o leitor. As categorias surgiram das perguntas realizadas aos sujeitos.

Os *Sentimentos Relacionados à Aposentadoria* foi escolhida como uma categoria relevante por retratar aspectos da relação dos HPs e HNPs com o trabalho, o

que tem total ligação com a explicação deles sobre a não participação masculina em GTIs. A categoria *Causas para Participar do GTI* foi direcionada apenas aos HPs para conhecer os motivos e os fatores que os influenciaram a inserir-se no grupo.

A terceira categoria *Percepção sobre GTIs*, aplicada apenas aos HNPs no intuito de saber se conheciam, se já haviam participado, qual o contato e a idéia que possuíam em relação aos grupos. A quarta categoria é a que retrata o objetivo principal da investigação *Causas para Homens Não Participarem de GTIs*, a qual reúne a fala dos três sujeitos (HPS, HNPs e MPs).

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	SUJEITOS
SENTIMENTOS RELACIONADOS À APOSENTADORIA	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Faltando alguma coisa / Vazio ▪ Depressão 	HP
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reagi bem ▪ Não senti nada 	HNP
CAUSAS PARA PARTICIPAR DO GTI	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Falta de atividade ▪ Atividade física ▪ Esposa/cunhada 	HP
PERCEPÇÃO SOBRE GTI	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Muito bom/ótimo ▪ Muito parado 	HNP
CAUSA PARA HOMENS NÃO PARTICIPAREM DE UM GTI	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compromissos ▪ Grupos ▪ Vergonha 	HNP
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Não quer ser velho ▪ Vergonha 	HP
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Não quer ser velho ▪ Vergonha 	MP

Quadro 6 - Demonstrativo das categorias e subcategorias da análise das falas dos sujeitos participantes e não participantes de GTIs. Fonte: Pesquisa de Campo, 2011.

Os resultados e discussões serão descritos a seguir de acordo com a seqüência lógica prevista no Quadro 6, evidenciando no início de cada categoria e subcategoria o sujeito a qual se refere. Em síntese, HPs e HNPs possuem três categorias de análises, sendo duas em comum (*Sentimentos relacionados à aposentadoria e Causa para homens não participarem de GTI*) e uma diferenciada para cada sujeito: *Causa para*

participar de GTI, para HPs, e *Percepção sobre GTI*, para os HNPs. As MPs possuem apenas uma categoria de análise, por sua vez, comum aos HPs e HNPs (Quadro 6).

4.3.1 SENTIMENTOS RELACIONADOS À APOSENTADORIA DE HPS E HNPs

Nesta categoria são abordadas as reações e sentimentos dos entrevistados quanto ao processo de sua aposentadoria. Como se trata de uma categoria comum à HPs e HNPs, suas subcategorias estão aqui reunidas e apresentadas na mesma seqüência do Quadro 6. Primeiramente é apresentada a subcategoria dos HPs: faltando alguma coisa/vazio, depressão e depois as subcategorias dos HNPs: reagi bem e não senti nada.

4.3.1.1 Faltando alguma coisa / Vazio

Esta subcategoria foi a mais citada na fala dos homens participantes de GTIs. A fala dos HPs trouxe maior ênfase à falta e ao vazio causado pelo desligamento com o trabalho ocasionado pelo processo de aposentadoria. A quebra da rotina trabalhista, que consistia em horários e hábitos rigorosos como acordar cedo, passar a maior parte do tempo no trabalho, chegar tarde em casa, gerou um sentimento de vazio em alguns sujeitos, evidenciado nas seguintes através das palavras: falta, vazio e “o que fazer”.

HP6 – A gente tá acostumado a trabalhar, todo dia acordar, isso e aquilo, no meu caso, como militar, era serviço, podia ser natal, feriado, sábado e domingo, se caísse em serviço então, principalmente a família sente pra caramba, quando é assim final de semana, natal, tudo. Quando eu me aposentei, poxa, eu senti assim, a gente sente um **vazio**: “mais rapaz, o que vou fazer?”.

HP1 – [...] o cara tá habituado todo dia, a rotina. Ai foi muito assim, não vou dizer que foi chato, assim, mas ficava **faltando alguma coisa**.

O mesmo sujeito (HNP1), após aposentar-se, por estar tão acostumado com sua rotina trabalhista, relatou um episódio em que ele acordou cedo, preparou-se para ir ao trabalho, e no caminho lembrou que não estava mais trabalhando:

HP1- Porque eu sempre me acordei 5h da manhã, eu sempre morei assim, um pouco longe, e sempre assim, não dá pra pegar o ônibus, no caso de dar uma pane no ônibus né, ter chance de pegar um outro e chegar a tempo. E muitas das vezes eu me acordava, teve uma vez que eu entrei no ônibus, aí falei: “tá perto”, e “o que vim fazer”?

A próxima subcategoria tem relação direta com a *faltando alguma coisa/vazio* por isso, a discussão será apresentada em conjunto.

4.3.1.2 Depressão

Outra subcategoria presente nas falas dos HPs foi a depressão. Mais um sentimento gerado pela quebra da rotina nos HPs mostrados pela difícil adaptação à dinâmica do lar e acomodação no tocar da vida.

HP3 – [...] foi difícil de me adaptar na qualidade de aposentado. E eu fiquei um tempo quase que acomodado mesmo, sem ter nenhuma outra atividade. Aí comecei a achar que as coisas não iam bem mesmo pra mim. Ficava muito tempo em casa, e às vezes aborrecia até minha esposa, porque não saía de casa, sabe como é que é, eu passei 32 anos trabalhando, chegava em casa quase à noite, aí e, depois que me aposentei passava maior parte do tempo em casa, dando palpite no que não era certo, mas levei, fui levando. [...] já tava me sentindo assim **arrasado** [...]

HP4 - Como eu me senti? Entrei logo em **depressão**. Foi por isso que eu vim pra cá mais eu passei muito tempo, muito tempo com depressão, alias eu vim pra cá depois que a minha mulher morreu faz uns dois anos e poucos que ela morreu vai fazer 3 anos.

As reações e comportamentos no relacionamento familiar relatado pelo sujeito

HP3 indicam sintomas da *Síndrome do Marido Aposentado*. Segundo Cabelo *et al* (2011) e Magalhães *et al* (2004), nessa síndrome, também chamada de *pós-*

aposentadoria, o sujeito aposentado sente, no começo, que parece estar de férias, mas com o passar do tempo esse sentimento se modifica e leva o idoso a ter problemas no relacionamento com os filhos e a esposa, atrapalhando o relacionamento familiar.

A interrupção de atividades desenvolvidas ao longo de uma vida no cenário de produção do mundo do trabalho e a conseqüente perda dos vínculos sociais estabelecidos gera sentimentos de desvalorização no aposentado. O fim do trabalho remunerado, a chegada da terceira idade, criam uma ideia de pobreza, de incapacidade e aumentam o estigma de inutilidade do idoso.

Bragança (2004) aponta que esses significados negativos que muitas vezes permeiam a aposentadoria são postulados pela lógica do capitalismo, onde o trabalho ocupa um papel muito importante na vida do homem moderno. Segundo Moser (2001) moralmente o trabalho é tido como edificante, *o trabalho enobrece o homem*, e o ócio como imoral. Sendo o trabalho representante da identidade do indivíduo, a aposentadoria pode repercutir como uma perda de identidade, uma vez que ele deixa de pertencer a um determinado grupo social (CARLOS *et al*, 1999).

Durante esse impacto do processo de aposentadoria, os HPs relataram algumas alternativas para adaptar-se a essa nova rotina sem o trabalho e combater os sentimentos gerados. A mais citada foi procura por emprego, sendo a maioria dela tentativas frustradas.

HP1 - **Tentei alguma coisa**, mas fiquei ainda um ano lá no trabalho né, mas o chefe disse: “olha, num dá pra pagar uma gratificação pra ti porque o dinheiro tá curto, num sei o que”, e fiquei só em casa mesmo.

HP3 - Se bem que eu ainda **tentei o comércio**, mas assim, depois eu vi que não dava pra mim. Larguei o comércio e fiquei mesmo só em casa.

HP6 - Eu corri atrás. Pra fazer qualquer coisa que encontrar, trabalhar de motorista, eu saí correndo atrás. Fui no distrito, achei algumas coisas pra fazer, mas não valia a pena não. Valia a pena não, porque era gasto de tempo, e dinheiro que era bom [...]

Segundo Bulla e Kaefer (2003) os motivos que levam o aposentado a continuar ou não a trabalhar são muito complexos. É preciso levar em conta não só os aspectos econômicos da vida dos sujeitos, uma vez que, quanto menor a renda, tanto maior será a sua preocupação quanto à aposentadoria, como também os aspectos sociais e particulares dos indivíduos.

A grande maioria das pessoas não aceita o término da atividade de produção. De acordo com Romanini (2004), numa pesquisa realizada em 1996 pelo Instituto Gallup 85% dos americanos economicamente ativos queriam continuar trabalhando depois da aposentadoria e em 1999, outra pesquisa mostrou que 62% permanecem trabalhando porque gostam, 26% porque precisam do dinheiro e apenas 12% pensam em aproveitar mais a família, amigos, viagens e não querem continuar trabalhando. Todavia, como o próprio exemplo dos entrevistados, nem sempre é possível continuar no mercado de trabalho.

Nenhum dos HPs citou ter se preparado para aposentadoria ou elaborado metas pessoais para essa fase da vida, podendo este ser um fator de influência para a instalação dessas reações e sentimentos negativos. A aposentadoria traz uma nova realidade de hábitos por isso é necessário que se busquem alternativas para preenchimento do tempo livre. A entrada no GTI parece ter relação direta com uma alternativa de preenchimento do tempo livre decorrente da aposentadoria dos HPs.

4.3.1.3 Reagi bem

Para extrair as subcategorias dos HNPs foi dificultoso, pois na maioria das respostas a como se sentiram com a aposentadoria não se destacaram palavras relacionadas a sentimento, mas sim ideias relacionadas às suas histórias de vida. Eles

relataram ter reagido bem à aposentadoria e não enfatizaram sentimentos negativos. Parte disso deve-se ao planejamento e preparação para aposentadoria que alguns procuraram fazer.

HNP1 - Pela empresa a aposentadoria **reagi muito bem**. Eu sei, que, de modo geral, pra muitos, às vezes tem uma reação muito forte de impacto né. Mas pra nós, na empresa, ela, como te falei, ela já não deixa essa reação de impacto, de você se afastar do emprego, não ter mais aquela atividade dia-a-dia, e você não ter aquele controle emocional, ou controle pessoal, e ficar desorientado né, e nesse sentido [...] E por, mim, nesse sentido, eu não tive esse problema. Não sei se foi por tanto tempo de serviço, que eu trabalhei, ou por orientação da empresa. Mas de modo geral, **eu me preparei**. Espiritualmente, pessoalmente eu **me preparei**.

HNP4 – Já havia **planejado** [...] Foi **tranquilo e planejado**, sabe das limitações das coisas e não pode realizar todas.

Preparar-se para aposentadoria é algo cada vez mais necessário. Nos últimos tempos, cresceu o número de organizações que desenvolvem Programas de Preparo para Aposentadoria (PPAs), baseados na preocupação com o processo de expectativas e ansiedades pelas quais passa o indivíduo no período de pré-aposentadoria.

Para Stucchi (1998), o preparo para aposentadoria habilita o pré-aposentado ao desempenho de novos papéis que podem estar ligados às atividades associativas, de lazer, familiares, artísticas, ou a uma nova carreira, se isso lhe trouxer prazer. Abre também a oportunidade ao futuro aposentado de obter informações adequadas sobre a aposentadoria, identificar alternativas de atividades pós-aposentadoria, conhecer os recursos que a comunidade dispõe (como associações, programas específicos etc.) e discutir com pessoas que estão vivenciando um momento semelhante (seus medos, ansiedades, sonhos e aspirações) (MUNIZ, 1996).

A tranquilidade e o planejamento com a fase da aposentadoria também aparecem nas falas dos HNPs, quando relatam sobre o desejo de descansar e desfrutar das conquistas adquiridas pelos longos anos de trabalho.

HNP3 - Eu achei que estava no tempo de parar. Eu não quero mais trabalhar. **Já trabalhei demais.** Fiz o possível e o impossível e agora a mulher tá meio que querendo me trazer, pra me fazer atividade [...] eu quero é dormir, televisão, tomar uma cervejinha. Graças a Deus, dá pra mim viver, eu e a véia.

HNP4 - [...] Eu pensei o seguinte, vou conhecer todo o interior do Amazonas [...] Outro sonho que eu tive, comprei um barco de 26 metros [...]

Neri (2009) comenta que a aposentadoria possui várias representações, uma delas é o novo começo, quando as pessoas esperam ter liberdade de retomar velhas metas ou estabelecer novas. É a oportunidade para fazer coisas que foram postergadas em razão de outras prioridades, é também o sonho de não fazer nada, ou só viajar, só cuidar da chácara como observado nas falas dos HNPs 3 e 4. Porém, nem sempre as realizações almejadas são alcançadas pelos aposentados, o que requer dessa fase bastante compreensão e determinação em buscar outras perspectivas para a vida, como o HP4 descreveu:

HP4 – [...] tem algumas realizações que não aconteceram e que eu pensava.[...] Então, a verdade às vezes, o planejamento da gente não dá muito certo por várias condições [...]

Quem planeja a aposentadoria e estabelece metas para si tende a ser mais controlado por expectativas do futuro (NERI, 2009).

4.3.1.4 Não senti nada

As falas dos HNPs trouxe indicações, não exatamente palavras relacionadas a sentimentos, mas que tratavam de um mesmo fenômeno: a continuidade, a não mudança de rotina. O fato de continuarem trabalhando em um ofício no qual já possuíam familiaridade gerou o sentimento de continuidade, expresso pela frase: “não senti nada”.

HNP6 - [...] eu já estava assim, acostumado né, porque eu trabalhava no bar, sempre trabalhei com bar. Quarenta anos de bar. Então quando eu saía de lá eu vinha pro bar, aí pra me distrair, porque assim foi uma troca sabe? Eu me dou com muitas pessoas, muita gente né, aí **não senti nada de diferença.**

HNP2 - É como diz, **eu como se eu tivesse continuado trabalhando.** Continuo como taxista. Minha vida sempre foi assim. Eu não parei, não diminui meu ritmo de serviço, nem nada.

A continuidade da atividade laboral mesmo depois da aposentadoria oferece vários benefícios. Dulcey-Ruiz e Guitiérrez (2007) *apud* Neri (2009) indica que a continuidade fortalece a identidade do aposentado por gerar o sentimento de pertencimento a um grupo ou organização, contribui na manutenção da autoimagem, autoestima, e aumenta as chances de socialização e convivência com outras gerações. Além desses ganhos existe também a possibilidade de aumento de ganhos financeiros, manutenção do nível de vida e oferecimento de modelos positivos para as próximas gerações.

4.3.1.5 Comparações entre subcategorias dos HPs e HNPs

Segundo França (2008) as atitudes frente à aposentadoria podem ser avaliadas por meio de duas variáveis: das vantagens (a importância dos ganhos) e das desvantagens (a importância das perdas). Os HNPs direcionaram suas falas mais para as vantagens, conforme a seguinte Escala de Ganhos: tempo para realizar investimentos (HNP5); novo começo, com maior tempo para trabalho voluntário, educação, emprego diferente (HNP4) e lazer e cultura, viajar, participação em clubes e associações, dormir e assistir TV (HNP3, HNP4).

Baseado nos quatro modelos para aposentadoria proposto por França (2008) as atitudes dos HNPs e HPs podem ser classificadas em:

- a) Transição para o descanso (HNP3);
- b) Novo começo (HNP4);
- c) Continuidade (HNP1, 2, 6);
- d) Ruptura imposta - falta de sentido e frustração (HP1, 3, 4, 6).

De acordo com esses modelos, os HPs são classificados assim: iniciaram no modelo ruptura (falta de sentido e frustração) e depois migraram para o novo começo, onde a atividade física e a participação em um GTI apresentaram-se como principal marco (FRANÇA, 2008). Já os HNPs, em geral, mostraram estabilidade no modelo continuidade, no sentido de “a vida continua”, “agora é o meu momento de aproveitar a vida”. Grande parte dessa reação justifica-se pelo planejamento consciente que os HNPs demonstraram ter realizado.

Com os depoimentos dos HPs e HNPs é perceptível que a aposentadoria apresenta características heterogêneas que variam de um sujeito para outro, fazendo com que as ações de adaptação a essa nova fase da vida sejam divergentes dentre as

peessoas, e sejam criados cenários de transição decorrentes da decisão de desvincular-se ou permanecer no trabalho.

4.3.2 CAUSAS PARA PARTICIPAR DE UM GTI PARA HPs

Esta categoria refere-se apenas aos HPs. Estes quando indagados sobre as causas para participar do GTI, relataram justificativas relacionadas à ociosidade, desejo de exercitar-se e indicação e incentivo de alguém, apresentadas a seguir em seqüência.

4.3.2.1 Falta de atividade

A falta de atividade que ocupasse o tempo antigamente destinado ao trabalho foi um dos fatores que conduziram os HPs ao GTI. Eles relataram que a ociosidade gerada pela aposentadoria provocou algumas alterações de comportamento e temperamento.

HP1 - A causa para participar? Justamente, a **falta de atividade**. Eu sentia sei lá, tava **faltando alguma coisa**, ficava quieto ou às vezes até nervoso, brigava às vezes com meu filho até por besteira.

HP6 - Ah! Exatamente porque eu estava sentindo a **falta de fazer alguma coisa**.

A ociosidade é um dos principais temores de quem se aposenta. Pessoas excessivamente ligadas ao trabalho, e que possuíam poucas metas e expectativas para a aposentadoria tendem a experimentar maior tensão, senso de fracasso e infelicidade nessa fase.

A aposentadoria traz para os indivíduos um conjunto de perdas que eram valores importantes, tais como o convívio com os colegas, o *status* social de pertencer a uma

organização, o poder de exercer influência sobre os outros, assim como a própria rotina enquanto referencial de existência (UVALDO, 1995). Segundo Bruns e Abreu (1997), a falta de planejamento é uma das principais causadoras de angústia e solidão na pós-aposentadoria; onde as pessoas sentem-se surpresas e desencantadas por não saberem gerenciar criativamente e com prazer a existência sem uma ocupação profissional, mesmo quando a atividade antes exercida era executada com insatisfação.

Porém, esse sentimento de vazio sentido pelos HPs o impulsionaram à procura de alternativas de preenchimento do tempo livre, o que positivamente o direcionou para o GTI.

4.3.2.2 Atividades Físicas

Outra causa para participar do GTI foi o desejo de praticar atividades físicas. A necessidade de cuidar da saúde principalmente na idade mais avançada foi algo reconhecido pelos HPs e que os direcionou a tal decisão.

HP2 - Eu resolvi devido às **atividades físicas**. Porque tem muita gente que vem pra cá por falta até de convívio, essas coisas. Eu não! Foi justamente por causa das **atividades físicas**.

HP5 – [...] pela necessidade de **exercitar** o corpo, porque a gente sabe que a pessoa idosa parada, sem praticar nenhuma **atividade** é morte súbita.

HP6 – [...] vou **praticar uma física**, viajar, dar uma passeada por ai, porque o que eu tinha que viajar o que tinha que trabalhar, já trabalhei.

A conscientização da importância do binômio atividade física e saúde é fator primordial para que um indivíduo possa ter vida sadia e prevenir doenças. O aumento da longevidade tem feito as pessoas reforçarem seus cuidados com a saúde e adotar comportamentos que conduzam a uma boa qualidade de vida, um deles é a prática de

atividade física. Segundo Mcardle e Katch (2008), os indivíduos que se exercitam regularmente conseguem atenuar ou neutralizar fatores de risco como a hipertensão arterial, o diabetes, o aumento do colesterol (menos LDL e mais HDL) e de outras gorduras no sangue, a obesidade, alguns tipos de câncer e o stress, diminuindo a mortalidade geral.

Neri (2008) aponta que a atividade física melhora o metabolismo de maneira geral e o coração é um dos órgãos mais beneficiados, pois passa a bombear maior quantidade de sangue permitindo melhor oxigenação de outros órgãos vitais como o cérebro, pulmões e os rins.

O hábito de exercitar-se, bem como o estilo de vida ativo, também é capaz de diminuir vários fatores de risco à saúde, o que se reflete em melhor qualidade de vida na velhice. Os benefícios do exercício físico aos idosos são diminuição da gordura corporal, aumento da força e da massa muscular, melhoria da flexibilidade e fortalecimento do tecido conectivo. A prática da atividade física em adultos maduros e idosos pode reduzir os riscos de quedas e fraturas e ajudar na manutenção de uma vida independente, pela melhora da força e do equilíbrio.

O fator importante é que os homens participantes entrevistados estão conscientizados da importância do exercício físico na fase do envelhecimento e, além de conscientizados, têm uma postura ativa frente às necessidades percebidas. Segundo os dados já descritos sobre o perfil dos comportamentos relacionados à saúde, todos os HPs encontram-se no estágio de manutenção da atividade física, o que corresponde à prática além de seis meses, sendo assim já um hábito.

Isso, com certeza, têm sido determinante para seu ajustamento pós-aposentadoria. Evidências de pesquisas sobre saúde e aposentadoria consideram que a participação em programas de promoção da saúde ou o cultivo de hábitos de vida saudáveis melhoram as condições de adaptação à nova condição social, em detrimento daqueles que tem estilos de vida inadequados na pré-aposentadoria (CANIZARES E FILHO, 2009).

4.3.2.3 Esposa/cunhada

A maneira como conheceram e passaram a participar do grupo sempre teve o intermédio de alguém. Todos os HPs foram intermediados por pessoas que já participavam de algum GTI, sendo a maioria por pessoas do sexo feminino (esposas, cunhadas, vizinhas) como pode ser visto nos depoimentos:

HP2 – [...] minha **esposa** também já participava aqui, ela veio antes que eu; ai **ela me motivou** mais a vir.

HP3 - Através da minha **esposa, ela que me indicou**. Alguém indicou pra ela, uma colega dela, e me indicou e resolvi participar também.

HP4 – [...] ai uma **senhora** lá perto de casa, dona Rosa, que nem tá mais aqui agora, tá na Aparecida, ela ficava pelejando até que um dia **ela me trouxe**. Ela trabalhou comigo, ela era daqui ai me trouxe pra cá.

HP5 - Uma **cunhada** minha que fazia atividade aqui, ai perguntei pra ela se podia entrar, ela disse que podia entrar qualquer pessoa. Ai eu me interessei e vim aqui, matriculei estou até hoje.

HP8 - Eu tinha uma **cunhada** que participava aqui desse grupo, então ela disse: “mais homem, tu vai ficar em casa parado, sem fazer nada, daqui a pouco nem levantar tu levanta mais, dá uma voltinha lá no coisa, que eu te apresento”. Me dá ao menos uma ficha ai, pra eu chegar lá e procurar a quem eu vou me apresentar, e assim eu fiz.

As mulheres foram as principais responsáveis por incentivar a participação dos HPs no grupo, às vezes na forma de simples motivação, indicação, com a passagem de informações sobre o GTI para tirar dúvidas dos que já se mostravam interessados (HP5

e 6) e também de insistência (HP 4 e 8). Por serem participantes e reconhecerem os benefícios que as atividades dos GTIs proporcionam para a saúde, elas se destacaram como importantes influenciadoras da adesão.

Segundo Alvarenga (2006), a sociedade fixa comportamentos esperados para homens e para mulheres em relação à saúde, para as mulheres recai a função do cuidado, enquanto para os homens o descuido. Essas diferenças de cuidado em relação à saúde são explicadas pelas noções de instinto para a maternidade que posiciona as mulheres como cuidadoras naturais de si e dos outros. Meyer (2000) afirma que as representações da maternidade estão presentes desde a infância, quando as meninas em brincadeiras simulam cuidados com a casa e com os filhos, estendendo-se por todas as fases da vida das mulheres, fazendo delas eternas cuidadoras. Logo, os HPs quando incentivados a participar de um GTI, foram alvos das ações femininas de cuidado.

Amigos e conhecidos também tiveram papel de influência na adesão dos HPs ao grupo, demonstrando a importância da identificação, de ter pessoas do mesmo sexo que participem juntos.

HP1 – [...] quando eu participava também do coral, do Cláudio Santoro e **conheci o Fulano**, aí disse: “tu num joga?”. “Jogo! Não sou craque, mas joga”. “Olha lá tem um bocado de atividade, tem vôlei, tem futebol de salão, atletismo, natação”. Aí, “eu vou lá”. Aí vim, entrei [...] aí comecei a praticar.

HP6 - Apareceu através do jornal, eu soube aqui da terceira idade [...] Eu disse: então vou me inscrever. [...] tinha **alguém conhecido** também que disse: “não, lá é legal!”. Inclusive era daqui na faculdade. Vim aqui e me inscrevi, aí começamos.

HP7 – Não, porque inclusive eu moro aqui perto e a minha senhora queria participar e **os amigos** “bora, bora participar”.

Algo também importante que influenciou o ingresso desses homens no GTI foi observar as atividades que aconteciam no grupo de terceira idade.

HP1 - Aí, numa dessas caminhadas, lá pela praça da saudade, eu vi alguma coisa [...] música, pessoal dançando, aí **fui lá vê** o que é que é. Era justamente um da terceira idade [...]

HP7 - sempre a gente passava aqui e **via** o pessoal entrando e fazendo movimento e resolvemos participar.

HP3 - Quer dizer, não fui bem eu que resolvi vim pra cá, ela (minha **esposa**) que resolveu vir, pediu pra mim trazê-la aqui, fazer a matrícula. Eu trouxe; e sempre que eu vinha eu **olhava** e comecei a gostar e fiz a minha inscrição também e hoje eu estou aqui há quatro anos.

Por esses depoimentos é perceptível que o processo de adesão a um grupo de terceira idade está diretamente relacionado com o incentivo de participantes e a experiência de conhecer pessoalmente a dinâmica do grupo através da observação direta. O quesito observação do GTI como decisivo para participação encontra algumas relações com a percepção que os HNPs têm sobre os grupos, as quais apresentam-se a seguir.

4.3.3 PERCEPÇÃO SOBRE OS GTIS DOS HNPs

Essa categoria refere-se apenas a opinião dos HNPs sobre os GTIs, o que pensam sobre, o que conhecem. A opinião que os HNPs emitiram estão baseadas em suas experiências pessoais de contato com GTI. Os sujeitos HNP1,2,6 e 7 nunca participaram, mas já foram em alguma programação esporádica (viagens, festas, confraternizações); enquanto os HNP3, 4, 8 nunca participaram mas tiveram um contato visual rápido (“passei por lá e vi”). Apenas o HNP5 participou de um GTI, chegando a frequentar, mas abandonou porque não se adaptou.

A maioria nunca participou, no sentido de matricular-se e ter frequência, porém alguns já tiveram oportunidade de ir até um grupo e observar algumas atividades, geralmente em dias atípicos, como viagens, festas e confraternizações; outros fizeram a

observação de longe, fora do GTI e rapidamente. Houve também um sujeito que chegou a participar, matriculando-se em um GTI, porém abandonou as atividades por não ter se identificado.

Segundo os relatos dos HNPs, duas opiniões se destacaram e foram organizadas em subcategorias: os que acham que os GTIs promovem vários benefícios aos idosos e aqueles que concordam com os benefícios, mas acham que as atividades oferecidas são muito fracas.

4.3.3.1 Muito bom/ótimo

A maioria dos entrevistados afirmou que os GTIs são alternativas louváveis que promovem benefícios ao público envelhecido em diversos aspectos.

HNP6 - Eu acho **muito bom**. Pra gente da terceira idade, eu acho uma atividade **muito boa**.

O HNP2 destacou como benefício que os grupos proporcionam ao público da terceira idade a abertura de opções de lazer:

HNP2 - **É ótimo**. Deus me livre. Foi um grupo que criaram isso **é muito louvável** isso. Porque antes de criarem esses grupos, tá entendendo, o idoso não tinha opção de nada. O idoso quando chegava um ponto de aposentar, ou então mesmo num se aposentando mas quando parava, não tinha opção pra nada. Não tinha esporte, não tinha um lazer, não tinha uma viagem pra fazer, não tinha nada. Um banho pra ir, não tinha nada. Hoje em dia tem tudo, tá entendendo? Tem festa, tem tudo. Falando de um modo geral um lazer completo.

HNP7 - **Bom demais**. A pessoa que tem a terceira idade, aquele ali é o exercício melhor que eles faz, dançar, nadar, tá entendendo?

Já o HNP1 enfatizou os aspectos da socialização e comunicação que os grupos proporcionam, diante da situação de inatividade e isolamento sofrido pelos idosos:

HNP1 - Eu acho que os grupos de terceira idade traz grandes **benefícios** hoje para as pessoas de terceira idade. Pessoas em idade já avançada, ele tira as pessoas que vivem em casa isolados, que vivem pensando na vida, sem atividade física, sem comunicação, sem participação de diálogo, de comunicação com outras pessoas, isso aí.

Os grupos de terceira idade só traz **benefícios** e vantagens, porque tira ele do incômodo de está pensando coisas negativas, de tá pensando, em coisas ruins, e com isso, ele a pessoa não vive mais. E o grupo de terceira idade faz com que a pessoa melhore sua vida astral, sua vida social e cria comunicação com outras pessoas e a participação em geral.

Okuma (1998, p.129), afirma que a atividade física nos programas para terceira idade possibilita a convivência e “permite ao idoso ter uma rede de ligações pessoais, no qual pode trocar afeto, estar com pessoas com disponibilidade de acolhê-lo, sentir-se importante, valorizado e amado, podendo desfrutar do sentimento de pertença”, o que pode se configurar como um suporte social. Estar em grupo aumenta a segurança e a eficiência das pessoas, diminui a angústia, dá um sentimento de poder e possibilita apoio moral (ZAJONC *apud* OKUMA, 1998). Compartilhar atividades em grupo com pessoas da própria geração abre a oportunidade para que o bem-estar do idoso aflore.

A saúde foi reconhecida também como um benefício que os GTIs oferecem, bem presente na fala do sujeito:

HNP8 – Sabe, **é muito bom**. Olha, tudo que é pra saúde da gente é bom.

Os benefícios que os grupos e programas para a terceira idade proporcionam são incontestáveis. O desenvolvimento de pesquisas científicas na área gerontológica, da qualidade de vida e saúde estão bastante divulgadas na sociedade atual, de forma que falar sobre atividade física para pessoas idosas e ganhos nas diversas esferas humanas (biopsicossociais) é algo comum (MAZO, LOPES E BENEDETTI, 2004; MATSUDO, 2001; OKUMA, 1998).

Porém, mesmo reconhecendo os benefícios dos grupos, os HNPs não fizeram decisões relacionadas à participação, parece que esse benefício estende-se apenas ao *outro* e não a ele. O estado de pré-contemplação e contemplação da AF é uma dos fatos que confirmam isso. Por mais que estejam conscientes da importância de exercitar-se e de que o GTI é um importante veículo para a promoção da saúde, por fatores individuais, os HNPs não fizeram da conscientização uma prática.

Uma das razões para a não tomada de decisão para adesão ao grupo está nas representações de velhice e envelhecimento e na forma como estes homens estão significando o envelhecer. Eles compreendem que ser velho é um determinado tipo de pessoa que eles não são. Isso se encontra implícito em dois momentos da fala do HNP1, primeiro quando afirma que os GTIs destinam-se a “pessoas em idade já avançada, as pessoas que vivem em casa isolados, que vivem pensando na vida, sem atividade física, sem comunicação, sem participação de diálogo” e segundo quando conceitua velhice:

HNP1 - [...] é quando a pessoa chega aquele momento extremo de que [...] ele já não tem condições mais de caminhar, de participar [...] mas eu não sei. Velhice é uma palavra pra mim que não enquadra muito [...]

De acordo com a fala do HNP1, os GTIs servem apenas para quem é velho e que sofre, não sendo reconhecido como uma alternativa para quem tem uma vida ativa e saudável não atrelada a estereótipos de velhice extrema. A fala do sujeito HNP3, de 71 anos, também concorre para isso e traz explicitamente sua visão sobre velhice, onde velho é sempre o outro:

HNP3 - Eu não sou velho (risos). É uma pessoa que tá praticamente desgastada. Velhice, eu acho assim, eu não. Eu tenho 71 anos, mas sou meio casca grossa ainda. [Velhice é ...] tá desgastado, foi eliminado já.

Debert (1988) afirma que homens velhos tendem a não operar uma separação entre o processo biológico de envelhecimento e a capacidade de retardar, combater ou de adotar novas formas de significar e viver um processo que é pensado como natural. Ao contrário, homens tendem a reconhecer que há um processo biológico inexorável que paulatinamente os impede de trabalhar (MAIA, 2010).

Os homens determinam comportamentos ditos de velhos e não querem se identificar nem ser identificados com os tais. Falando sobre velhice, o HNP4, de 62 anos, enfatizou a característica da dependência, baseado na experiência de acompanhamento de seu sogro, ou seja, da velhice percebida no *outro*:

HNP4 - É a **dependência**. Fica **dependente dos outros**, fica muito dependente dos outros. Hoje, depois que minha sogra morreu [...] tem que tomar cuidado porque senão pode ficar em depressão. Aí todo dia vamos buscar ele lá na casa dele. Ele dorme lá em casa. Então às vezes ele quer fazer um negócio e o pessoal não gosta, mas deixa fazer. “Não fica contrariando o pobre não”. **Não tem mais aquela liberdade**, antes ele estava mandando na casa, agora já é filho que fica mandando, não vou botar essa cadeira pra ali. E teima ne.

Nesse sentido, os HNPs entrevistados não se identificam como velhos, pelos padrões que eles mesmos instituem sobre velhice (o idoso que depende dos outros para fazer suas atividades, que não tem liberdade ou autonomia, que só fica em casa sem fazer nada) e tratam de demonstrar que mesmo com o processo de envelhecimento estão vivos e em condições de praticar atividades que possam proporcionar prazer.

Segundo Maia (2010) reconhecer que não são mais homens jovens e não possuem mais o preparo físico de um corpo jovial não os aproxima das representações de velhice e envelhecimento, uma vez que eles interpretam apenas como consequências do avanço da idade.

4.3.3.2 Muito parado

Alguns HNPs afirmaram que não tinham informações suficientes para emitir uma opinião sobre os GTIs. No caso, o HNP4 afirmou não conhecer profundamente um GTI, mas comentou algumas de suas impressões e suposições.

HNP 4 - Eu tenho medo de dar opinião porque eu não conheço. Aí a gente pode desvirtuar [...]

A primeira é que o grupo faz bem, pois percebe que a sua esposa que participa demonstra bastante interesse e sente-se feliz no grupo. A segunda impressão que ele teve foi baseada numa visita que fez a um grupo de idosos ligado a uma instituição religiosa, onde havia um ambiente monótono e com pouco dinamismo:

HNP4 - Aí que que eu percebi? As mesmas pessoas que estavam jogando dominó, eram as mesmas pessoas que estavam noutro dia. As mesmas pessoas que estavam jogando sinuca, estavam também com as mesmas pessoas. Aí eu falei: “**esse** troço é **muito mole**”! [...] Aí depois eu fui numa salinha, tinha uma professora lá, com umas brincadeiras; brincadeiras lúdicas de exercício. E eu achei que, talvez poderia animar um pouco, mais movimento. Esse negócio **muito parado** assim [...] não sei se sairia de casa pra ficar **parado** lá. Não sei.

Muitas vezes é essa a impressão que muitos homens têm de um GTI, lugar monótono destinado a quem realmente não tem o que fazer da vida e já está bastante debilitado fisicamente e socialmente. O sujeito HNP5 traz um relato similar, confirma que os GTIs são muito bons, mas impõe uma condição: “São bons! São muito bons. Pra quem consegue se adaptar são muito bons”. Discurso baseado na experiência que teve num GTI, onde achou que as atividades eram fracas e as pessoas que freqüentavam eram “sem instrução” e mal educadas.

HNP5 - Eu frequentei por uns três, quatro meses ali o GTI X (nome fictício), quando inaugurou, fazendo hidroginástica, mas eu achava **muito fraco** os exercícios. **Muito fraco!** E as pessoas eram muito idosas e era muita gente, e depois era num ambiente sem higiene na piscina. Porque é o seguinte, tem pessoa que não tem instrução, acha que onde tá quer que faça como é na sua casa. Pessoal fazia xixi na piscina, elas mesmas diziam. Dava um mau cheiro. Aí eu me afastei, não fui mais. Por causa disso. Porque senão eu tava fazendo. Porque o médico recomenda eu fazer pro meu joelho hidroginástica. Já que eu não posso caminhar.

Ambos os sujeitos, HNP4 e HNP5, por mais que o contato com o GTI tenha sido de natureza diferenciada (um apenas observou e o outro participou) demonstraram a mesma percepção sobre as atividades dos GTIs: leves, fracas, moles. E também que os GTIs não se enquadram no perfil social (“pessoa que não tem instrução”), cronológico/corporal (“as pessoas eram muito idosas”) e conseqüentemente de ritmo e níveis das atividades (“achava muito fraco os exercício”). Essa percepção tem relação direta com a forma como interpretam a velhice e concebem seu próprio envelhecimento.

4.3.4 CAUSAS PARA NÃO PARTICIPAR DE UM GTI

Esta categoria reúne as falas dos três sujeitos pesquisados: HPs, HNPs e MPs. As causas citadas apresentam-se em forma de subcategorias na mesma sequência que se encontra no Quadro 6, com as seguintes combinações: Compromissos, Vínculos de amizades ou organizações (citadas pelos HNPs), Vergonha de estar entre as mulheres (citada pelos HPs, HNPs e MPs) e Não quer ser velho (citados pelos HPs e MPs)

4.3.4.1 Compromissos

Essa subcategoria pode ser explicada tendo por base os resultados da categoria anterior Sentimentos Relacionados à Aposentadoria. Os HNPs afirmaram que uma das

causas para não participar de um GTI são os compromissos pessoais, com família e trabalho. Diferente dos HPs, os HNPs não sofreram de ociosidade com a aposentadoria, justamente por ter se planejado para tal fase e os planos e metas elaborados por eles incluíam obrigações familiares e atividades lucrativas, com exclusão de atividades físicas.

HNP1 - Eu tenho minhas atividades ainda, pessoalmente, familiar e individualmente minha, de **compromissos** meus, com obrigações familiar e responsabilidades, e às vezes me falta até tempo, e eu não participei.

HNP2 - Eu sou muito ligado ao trabalho. Porque é um **compromisso** muito grande família, então minha despesa em casa é muito grande, porque só um salário de aposentadoria não tem condições.

O compromisso de trabalhar e exercer a função de chefe de família é uma das justificativas para não participar. Nesse sentido o que se destaca são as preocupações no aspecto econômico trazidos pela aposentadoria. Segundo França (2008) o idoso aposentado necessita, muitas vezes, permanecer trabalhando por necessidade financeira, pois, para grande maioria dos brasileiros, os valores recebidos como aposentadoria não cobrem as suas necessidades de manutenção e de seus dependentes, principalmente quando o idoso exerce o papel de mantenedor do grupo familiar.

Tem também a realidade do idoso que ainda trabalha para sustentar-se, mas não é aposentado. Segundo o relato do entrevistado HNP7, se ele recebesse o benefício da aposentadoria deixaria de trabalhar e se envolveria em um GTI:

HNP7 - Eu tenho vontade de praticar. Eu queria [...] Se eu tivesse uma aposentadoria eu ia pra onde tá os velhos, eu ia passar o dia brincando mais eles. Tá entendendo? Eu ia passar o dia na terceira idade por aí [...] Mas o cara sem um salário num dá pra fazer não. Quando eu melhorar a minha vida um pouquinho, que eu penso em sair, que eu tô trabalhando, tô juntando né. Se eu conseguir um benefício pra mim, é como eu lhe disse, eu vou caminhar junto com a terceira idade.

Ou seja, em alguns dos casos, a necessidade financeira força a continuidade do exercício trabalhista em idosos, que pelas obrigações acatadas não encontram tempo para participarem de GTIs. Sob a ótica da importância do lazer, Marcellino (1983) aponta que a supervalorização do trabalho na sociedade faz com que a maioria dos idosos menospreze as atividades de lazer. Para este autor, o lazer refere-se às atividades vivenciadas no tempo disponível das obrigações profissionais, familiares ou sociais, as quais devem proporcionar satisfação e desenvolvimento pessoal e social, juntamente com os aspectos de atitude positiva para tal tempo.

Ter tempo para o lazer é algo primordial para o bem-estar das pessoas. Esse tempo abre a possibilidade de desfrutar de vivências, cujos valores contribuem para mudanças, tanto de ordem moral, como cultural. Este tempo não se destina somente como possibilidade de descanso, mas para o desenvolvimento integral do indivíduo.

Segundo Dumazedier (1973), o lazer é o conjunto de ocupações a que o indivíduo pode entregar-se de boa mente, já para descansar, já para se divertir, já para desenvolver a sua participação social voluntária, a sua informação ou a sua formação desinteressada, depois de haver-se libertado de todas as obrigações profissionais, familiares ou sociais. Libertar-se das obrigações é uma dificuldade que acomete os adultos e idosos, é o que denuncia a fala de um entrevistado frente ao conselho de sua filha sobre sua necessidade de ter um tempo de descanso por causa da idade:

HNP2 - Minha filha diz: “Papai, pare! Pare!”. “Como é que eu vou parar?”. É como diz o ditado: ele vive em conformidade com a situação em que ele admite. Eu não posso parar, eu tô falando, mas se houver uma circunstância eu paro. Tem que parar. Porque cada um vive com o salário que ganha.

Manejar a fronteira entre o lazer e as obrigações é um exercício que exige atitude e habilidade. Conforme De Masi (2000a), o futuro será baseado na conciliação

entre trabalho, lazer e estudo. Para se viver bem, deve-se estar no centro deste equilíbrio, e nessa questão de administrar as horas livres a mulher parece ter maior controle que o homem.

Mesmo sendo o trabalho um meio de vida, a decisão de incluir atitudes de lazer nas atividades cotidianas deve fazer parte da vida das pessoas, principalmente dos homens. A maioria deles segue a vertente “viver para trabalhar”, e deixam de lado o ideal que seria “trabalhar para viver” devido às responsabilidades e funções atreladas a masculinidade impostas pela sociedade. O HNP2 demonstra isso ao declarar:

HNP2 - Não tenho tempo livre. Eu não tenho folga. Só trabalho.
Minha vida foi só trabalho.

Pelos depoimentos é possível observar que o lazer não faz parte da realidade de alguns desses idosos porque têm o tempo preenchido unicamente pelo trabalho, por isso instala-se a necessidade de reconhecimento da importância para o homem de se dispor de tempo livre, a próprio exemplo das Escrituras Sagradas, quando o Criador, ao término de sua obra, descansou e ordenou que todos, sem distinção de classe, separassem um dia para o descanso e lazer.

4.3.4.2 Grupos

Outra subcategoria que explica, na visão dos HNPs, a causa para não participar de um GTI é a permanência dos laços afetivos com grupos de colegas relacionados ao antigo emprego. As amizades construídas ao longo dos anos de convivência no trabalho e os hábitos de divertimento cultivados nessa fase da vida formam um vínculo forte que se estende além da aposentadoria como alternativa de preenchimento do tempo livre dos idosos não participantes.

HNP4 – [...] E, posso não participar da terceira idade, mas eu sou do conselho fiscal dos aposentados da empresa [...] E é aonde tem um monte de velho, mas não tem atividade física, não tem nada. É um **grupo** totalmente diferente porque eu não estou conhecendo pessoas novas, são sempre as mesmas né. Então tem diferença, daqui, que sempre conhece gente nova, acho que abre mais a mente. E tem outro **grupo** que são reuniões dos ex-empregados da empresa. A gente faz quatro reuniões por ano.

Encontros informais com colegas antigos do trabalho e reuniões de sindicatos e associações da antiga classe profissional geram a sensação de pertencimento e satisfação no idoso aposentado, e essa ocupação não os faz ir à busca do GTI, pois o que ele tem já o satisfaz. É como está descrito no depoimento abaixo:

HNP1 - Acho porque o homem hoje, quando ele se vive mais na atividade profissional de trabalho, ele tem aquele convívio né, além da atividade profissional, saí com **grupos** de amigos para uma mesa de bar, uma bebedeira, uma conversa, troca de diálogos, de conversações, ou participação de futebol individual entre **grupos** de colegas de empresas [...] Então é por isso que eles esquecem esse outro lado da terceira idade, de participação de grupos pra terceira idade, porque eles já vivem nesse convívio de participação de atividades profissionais e **grupos** e amizades com **grupos**, amigos em bares, em jogos society, pescarias, então é isso. Essas partes eles fogem de modo geral.

Participar de sindicatos de aposentados nutre nos homens sentimentos de pertencimento a antiga atividade laboral. Nesses grupos são discutidas orientações trabalhistas e previdenciárias, elaboração de reivindicações e demais assuntos voltados para o mundo do trabalho, e pelo fato dos homens terem a tendência de supervalorizar o trabalho e as relações construídas nele, o sindicato torna-se o ambiente em que se sentem melhor. Sobre isso, Coutinho e Acosta (2009) apontam que existe preferência de ambientes masculinos na terceira idade, geralmente os espaços públicos, como, por exemplo, bares e praças, com baixa participação feminina.

4.3.4.3 Vergonha

Essa foi a subcategoria citada por todos os sujeitos, os HPs, HNPs e MPs. No relato de alguns HNPs a causa para não participar de um GTI está associada à grande quantidade de mulheres idosas que frequentam esses ambientes. O que parece formatar ao GTI uma imagem puramente feminina, onde homens sentem-se constrangidos em participar.

HNP6 - Porque, veja bem, a gente vai pra lá né. As mulheres mais se dão por que tem mais mulheres. Aí o cara fica assim, meio tímido. Porque eu sou um cara **tímido**, por isso também a dificuldade.

HNP7 - É porque os homens são **vergonhosos**. Não vão com vergonha. É vergonha. Não vão com vergonha. Não tem esse negócio de dizer porque vive com as mulheres. Que que tem as mulheres? Mulher é bicho bom. A gente tem que querer bem.

HNP8 - Homem tem **vergonha** de participar dessas atividades, mulher não tem muita, mulher [...] Acho que é porque tem vergonha né. Cerimônia de ficar andando lá no meio das [...] eu acho assim, eu penso assim.

Nas falas dos HNPs, apenas um fez referência própria “eu sou um cara tímido”, enquanto os outros dois teceram suas justificativas na terceira pessoa do plural “eles são vergonhosos”. A vergonha de estar entre as mulheres também foi uma subcategoria apontada pelos HPs e MPs. Para ambos, a maciça presença de mulheres nos GTI intimida os homens de participarem. É possível que sintam sua masculinidade ameaçada pela quantidade de mulheres e pelo tipo de atividade que é ofertada.

HP1 - Geralmente todos os grupos a predominância é a mulher né, e ficam com **vergonha** de estar no meio das mulheres.

HP8 - Eu num sei, eu acho que eles têm infecção, uma coisa assim [...] **que tem é só mulher** [...]

MP1 - Talvez também pelo sentimento assim, de **vergonha**, por que numa sala vinte mulheres, dois homens.

O HP3 relata que se sentiu constrangido no início de sua participação, mas superou a barreira do preconceito, pois achava que o GTI não era lugar de homem.

HP3 - Eu até mesmo no início, eu me sentia um pouco, ficava assim sem jeito, olhava o pessoal, assim tipo um rebolado. Eu achava meio estranho, porque na minha juventude não fazia isso, na minha época ninguém praticava essas coisas [...] **Eu achava até que aquilo não fosse coisa pra homem.** Hoje eu acho tudo normal.

Considerando a fala do HP3, a vergonha de estar entre as mulheres parece associar-se ao tipo de atividade que é praticada nos grupos, que, de acordo com Ferrigno *et al* (2006) muitas vezes são consideradas “femininas” na avaliação de homens idosos com pouca escolaridade e pouca familiaridade com práticas culturais e artísticas.

Também é importante considerar que a prática de atividades físicas e recreativas nos idosos depende em larga medida dos hábitos e experiências que eles adquiriram nas primeiras fases de suas vidas, em particular durante sua infância e juventude (MOTA E CARVALHO, 1999). Pela fala do HP3: “na minha época ninguém praticava essas coisas” (HP3), percebe-se que as atividades promovidas atualmente pelos GTIs não integraram o repertório histórico das vivências motoras dos homens, visto que a prática da ginástica era habitual às mulheres, que deveriam estar saudáveis para assim terem mais condições de gerar filhos saudáveis (MARINHO, 1980).

A escolha do tipo de atividade entre os gêneros difere desde a infância e adolescência (BUSSER 1995 *apud* MOTA E SALLIS, 2002). Homens têm preferência por atividades que requer força, agilidade, ou seja, características de virilidade, por isso participam de atividades de risco e esportes, de caráter ativo de agressão e coragem; enquanto as mulheres optam por atividades culturais e artísticas, como dança e artesanato, pelo caráter de ternura, cooperação, fragilidade e graça (MOTA E SALLIS, 2002).

Exemplo disso é que as atividades de maior concentração masculina no PIFPS-U3IA-UFAM, foram: gerontovoleibol, musculação e natação; e como a maioria dos GTIs de Manaus oferece o combinado: ginástica, dança e caminhada, talvez não desperte o interesse masculino (QUEIROZ E PUGA BARBOSA, 2009b).

Portanto, por mais que estejam conscientizados da importância de exercitarem-se, os HNPs visualizam a predominância feminina como uma barreira para não participar de um GTI, pois o caráter das atividades oferecidas não se encaixa no perfil masculino.

4.3.4.4 Não quer ser velho

Segundo a fala dos HPs e MPs, outra justificativa para o homem idoso não participar de um GTI é porque não quer ser reconhecido como velho. Isso envolve questões trazidas pela idade cronológica e consequências do processo de envelhecimento que faz o homem interpretar a participação como uma ameaça a sua masculinidade, é como se estivesse decretando sua sentença de velho apenas pelo fato de entrar num grupo.

HP2 - Eu vejo que o homem idoso masculino, eu vejo até pela questão do machismo, ele **não quer se identificar como idoso**. Imagina que ele quer continuar garotão. Entendeu?

MP5 - Eu acredito que o homem é orgulhoso, ele **não quer ser velho**.

MP7 - Eu já disse, eles **não querem ser velhos**, não! Se acham poderosos né, **não querem ser velhos não** [...]

HP1 - A maioria ficam com vergonha né. “Não eu vou pra lá, de repente aparece na televisão, me chamar de **velho**” [...]

HP4 - [...] a pessoa se vier pra cá se acha **velho**, é complexo mesmo.

Essa atitude abre espaço ao mascaramento e negação da velhice, além da busca inconsequente pelo perfil ideal do macho: forte, não chora, não precisa de ajuda. Ter preconceito com a idade, segundo a fala dos entrevistados, está interligado ao sentimento de invencibilidade que produz um orgulho masculino, bem expresso pela MP1 “sou homem, então nada me acontece”.

MP1 - Talvez um egoísmo assim: “**sou homem, então não me acontece nada. Não vai me acontecer nada, eu sou homem.** eu tenho força”. Que é aquele referencial que geralmente eles colocam, especialmente os homens na faixa etária de 60 anos em diante.

Esse sentimento de invencibilidade e orgulho masculino aparece em muitas outras falas, tanto dos HPs quanto das MPs, identificados em frase como: “ele quer continuar garotão”, “metido a machão”, “homem é orgulhoso”:

HP3 - eu acredito que é devido o preconceito. Eu acho que isso. É uma coisa comum né. Em termos gerais o brasileiro ele tem preconceito com a idade, com essas coisas assim. É aquela história do machão. Ele fica velho e tudo, mas não deixa de ser machão. É isso.

MP6 - A por que os homens ele são, eu não sei por que eu acho que eles **são metido a machão querem ser durão**, querem ser não precisam da terceira idade, eu acho que é isso.

O homem julga-se invulnerável, o que acaba por contribuir para que ele cuide menos de si mesmo e se exponha mais às situações de risco (KEIJZER, 2003; SCHRAIBER *et al*, 2000; SABO, 2002; BOZON, 2004). De acordo com o Ministério da Saúde, o homem não é assíduo aos atendimentos de saúde porque teme que o médico descubra algo que vai mal com a sua saúde e ponha em risco sua crença de invulnerabilidade (2008).

O homem nutre esse sentimento de ser invencível desde criança, quando aprende que deve ter coragem e valentia, ser forte, enfim, ter masculinidade. Porém, com a

chegada da velhice ele passa a enfrentar problemas, pois ao perceber a instalação de algumas limitações corporais provindas do envelhecimento, passam a associar a velhice ao fim dessa masculinidade.

Essa atitude é preocupante, pois priva o homem de cuidar-se em questões de saúde. Vários dos comportamentos danosos à saúde podem ser caracterizados na perspectiva das construções sociais das masculinidades. Segundo Pinheiro e Couto (2008), os homens usam práticas e comportamentos em saúde para demonstrar padrões hegemônicos de masculinidade que os estabelecem como homens. Exemplo disso: para a aquisição de poder, os homens, reprimem suas necessidades de saúde e recusam admitir dor ou sofrimento, negam fraquezas ou vulnerabilidades, sustentam o controle físico e emocional, além de manifestarem uma desqualificação de situações de risco, quer ligadas ao sexo inseguro, quer a um comportamento rotineiramente agressivo.

Reconhecendo as peculiaridades da saúde masculina e também a urgência de atenção a esse público, o Ministério da Saúde lançou a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, em 2008, reunindo vários estudos que caracterizam a relação homem-saúde. Um dos estudos aponta que a adolescência e a velhice são etapas do ciclo de vida que maximizam a vulnerabilidade masculina.

“Na adolescência, a crença na invulnerabilidade por parte dos homens é exacerbada, vulnerabilizando-os a agravos evitáveis, por meio da não adoção de práticas preventivas” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008, p.19). Os adolescentes homens são o principal grupo de risco para mortalidade por homicídio na população brasileira. Já na velhice, os homens são levados a se confrontar com a própria vulnerabilidade, sobretudo porque nessa etapa do ciclo de vida muitos homens são levados a procurar ajuda médica diante de quadros irreversíveis de adoecimento, por não terem lançado mão de ações de prevenção ou de tratamento precoce para as enfermidades (WHO, 2001).

Algumas das MPs que eram casadas, depois de indagadas sobre a causa para o homem idoso não participar de GTI, basearam suas respostas no motivo que seus esposos justificam a não participação, e novamente indica preconceitos com idade e machismo:

MP2 - Primeiro, ele diz que não tem tempo, depois ele diz que ele não é **velho**. Acho que muitos homens eles **não admitem a idade**, eles ficam puxando pra trás [...] com o machismo também [...]

MP3 - Porque ele diz **que ainda é novo, que ele não é velho**. Eu acho que é **vergonha**, preconceito assim né. Não se misturar com pessoas... Se bem que tem uns homens que assumem né, que tão idosos ne, e outros não.

MP4 - **Ele não quer ser velho**, no caso dele, é que ele não quer ser velho.

Não querer ser velho, ainda se acha novo e não velho, são questões de interpretação da velhice e como os homens idosos desejam ser reconhecidos. Para Debert (1988), os homens velhos tendem a ser mais conscientes do processo de envelhecimento e reconhecerem que não são mais jovens e, conseqüentemente, não possuem mais a mesma disposição para manter o mesmo ritmo de determinadas atividades. No entanto, não querem ser posicionados e posicionarem-se no modelo de velhice assexuada e em decadência física, psíquica e social.

Por isso, os homens idosos procuram estratégias por meio das quais possam diferenciar a experiência de outros sujeitos considerados pertencentes ao modelo de velhice, de suas experiências individuais de envelhecimento. A imagem da velhice é de isolamento, dependência, solidão e redução das capacidades, algo que os homens não querem que lhes seja imputado.

O *machismo* muitas vezes mencionado tanto pelos HPs quanto pelas MPs, remete às simbologias que permeiam o mundo masculino, formado pela virilidade,

beleza e poder, sendo a justificativa mais citada para não participação masculina nos GTIs.

4.4 ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO MASCULINA EM MANAUS ATRAVÉS DA TRIANGULAÇÃO DOS RESULTADOS

O desenvolvimento desta investigação foi norteado sequencialmente pelo alcance dos três objetivos específicos. Os dados gerados em cada etapa, por mais que específicos, possuem significância geral, pois quando associados trazem importantes reflexões sobre a participação masculinas em GTIs na cidade de Manaus.

Os dados do primeiro objetivo específico obtidos no FOPI-AM nos mostram a realidade manauara da expansão, desenvolvimento e da grande quantidade de GTIs atuantes na cidade. Isso evidencia que a baixa participação de homens em GTIs não está atrelada à falta desses grupos, pelo contrário, em Manaus existem cerca de 80 grupos ativos que atendem idosos e pessoas de meia idade. E também a baixa participação não se relaciona à distância entre o GTI e a residência, pois conforme o levantamento, praticamente todas as zonas distritais da cidade, e a maioria dos bairros são contemplados com os GTIs; havendo casos de HPs, que por decisão própria, freqüentam grupos distantes de suas residências cerca de 20km.

A distância do GTI para a residência não se revela como um empecilho para a participação dos homens, assim como também o grau de funcionalidade dos entrevistados não os impede de deslocar-se. Todos os homens pesquisados, visualmente e verbalmente, não apresentaram deficiências físicas, nem debilidades que os fizessem dependentes. Todos eles possuíam suas AVDs conservadas.

Outra relação que se pode perceber é que não é a falta de conhecimento dos benefícios dos GTIs que justifica a baixa participação de homens. Todos os

entrevistados HNPs reconheceram a grandiosidade da ação dos grupos e seus benefícios à saúde dos idosos e à sua socialidade, e mesmo assim não participam.

Em síntese, o levantamento da quantidade e da localização dos GTIs em Manaus, bem como a opinião dos HNPs sobre os grupos evidencia que a não participação masculina, no caso da amostra referente a essa pesquisa, não estava relacionada à: ausência de GTIs; nem à distância do GTI ao bairro do HNP; nem à dependência na funcionalidade; e muito menos à falta de conhecimento dos benefícios dos GTIs.

Reunindo os dados do perfil sócio demográfico dos HPs e HNPs com suas falas sobre aposentadoria, causa para participar e para não participar de um GTI, é possível extrair informações que reforçam a prevalência da baixa frequência de homens em GTIs.

De acordo com os dados sociais o que mais se destaca é a visível diferença sobre a situação da ocupação trabalhista. Ambos os sujeitos são aposentados, porém os HNPs continuam gerando renda através de ocupação trabalhista, bem diferente dos HPs, que não prosseguiram no trabalho, embora quisessem. Não continuar trabalhando gerou nos HPs o sentimento de vazio e inutilidade, os quais apontaram ser essa uma das causas que os impulsionou a aderir ao grupo. Ao contrário dos HNPs, a continuidade nas atividades trabalhistas não produziu a necessidade de participar. Logo, o trabalho após a aposentadoria na vida dos homens idosos pode apresentar-se como uma barreira para a não participação em GTIs. Barreira esta bem comum e de forte influência na vida dos homens durante a fase adulta, e que perdura na velhice.

O que se pode perceber, é que todas as causas apontadas pelos sujeitos (HPs, HNPs e MPs) em suas falas para não participar de um GTI, remetem às questões da

masculinidade. Os fatores que mais se destacam são: a ligação com o trabalho; o ambiente feminino e o não se reconhecer como velho.

A ligação com o trabalho reporta à perpetuação do exercício do papel de chefe da família, e às exigências sociais que envolvem o papel do homem. Continuar provendo o sustento do lar é uma questão de *status* e reconhecimento que ajuda o homem a sustentar sua identidade perante a fase da velhice e aposentadoria, porém, por outro lado, limita a adesão a hábitos saudáveis. O tempo que é dedicado ao trabalho tem maior valor para os homens do que o tempo destinado à prática de atividades físicas ou até à consultas médicas.

Outra justificativa que direciona à questões da masculinidade, para a baixa participação masculina, é o fato dos GTIs serem ambientes excessivamente femininos. Se recusar a freqüentar um grupo feminino tem relação com a conservação e a constante reafirmação do *status* adquirido *macho*, pois o homem precisa diariamente *provar* pra si e para os outros as características do gênero que lhe compete (ROSALDO, 1979).

O ambiente feminino envolve não apenas as conversas diferentes entre homem e mulher, mas ao perfil das atividades ofertadas, geralmente oficinas de artesanato, dança e ginástica, o que acaba por retrair os homens a participar, porque não faz parte do universo masculino.

Não se reconhecer como velho é o terceiro fator de influência que também ressoa a masculinidade impedindo a adesão dos homens em GTIs. Segundo as muitas falas dos HPs e MPs, os homens não participam porque não querem ser velhos, nutrem o sentimento de perpétua juventude (segundo os relatos: querem continuar sendo *garotão*). Isso acontece, pois a velhice é interpretada como uma ameaça às características masculinas de poder, força e potência, bem como os GTIs destinados apenas a velhos incapacitados. Os HNPs entrevistados lêem os GTIs como uma

sentença de velhice, entendem que são benéficos apenas a quem não tem mais nada o que fazer da vida, ou seja, a velhos, e não a eles.

Os dados recolhidos em todas as fases dessa pesquisa mostram que a baixa participação envolve aspectos totalmente imbricados sobre a construção social do ser masculino. Por isso, é preciso que seja revisto de modo didático, a construção das políticas e implementações dos grupos, para que as campanhas exaustivas para atingir este *ser* masculino volte-se para a educação no seu envelhecimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Diante da fase conclusiva deste estudo *Educação e Envelhecimento: um olhar sobre a participação masculina nos GTIs de Manaus*, procuramos enxergar além da singularidade do fenômeno em si, explorar os diversos olhares e fatores que influenciavam (e influenciam) para sua existência na sociedade. Pluralidade reconhecida no direito que todo ser humano possui de aprender e ensinar independente da idade e na amplitude da palavra *Educação* que não se limita a locais, conteúdos ou faixas etárias, mas é condicionada apenas à presença de pessoas. A *Educação* ocorre ao longo da vida, é a própria vida e o mecanismo que ensina a viver.

E no tempo atual, caracterizado pelo aumento da longevidade, a *Educação* acolhe mais um tema desafiador e lança suas reflexões: como viver a velhice com qualidade nos seus diversos aspectos: social, psicológico e biológico? Reflexões essas que nos apontaram para o desenvolvimento dos estudos gerontológicos e para a compreensão de que existem *velhices* e não uma velhice padrão. Ninguém envelhece da mesma maneira. Cada indivíduo possui vivências e experiências diferentes de acordo com sua carga genética, sua localidade, segundo as crenças e valores pertencentes ao seu povo, e também segundo o seu sexo.

Examinando esses fatores, percebemos que os estudos gerontológicos pouco consideravam a questão de gênero e condicionavam suas pesquisas a diferenças biológicas entre homem e mulher, por muitas vezes evidenciando apenas o lado feminino da velhice. Como a proposta dessa investigação era focalizar o homem idoso, identificamos que eles possuem trajetórias históricas e sociais diferenciadas das mulheres.

O homem sempre teve a liberdade de sair de casa e de ocupar espaços públicos e por ser tão natural a presença deles nesses espaços nenhuma pesquisa se propunha a investigá-los. Isso passou a ser mais visível quando as mulheres idosas, de posse da liberdade adquirida por anos de lutas, massificaram sua participação em GTIs, expondo a situação da inatividade dos homens idosos aposentados.

A não participação (ou diminuta) de homens idosos em GTIs é algo incontestável e os dados desta pesquisa reforçam essa afirmativa. Isso não se dá pela falta de grupos, pelo contrário, conforme o levantamento, Manaus possui cerca de 80 GTIs distribuídos em todas as zonas distritais da cidade, que oferecem predominantemente atividades físicas e orientações à saúde dos idosos. E também não está associada à distância entre a residência e o GTI. Mas a não participação masculina, segundo o depoimento de homens participantes e não participantes de GTIs, está atrelada a diversos fatores, tendo como principal a masculinidade.

Não querer freqüentar um ambiente de predominância feminina, não admitir a idade, continuar trabalhando são fatores totalmente imbricados de masculinidade. Sem perceber, os homens idosos interpretam a entrada num GTI como sua sentença de velhice, pois admitir ser velho seria concordar com a diminuição de sua força física, de sua potência sexual e de seu poder de influência sobre a família e sociedade. Ou seja, seria aceitar as perdas das principais características e referenciais masculinos.

Frequentar um ambiente feminino, olhado pela lente da formação do homem ocidental, seria também pôr em dúvida sua masculinidade, pois *homem que é homem tem conversas de macho*, sendo uma forma de se proteger da feminilidade e conservar as características masculinas. Outro fator é a ligação com trabalho. O trabalho é algo que tem forte ligação à identidade do homem. Continuar trabalhando, mesmo após

aposentadoria, remete a necessidade de sustentar a renda familiar e de exercer seu papel de provedor do lar, chefe de família.

Em todas estas justificativas para não participação de homens em GTIs, nossa inferência não está em lançar críticas à formação da masculinidade, pelo contrário, entendemos que o exercício dos papéis dos homens e das mulheres é necessário para o bom andamento da sociedade, porém é necessária também a reflexão sobre alguns prejuízos que tais comportamentos podem trazer aos homens.

Viver mais deve ser viver com qualidade. Qualidade de vida está atrelada a hábitos de saúde cultivados desde a infância. Por isso se deve investir na educação para saúde antes da chegada da velhice, e para os que já estão nessa fase deve-se investir em programas de alcance e conscientização que considerem as características da população idosa masculina. Por isso, esta pesquisa se propôs a contribuir em um desses passos: investigando a realidade de como alguns homens idosos interpretam sua relação com os GTIs.

Fazendo uma análise com base nos relatos dos HPs e HNPs, os GTIs precisam investir na propaganda e formatar o ambiente e perfil das suas atividades de maneira que seja atrativa para o público masculino mais ativo: que ainda trabalha e que não apresenta tantas debilidades da idade. Muitas vezes, as imagens veiculadas dos GTIs na mídia evidenciam estereótipos de idosos muito debilitados e atividades relativamente leves e fora do interesse masculino. O que não gera o sentimento de identificação para uma parcela de homens idosos ainda ativos.

Logo, como alguns dos HPs afirmaram que observar o GTI contribuiu para a sua adesão, uma boa alternativa seria massificar sua divulgação tendo o cuidado de apresentar opções direcionadas ao público masculino, mostrando depoimentos de homens participantes com diferentes perfis: o que ainda trabalha, o aposentado, o idoso

jovem, o idoso com idade mais avançada, atendo-se não apenas a uma característica, visto que não existe apenas uma forma de viver a velhice. Ou seja, considerar a heterogeneidade da velhice masculina poderia ampliar o alcance dessa população.

Para reforçar a adesão masculina, os grupos poderiam fazer uma pesquisa de opinião com comunitários do bairro, e mapear o perfil social, hábitos de saúde e possíveis horários e atividades que o GTI pudesse ofertar. O reconhecimento do perfil dos homens idosos do bairro do GTI serviria para melhor definir as ações no alcance desse público, com a escolha das estratégias mais cabíveis à comunidade: com cartazes, panfletagem, visita aos domicílios para convite e também aferição da pressão arterial, (fazendo parcerias com o Posto ou Unidade Básica de Saúde do bairro) e com programações especiais de interesse masculino.

A inatividade física, o consumo de bebidas alcólicas e a presença de doenças crônicas, principalmente hipertensão, são componentes característicos do perfil dos entrevistados não participantes e que enfatizam ainda mais a necessidade de alcance do público masculino idoso quanto a ações de prevenção e promoção da saúde.

Os GTIs em Manaus, por serem bastante disseminados, e as reflexões e campanhas produzidas pela Política Nacional de Atenção Integral a Saúde do Homem, lançada pelo Ministério da Saúde em 2008, são importantes bases nas quais poderiam fundamentar a formação de parcerias em prol dos comportamentos relacionados à saúde desse público.

Saúde do homem é um tema urgente e que deve estar na pauta das prioridades da nossa sociedade. Por isso entendemos que as ações de promoção da saúde do homem não devem restringir-se aos GTIs e a idosos. É preciso investimento contínuo nas fases anteriores: infância e adolescência, pois são determinantes na formação de hábitos.

Em contrapartida às ações dos GTIs para alcance dos homens idosos, é necessário que os a população masculina se esforce para trazer ao seu estilo de vida os ensinamentos sobre hábitos saudáveis como prática de atividades físicas, controle da alimentação, abandono/redução da ingestão de bebidas alcoólicas e tabaco.

Nesse sentido, os homens necessitam educar-se para que as características do gênero masculino não prejudiquem sua saúde, adotando um comportamento de menor risco, e para que encararem a velhice e a aposentadoria não com pesar ou como sentença de fracasso, mas como algo inerente ao ciclo da vida. Também necessitam administrar o tempo que dedicam ao trabalho e a atividades de lazer, serem mais assíduos e permanentes as consultas médicas e aos cuidados de prevenção a saúde; além de abandonar o preconceito da interação com as mulheres nos GTIs.

Diante dos resultados, esta investigação indica que os homens precisam transpor a barreira do *machismo*, da vergonha de estar entre mulheres e de ser velho. É preciso transpor também a barreira de saber expressar-se, pois neste estudo houve dificuldade de traduzir os conteúdos relatados, talvez pela sua perspectiva de superioridade que não lhes exige comunicação argumentativa. Estas barreiras que só poderão ser transpostas com a interação de três fatores: o conhecimento (dos benefícios de um estilo de vida saudável na vida do homem adulto); a ação individual (a resposta atitudinal dos homens) e o incentivo social (organizado pelos órgãos competentes, que promovam condições e apoio para o desenvolvimento da educação para os homens).

Enfim, investigar as causas para não participação masculina em GTIs nos remete a relevância de articular educação e envelhecimento em todos os âmbitos sociais, seja em escolas de ensino infantil, fundamental, médio, técnico; cursinhos; clubes; empresas; praças; na família; através de campanhas educacionais que sinalize para o auto envelhecimento masculino e pesquisas de opinião sobre atividades a ser ofertadas, pois

aprender a ser idoso e homem com qualidade de vida será um passaporte a longevidade masculina nas próximas gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSM – American College of Sports Medicine. **Teste de esforço e prescrição de exercício**. 5.ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

ALMEIDA, Elisabete. **Hormônios masculinos e idade**. Site Médico.[20--] Disponível em: <http://www.sitemedico.com.br/sm/materias/index.php?mat=779> Acesso em: 26 jan. 2009.

ALVARENGA, Luiz Fernando Calage. **Flores de Plástico Não Morrem?: Educação, saúde e envelhecimento na perspectiva de gênero**. 2006. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em:<<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000590379&loc=2007&l=e0d6a275b2ce99>

ANDREOTTI, Márcia Cristina; OKUMA, Silene Sumire. **Perfil sócio-demográfico e de adesão inicial de idosos ingressantes em um programa de educação física**. Rev. paul. Educ. Fís., São Paulo, **17**(2):142-53, jul./dez. 2003.

AREOSA, S. V. C.; OHLWEILER, Z. C. **O Idoso e os Grupos de Convivência no Município de Santa Cruz do Sul: dados de pesquisa**. REDES, Santa Cruz do Sul, v. 5, n. 1, p. 179-187, jan./abr. 2000.

AREOSA, Silvia Coutinho; BEVILACQUA, Patrícia; WERNER, Juliana. **Representações sociais do idoso que participa de grupos para terceira idade no município de Santa Cruz do Sul**. Estud. interdiscip. envelhec., Porto Alegre, v. 5, p. 81-100, 2003.

ASSIS, Darnício de. **Trabalho social com idosos no SESC de São Paulo, realizações e perspectivas**. Cadernos da Terceira Idade. São Paulo, SESC, n. 4, p. 37-39, 1979.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação – rumo à sociedade aprendente**. 8ª Ed. Petrópolis. RJ:Vozes, 1998.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. **Clubes para pessoas idosas: nascimento de uma nova força social**. Cadernos de Lazer, São Paulo, SESC, n. 3, 1976.

BALTES, Paul B. **Theoretical propositions of Life-Span Developmental Psychology: On the dynamics between growth and decline**. Developmental Psychology, **23**, 611- 626; 1987.

BALTES, P.B.; LINDENBERGER, U.; STAUDINGER U.M. (1998). **Life-span theory in developmental psychology**. In W. Damon (Ed. de la serie); R.M. Lerner (Ed. del volumen), Handbook of child psychology 5th edition: Vol. 1. Theoretical models of human development (pp. 1029-1143). Nueva York: Wiley.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**, Lisboa: Edições 70, 1991.

BEAVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENEDETTI, Tânia R. B.; GONÇALVES, Lúcia H. T.; MOTA, Jorge Augusto P. da S. **Uma proposta de política pública de atividade física para idosos.** Texto Contexto – Enfermagem. vol.16 no.3 Florianópolis, 2007.

BERQUEÓ, E. **Algumas considerações sobre a demografia da população idosa.** Revista Ciência e Cultura 40 (7). São Paulo, jul.1988.

BORINI, M. A. L.O. **A saída do fundo do poço:** representações sociais acerca da participação em atividades de lazer em grupos de terceira idade, 2002, Dissertação, Mestrado, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

BOZON, M. Sociologia da sexualidade. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2004.

BRAGANÇA, A.B.S. Aposentadoria: a experiência de professores aposentados do instituto de biologia da UNICAMP. 2004.
102 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Constituição (1998). **Constituição da República Federativa do Brasil**, DF: Senado, 1988.

_____. **Lei Nº 9394 de 20 de dezembro de 1996.** Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa.** Cadernos de Atenção Básica, n. 19. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRAZÃO, Manuella C.; HIRAYAMA, Márcio S.; GOBBI, Sebastião et al. **Estágios de mudança de comportamento e barreiras percebidas à prática de atividade física em idosos residentes em uma cidade de médio porte do Brasil.** Motriz. Revista Educação Física. UNESP, Vol. 15, No 4 (2009).

BUCHNER, D. M.; WAGNER, E.H. **Preventing frail health.** Clinical Geriatric Medicine. 8 (1) 1992: 1-17.

BRUNO, M. R. P. **Autonomia e cidadania: caminhos e possibilidade para o ser idoso.** São Paulo: PUC, 2000 [Dissertação Mestrado em Gerontologia].

BRUNS, M. A. de T.; Abreu, A. S. O envelhecimento: Encantos e desencantos da aposentadoria. Revista da ABOP, 1(1), p.5-33. 1997.

CABELO, M. A. G.; HERNANDES, M. A. F.; CORREA, M. **Aposentadoria: como uma nova fase de vida.** 2011.

CABRAL, Benedita Edina S. L. **Recriar laços: estudo sobre idosos e grupos de convivência nas classes populares paraibanas.** Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: 2002.

CABRAL, Flaviane Nogueira; PUGA BARBOSA, Rita Maria dos Santos. **Gerontocoreografia: Avaliação da Auto-Imagem e Auto-Estima em Acadêmicas da Terceira Idade Adulta.** 2009. Monografia de Especialização, Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2009.

CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos?** Campinas, SP: Alínea, 2003.

CACHIONI, Meire; PALMA, Lúcia S. Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e o idoso. In: FREIRE, Elizabete Viana. et al. **Tratado de geriatria e gerontologia.** 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

CAMARANO, A. A.; et al. **Como vive o idoso brasileiro?** In: A.A. Camarano (Org). **Muito além dos 60. Os novos idosos brasileiros.** Rio de Janeiro: IPEA(1999).

CAMARANO, Ana Amélia. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREIRE, Elizabete Viana. et al. **Tratado de geriatria e gerontologia.** 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

CANIZARES, J.C. L; FILHO, W. **Desvincular-se ou permanecer no trabalho? Impacto da aposentadoria na senilidade.** Trabalho apresentado no III Congresso Ibero-americano de Psicogerontologia, 2009.

CAPRI, F. S. **Rompendo as barreiras do gênero masculino: prática da dança em aulas de Educação Física.** Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - N° 136 - Septiembre de 2009.

CARLOS, S. A.; JACQUES, M. G. C.; LARRATEA, S. V.; HEREDIA, O. C. (1999) - Identidade, Aposentadoria e Terceira Idade. *Est. Interdiscipl. Envelhec.* Vol. 1, p. 77-88. Porto Alegre.

CARVALHO FILHO, E.T. **Fisiologia do envelhecimento.** In: PAPALEO NETTO, M. (Org.) *Gerontologia.* Sao Paulo: Atheneu, 1996:60-70.

CASPERSEN, C. J.; POWELL, K. E. & CHRISTENSEN, G. M. (1985). **Physical activity, exercise, and physical fitness: definitions and distinctions for health-related research.** *Public Health Reports,* 2 (100), 126-131.

COSTA, Elisabeth M.S. **Gerontodrama: a velhice em cena: estudos clínicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade.** São Paulo: Àgora, 1998.

COURTENAY, W.H. **Constructions of masculinity and their influence on men's well-being: a theory of gender and health.** *SocSciMed* 2000; 50:1385-401.

COUTINHO, Renato Xavier; ACOSTA, Marco A. F. **Ambientes masculinos da terceira idade.** *Rev.Ciência & Saúde Coletiva,* 14(4):1111-1118, 2009.

CRUZ, Vicente; DAOLIO, Jocimar. **As contradições do futebol brasileiro**. Lecturas: Educación Física y Deportes. Ano 3, n.10. Buenos Aires. Mayo 1998. Disponível em: <http://www.efdeportes.com> Acesso em: 05 fev. 2009.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. **A história dos programas de atividades físicas para pessoas idosas no Brasil: um diálogo com Pedro Barros Silva**. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Revista Digital - Buenos Aires - Año 13 - N° 120 - Mayo de 2008.

DAOLIO, Jocimar. **As contradições do futebol brasileiro**. Lecturas: Educación Física y Deportes. Ano 3, n.10. Buenos Aires. Mayo 1998. Disponível em: <http://www.efdeportes.com> Acesso em: 05 fev. 2009.

DA SILVA, S.G. **Masculinidade na história**. Psicologia ciência e profissão. 20 (3) 8-15. 2000.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processo de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da USP: FAPESP, 1999.

DELORS, Jacques (Org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1987.

_____. **Educar pela Pesquisa**. Campinas/SP, Ed. Autores Associados, 1996.

DE MASI, D. **O Ócio Criativo**: entrevista a Maria Serena Palieri. Tradução de Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000a. 319p.

DE MASI, D. **O Futuro do Trabalho**: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. Tradução de Yadyr A. Figueiredo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000b. 354p.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. São Paulo, Edições Melhoramento, 1971.

DULCEY-RUIZ, E.; GUTIÉRREZ, A. L. **Preparación para la jubilación**. Bogotá: Caja colombiana de subsidio familiar – Colsubsidio, 2007. In: NERI, Aguinaldo A. O envelhecimento masculino no universo do trabalho – desafios e oportunidades depois dos 50 anos. A terceira idade. Estudos sobre envelhecimento. SESC-SP. Vol.20. n. 46, out. 2009

DUMAZEDIER, J. Trabalho e Lazer. In: FRIEDMANN, G.; NAVILLE, P. (et al.) **Tratado de Sociologia do Trabalho**. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo. v.2, 1973. p. 397-427. Tradução de Octávio Mendes Cajado do original *Traité de Sociologie du Travail*.

DURKHEIM, Émilie. **Educação e Sociologia. 1958-1917**. São Paulo: Melhoramento. Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

ELWARD, K.; LARSON, E. B. **Benefits of exercise for older adults.** A review of existing evidence and current recommendations for the general population. *Clinical Geriatric Medicine*. 8 (1), 1992: 35-50.

FARIA JUNIOR, A. **Atividades físicas para a terceira idade.** Brasília: SESI-DN, 1997.

FAURE, Edgard. **Aprender a ser,** Santiago: UNESCO/Editorial Universitária, 1973.

FENALTI, Rita de Cássia de Souza; SCHWARTZ, Gisele Maria. **Universidade aberta à terceira idade e a perspectiva de ressignificação do lazer.** *Rev. paul. Educ. Fís., São Paulo*, 17(2): 131-41, jul./dez. 2003

FERNEDA, Fabiana; et al. **Programa de Atividade Física para a Terceira Idade a UFSC: 20 Anos a Serviço da Comunidade.** *Extensio - Revista Eletrônica de Extensão UFSC*. N.3. Ano 2005. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/viewFile>. Acesso Em: 01 Nov. 2008.

FERRARI, L. M. **Metodologia da pesquisa científica.** São Paulo: Mc-Graw Hill, 1982.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa.** 7.ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FERRIGNO, José C.; LEITE, Maria Luciana C. B.; ABIGALIL, Albamaria. Centros e grupos de convivência de idosos: da conquista do direito ao lazer do exercício da cidadania. In: FREITAS, Elizabete Viana. et al. **Tratado de geriatria e gerontologia.** 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

FIAMENGGHI, M.C.B. **Atividades física e estados emocionais:** relatos verbais sobre estados emocionais como indicadores dos efeitos de um programa de atividades física para adultos. 1994. Dissertação, Mestrado, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

FIGUEIREDO, Maria L. F.; TYRRELL, Maria A. R. **O gênero (in)visível da terceira idade no saber da enfermagem.** *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57 (6): 679-82. Brasília, 2004.

FIGUEIREDO, W. **Assistência à saúde dos homens: um desafio para os serviços de atenção primária.** *Revista Ciência Saúde Coletiva*; 10:105-9, 2005.

FILHO. Osvaldo Afonso da Silva. **Tabagismo em idosos.** Disponível em: <http://www.tabagismoonline.com.br/entendendomelhor/gerontologia/tabag.em.idosos>. Acesso em: 15.09.2008

FRAIMAN, Ana P. **Coisas da idade.** 4.ed. São Paulo: Gente, 1995.

FRANÇA, Lúcia. **O desafio da aposentadoria: o exemplo dos executivos do Brasil e da Nova Zelândia.** Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 34ªed. São Paulo. Ed. Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Elizabete Viana. et al. **Tratado de geriatria e gerontologia.** 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas técnicas para o trabalho científico: Elaboração e formatação.** 15. ed. Porto Alegre: s.n., 2009.

FURTER, Pierre. **Educação e vida.** 10.ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

GANDOLFI, L. M; SKORA, M. G. Fisioterapia com grupos de terceira idade. **A Terceira Idade**, v.22. 61-67, 2001.

GARCIA, Kátia Chomiczuk Miguel; PUGA BARBOSA, Rita Maria dos Santos. **Imagem corporal: atitudes, memórias, associações e crenças através de fotografias de acadêmicos da 3ª idade adulta maiores de 70 anos.** Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2008. Relatório de Iniciação Científica.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIRARDI, Dennys Robson. **Educação: um processo contínuo na existência humana.** 23 jul. 2007. Disponível em: <http://pt.shvoong.com/humanities>. Acesso em: 11 mar. 2010.

GIACOMIN, Karla. **O desafio deste século é cuidar da saúde dos nossos velhos.** Revista eletrônica mensal da SMSA. ED.N.12 Dezembro 2002

GOLDANI, Ana Maria. **Mulheres e envelhecimento: desafios para os novos contratos intergeracionais e de gêneros.** In: CAMARANO (org). Muito Além dos 60: os novos idosos brasileiros, IPEA, Rio de Janeiro, 1999. pp.75-114.

GONÇALVES, M.T.F. **Efeitos da imobilidade prolongada no idoso.** Nursing (edição portuguesa). Ano 8, n.93, out/1995:16-21.

GOODE, W. J.; HATT, P. H. **Métodos de pesquisa social.**7.ed. São Paulo: Nacional, 1979.

GOOGLE Maps. Disponível em: <http://maps.google.com.br/maps>. Acesso em 01 abril 2011.

GROSSI, Mirim Pillar. **Antropologia em primeira mão.** N.24. 1998.

GUEDES, D.P.; GUEDES, J.E.R.P. **Aptidão física relacionada a saúde de crianças e adolescentes: avaliação referenciada por critério.** Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde.2 (1), 1995:27-38.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HAYFLICK, L. **Como e porque envelhecemos**. Rio de Janeiro: Campus, 1996. Health.(4) Julho-Agosto, 4-5, 1997.

HENNIGEN, Inês. **Modos de ser homem e ser pai na mídia**. In: STREY, Marlene Neves, et al. (Orgs.). *Gênero e cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004: 101-128.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico, 2000**. Características gerais da população. Rio de Janeiro: Brasil, 2002.

_____. **Síntese de indicadores sociais**. Uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: Brasil, 2008.

JORDÃO NETTO, Antonio. **Gerontologia básica**. São Paulo: Lemos, 1997.

KALACHE, Alexandre; VERAS, Renato P.; RAMOS, Luiz Roberto. **O envelhecimento da população mundial. Um desafio novo**.

KEIJZER, B. **Hasta donde el cuerpo aguante: género, cuerpo y salud masculina**. In: Cáceres CF, Cueto M, Ramos M, Vallas S, editors. *La salud como derecho ciudadano: perspectivas y propuestas desde América Latina*. Lima: Universidad Peruana Cayetano Heredia; 2003. p. 137-52.

KRUPPA, Sonia M. Portella. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1993. – (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

KUCK, Denis Weisz. **Um terço dos aposentados brasileiros continua na ativa**. 2009 Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/noticias/economia/um-terco-dos-aposentados-brasileiros-continua-na> Acesso em: maio 2011.

LAROUSSE Cultural. **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Nova cultural, 1992.

LAURENTI, R.; MELLO-JORGE M.H.P; GOTLIEB S.L.D. **Perfil epidemiológico da morbi-mortalidade masculina**. *Ciência Saúde Coletiva*, 10:35-46, 2005.

LEITE, P.F. **Exercício, envelhecimento e promoção da saúde**. Belo Horizonte: Health, 1996.

LEWKO, J. H.; GREENDOFER, S. L. Family influences in sport socialization of children and adolescents. 1988. In: MOTA, Jorge; SALLIS, James F. **Atividade física e saúde – fatores de influência da atividade física nas crianças e nos adolescentes**. Porto: Campo das Letras, 2002.

LIBERATO, Vânia Cristina. **A oferta de trabalho masculina “pós-aposentadoria” Brasil Urbano –1981/2001**. Dissertação Ciências Econômicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG Centro de Planejamento Regional Faculdade de Ciências Econômicas –

UFMG, 2003. P.78 Disponível em: http://www.cedeplar.ufmg.br/demografia/dissertacoes/2003/Vania_Liberato.pdf Acesso em: jun 2011

LIMA, Balina Bello. **Mundo instável, homem contínuo, educação permanente.** Curriculum, 13 (01), 1974.

LIMA, Marcelo Alves. A GESTÃO DA EXPERIÊNCIA DE ENVELHECER EM UM PROGRAMA PARA A TERCEIRA IDADE: A UNATI/UERJ. **Textos Envelhecimento**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 1999 . Available from <http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15175928199900020003&lng=en&nrm=iso>. access on 04 July 2011.

LIMA, Mari Jane Oliveira. **O papel do fórum permanente do idoso do estado do Amazonas como contribuição para a melhoria da qualidade de vida do idosos.** In: Seminário internacional sobre atividades físicas para a terceira idade, IX, 2007, Florianópolis .Revista brasileira de cineantropometria e desempenho humano, v.9, supl. 1, 2007.

LIMA-COSTA, Maria Fernanda. A escolaridade afeta, igualmente, comportamentos prejudiciais à saúde de idosos e adultos mais jovens?: Inquérito de Saúde da Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília,v.13, n.4, dez. 2004. Disponível em <http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S16794974200400040002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 jul. 2011.

LUCK, M; BAMFORD, M; WILLIAMSON, P. **Men's health: perspectives, diversity and paradox.** London: Blackwell Sciences; 2000.

LUDOJOSKI, Roque Luis. **Andragogia o educaciondel adulto.** Ed.Guadalupe, Argentina, 1972.

MACHADO, F. R. **Grupo de homens: repensando o papel masculino na sociedade contemporânea.** Revista Científica de Psicologia Coordenação Pedagógica do Curso de Psicologia do CESMAC, Ano I – N. 2. Maceió -AL, 2008.

MAGALHÃES, M. O.; KRIEGER, D. V.; VIVIAN, A. G.; STRALIOTTO, M. C. S.; POETA, M. P. **Padrões de ajustamento na aposentadoria.** Canoas: Aletheia; 2004. p. 57-68.

MAIA, Gabriela Feltenda. **Olhares sobre o envelhecer: uma leitura de gênero no centro de Santa Maria.** Santa Maria, RS: Universidade de Santa Maria, 2010. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências Sociais e Humanas. 2010.

MARCELLINO, N.C. **Lazer e humanização.** Campinas: Papirus, 1983.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCUS, B. H. et al. **Application of theoretical Models to Exercise Behavior among Employed women.** American Journal of Health Promotion, v. 1, n. 9, p. 49-55, 1994.

MARTINS, Mônica Barroso; PUGA BARBOSA, Rita Maria dos Santos. **Associação da psicoterapia e da educação física gerontológica na saúde mental dos adultos da terceira idade adulta.** 2009. Monografia (pós-graduação) em Gerontologia: qualidade de vida ativa no desenvolvimento adulto, Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação Física. Manaus, 2009.

MATSUDO, S. M. M. **Envelhecimento e atividade física.** Londrina: Midiograf, 2001.

MAZO, Giovana. Zarpellon; LOPES, M. A. e BENEDETTI, T. B. **Atividade física e o idoso – concepção gerontológica.** 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MCARDLE, Willian D.; *Fisiologia do exercício: energia, nutrição e desempenho.* Frank. I. Katch, Victor L. Katch; traduzido por Giuseppe Taranto. 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

MEAD, M. **Sexo e temperamento em três sociedades primitivas.** São Paulo: Perspectiva (19--). In: ROSALDO, M.Z. **A mulher, a cultura e a sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MEYER, Dagmar E. **As mamas como instituinte da maternidade: uma historia do passado.** In: MERCADO, Francisco J. et al (Orgs). *Paradigmas y disenos de la investigacions cualitativa em salud – uma antologia ibero-americana.* México: Universidad de Guadalajara, 2002, p.375-401.

MINAYO, M. C.; HARTZ, Z. M. BUSS, P. M. **Qualidade de vida: um debate necessário.** Revista Ciência e Saúde Coletiva, 7-18, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria método e criatividade.** 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Assistência à Saúde. Instituto Nacional de Câncer - INCA, **Falando sobre Tabagismo.** 3ª edição, 1998.

_____. Instituto Nacional de Câncer/Fundação Getúlio Vargas. **Cigarro Brasileiro. Análises e Propostas para Redução do Consumo.** Rio de Janeiro, 2000.

_____. Secretária de Informática. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. **Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) [CD-rom].** Brasília: MS: 1996-2000.

_____. Secretaria de Assistência à Saúde. Instituto Nacional de Câncer - INCA. **Estimativas da Incidência e Mortalidade por Câncer.** Rio de Janeiro: INCA, 2002.

_____. **Inquérito domiciliar sobre comportamentos de risco e morbidade referida de doenças e agravos não transmissíveis: Brasil, 15 capitais e Distrito Federal, 2002-2003.** Rio de Janeiro: INCA, 2004

_____. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de ações programáticas estratégicas. **Política nacional de atenção integral à saúde do homem: princípios e diretrizes**. Brasília, 2008.

MONTEIRO, W.D. **Aspectos fisiológicos e metodológicos do condicionamento físico na promoção da saúde**. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde. 3 (1), 1996:44-58.

MOODY, R.H. **Philosophical presuppositions of education for old age**. Educational Gerontology, 1, p.1-16,1976. In: CACHIONI, Meire; PALMA, Lúcia S. Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e o idoso. In: FREITAS, Elizabete Viana. et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MOSER, A. M. **Existem maneiras de viver bem a velhice? Mitos e realidade**. In: WIELENSKA, R. C. (Org.). Sobre comportamento e cognição: vol. 6. Questionando e ampliando a teoria e as intervenções clínicas em outros contextos. Ed. Esetec, Santo André, SP (2001).

MOTA, J.; CARVALHO, J. **Actas do Seminário: A qualidade de vida no idoso – o papel da actividade física**. Porto, 1999.

MOTA, Jorge; SALLIS, James F. **Actividade física e saúde – fatores de influência da actividade física nas crianças e nos adolescentes**. Porto: Campo das Letras, 2002.

MOTTA, Alda Britto da. Gênero, família e fases do ciclo de vida. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 9, 1994, Caxambu. **Dossiê: Gênero e Família**. Caderno CRH, Salvador, n. 29, p. 13-20, 1998.

_____. Visão antropológica do envelhecimento. In: FREITAS, Elizabete V. [et al.]. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

_____. AZEVEDO, E. L.; GOMES, M. Q. C.. **Reparando a Falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional**. Salvador: UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, 2005. Disponível em: www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/reparando.pdf. Acesso em: 30 ago. 2009.

MUNIZ, José Arthur. **Programa de Preparação para o Amanhã**. Revista Estudos de Psicologia-1996, Natal, v 2, f1, p. 198-204.

NADEAU, M.; PÉRONNET, F. **Fisiologia aplicada na atividade física**. São Paulo: Manole, 1985.

NAHAS, Markus V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida – conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo**.3.ed.rev. e atual. Londrina: Midiograf, 2003.

NARDI, A; GLINA S, FAVORITO L. A. **Primeiro Estudo Epidemiológico sobre Câncer de Pênis no Brasil**.International Braz J Urol, v. 33, p. 1-7, 2007.

NERI, Anita L. (Org.). **Qualidade de vida e idade madura**. 4.ed.Campinas; Papirus, 1993.

_____;DEBERT, Guita G. (Orgs). **Velhice e sociedade**.2.ed.SP: Papirus, 2004.

_____. **Palavras-chave em gerontologia**.Campinas, SP: editora Alínea, 2005.

NERI, Aguinaldo A. **O envelhecimento masculino no universo do trabalho – desafios e oportunidades depois dos 50 anos**. A terceira idade. Estudos sobre envelhecimento. SESC-SP. Vol.20. n. 46, out. 2009.

NOÉ, Alberto. **Arelação educação e sociedade** Disponível em: http://antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=243 Acesso em: 11 mar 2010.

NUNES, Luís. **A prescrição da actividade física**. Lisboa: Caminho, 1999.

NUNES, Miriam. **Educação sob um determinado ponto de vista**. N23 jun.2008. Disponível em: <http://www.artigonal.com/ciencia-artigos/educacao-sob-um-determinado-ponto-de-vista-458737.html>. Acesso em: 11 mar.2010.

OKUMA, S.S. **O idoso e a atividade física**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

OLIVEIRA, Vitor Marinho (org). **Fundamentos pedagógicos da educação física**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1987.

PAIM, J.S.; ALMEIDA FILHO, N. **A crise da saúde pública e a utopia da saúde coletiva**. Salvador: Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, 2000.

PALHARES. **A pelada com os amigos**. Raio X de homem. Disponível em: <http://raioh.blogspot.com/2005/04/pelada-com-os-amigos.html> (2005).

PINHEIRO, R.S; VIACAVA, F.; TRAVASSOS, C.; BRITO A.S. **Gênero, morbidade, acesso e utilização de serviços de saúde no Brasil**.Ciênc Saúde Coletiva, 2002; 7:687-7070).

PINHEIRO, Thiago Félix; COUTO, Márcia Thereza. **Homens, masculinidades e saúde: uma reflexão de gênero na perspectiva histórica**. Cad. hist. ciênc., São Paulo, v. 4, n. 1, jun. 2008. Disponível em <http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180976342008000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 jun. 2011.

PORTAL AMAZÔNIA. **Manaus – capital do Amazonas**. Disponível em: <http://www.portalamazonia.com.br/secao/amazoniadeaz/interna.php?id=26> Acesso em: abril 2011.

PRESTES, M. L. M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 3.ed.1.reimp. São Paulo: Rêspel, 2007.

PUGA BARBOSA, Rita Maria Santos **Educação física gerontológica**– saúde e qualidade de vida na terceira idade, Rio de Janeiro: SPRINT, 2000.

PUGA BARBOSA, Rita M. S. **Avaliação da catexe corporal dos participantes do programa de educação física gerontológica da Universidade Federal do Amazonas**. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2003a.

PUGA BARBOSA, Rita M. S. (Org.), MOTA, Nazaré Marques e colaboradores **Educação Física Gerontológica: Construção Sistemáticamente Vivenciada e Desenvolvida**. Manaus: EDUA, 2003b.

PUGA BARBOSA, Rita; MOTA, Nazaré Mota; QUEIROZ, Sheylane Beltrão de (orgs). **Experiências Resultantes da Educação Física Gerontológica: entre a valsa das 15 primaveras e a responsabilidade adulta da maior idade**. EDUA, 2008.

QUEIROZ, Sheylane Beltrão; PUGA BARBOSA, Rita M.S. **Participação masculina no programa idoso feliz participa sempre (PIFPS-U3IA)**. 2009. Monografia de Especialização, Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009a.

QUEIROZ, Sheylane Beltrão; PUGA BARBOSA, Rita M.S. **Números de participação e atividades praticadas por homens em programa de terceira idade**. In: Simpósio Internacional de Ciências do Esporte do CELAFISCS, 32, 2009, São Paulo. Revista Brasileira de Ciência e Movimento edição especial 17 (4), 2009b, p.211.

RAMOS, Luiz Roberto. **Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano: Projeto Epidoso, São Paulo**. Cadernos de Saúde Pública-SCIELO, Rio de Janeiro, n.3, v.19, jun 2003.

RANDELL, S.; MASON, R. **New learning for older Australians, or just the same old education?** Educational Gerontology, 21, p.385-400, 1995.

RESENDE, M. C. et al. **Rede de relações sociais e satisfação com a vida de adultos e idosos**. <http://www.psicolatina.org/Cinco/rede.html> Centro Universitário do Triângulo, Uberlândia, MG (Brasil) acesso em: 01 abril 2011

RIETHER, P.T. A.; MOTA, N.; PUGA BARBOSA, R. **O fenômeno do engajamento e aderência à educação física por adultos de meia-idade e idosos em Manaus-Amazonas**. In: XXVI Simpósio internacional de ciência do esporte. 26 thInternationalSymposiumonsportssciences.2003. São Paulo. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Atividade física, construindo saúde.SP, 2003.

ROMANINI, D. P.; XAVIER, A. P.; KOVALESKI, J. L. **Aposentadoria: período de transformações e preparação**. Disponível em <<http://www.pg.cefetpr.br/>>. Acesso em 28 ago. 2010.

ROSA, Rodrigo; VILELLA, Janaína. **Um Brasil de "jovens" aposentados**. Disponível em: <http://direitodoidoso.braslink.com/01/artigo002.html> Adicionado ao site em: 2003.

ROSALDO, M.Z. **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SABO D. **O estudo crítico das masculinidades**. In: ADELMAN, M.; SILVESTRIN, C.B. (Orgs). Coletânea gênero plural. Curitiba: Editora UFPR; 2002. p. 33-46.

SACRISTÀN, J. Gimeno. **Escolarização e cultura: a dupla determinação**. In: SILVA, L.H. et al. (org.) Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais. Porto Alegre, Editora Sulina, 1996.

SÁEZ, J. **La construcción de lagerontagogia: La formación en programas universitarios para mayores**. Múrcia, 2001. Texto não publicado.

SÁNCHEZ, M. **Los programas universitarios para mayores: propósitos, razones y motivos**. In: SÁEZ, J. (Ed.). Pedagogía Social y programas intergeneracionales: educación de personas mayores. p. 113-125. Málaga: Aljibe, 2002.

SANTOS, Luciano Chagas dos; PUGA BARBOSA, Rita Maria dos Santos. **Imagem corporal a partir de roupas esportivas usadas por acadêmicos da 3ª idade adulta da UFAM maiores de 60 anos**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, Relatório de Iniciação Científica, 2008.

SAVIANI, Demerval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 15.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SILVA, Andréa de Paiva S., et al. **Desafiando e triunfando sobre as barreiras de ser um homem idoso: a saúde auto relatada por homens idosos participantes de um grupo de convivência**. s/n.

SOUZA, Thiago Oliveira; PUGA BARBOSA, Rita Maria dos Santos. **Imagem corporal através da catexe corporal em acadêmicas da 3ª idade adulta praticando musculação**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, Relatório de Iniciação Científica, 2008.

SOUZA, Maria Anunciação. **A Identidade da Mulher e do Homem na Sociedade Atual**. 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/29575/1/A-Identidade-da-Mulher-e-do-Homem-na-Sociedade-Atual-/pagina1.html#ixzz1XTEcmJ>
Acesso em: 09/09/2011

STELLA, F. **Funções cognitivas e envelhecimento**. In: Py L. et al. (orgs). Tempo de envelhecer. Rio de Janeiro: Nau, 2004.

STUCCHI, D. **O curso da vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria**. In: BARROS, M. M. L. Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 35-46.

TEIXEIRA, Ana Cristina; PUGA BARBOSA, Rita M.S. **Avaliações psicossociais de adultas na meia idade.** Relatório de Iniciação Científica, Universidade Federal do Amazonas, 2007.

TEIXEIRA, Ana C.; TRINDADE, Simone O.; PUGA BARBOSA, R.M.S. **Estudo comparativo no engajamento e aderência a educação física gerontológica em Manaus: dois momentos.** In: PUGA, R.; MOTA, N. e QUEIROZ, S. (Org). *Experiências resultantes da educação física gerontológica: a maior idade 21 ou as 15 primaveras.* (2008).

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** 1 Ed. – 18. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.

TUBINO, M. **Metodologia científica de treinamento desportivo.** São Paulo: IBRASA, 1980.

_____. **A qualidade de vida e sua complexidade.** In: MOREIRA, Wagner W. & SIMÕES, Regina (org) *Esporte como fator de Qualidade de Vida.* Unimep. Piracicaba, 2002.

UNATI-UEA. **Histórico da Universidade Aberta da Terceira Idade.** Disponível em: <http://www.unati.uea.edu.br/categoria.php?area=UHI> Acesso em: 23 ago 2011.

UVALDO, M.C.C. (1995). **Relação homem-trabalho: Campo de estudo e atuação da Orientação Profissional.** Em A.M.B. Bock, *A escolha profissional em questão* (pp.215-235). São Paulo: Casa do Psicólogo.

VAGNER. **Discussão sobre o conceito de educação.** Disponível em: <http://www.artigonal.com/educacao-artigos/discussao-sobre-o-conceito-de-educacao>. Acesso em: 11 mar. 2010.

VASQUES, Mônica H.B. **Metodologia da pesquisa científica.** Universidade Nove de Julho. 2000.

VEDAN, Rosemeri Monteiro. **Gênero, velhice e memória um estudo sobre a velhice masculina no município de Ponta Grossa-PR.** *Fazendo Gênero* 9, 2010.

VELLAS, Pierre. *Le Troisième Souffle.* Paris: Grasset, 1997. In: CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos?** Campinas, SP: Alínea, 2003.

VERAS, Renato. **Envelhecimento Humano: ações de promoção à saúde e prevenção de doenças.** In: FREIRE, Elizabete Viana. et al. **Tratado de geriatria e gerontologia.** 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

VILLAR, F. **¿Tiene sentido la formación en la vejez?** *Lasnuevastechnologías como ejemplo paradigmático.* *Comunicación y Pedagogía*, 173, 57-62, 2001.

VILLAR, F. **Educación y personas mayores: Algunas claves para la definición de una psicología de la educación em la vejez.** *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 1, 61-76, 2004.

WAJNMAN, S.; OLIVEIRA, A. M. H. C. de; OLIVEIRA, E. L. de . (2004). **Os idosos no mercado de trabalho: tendências e consequências**. In: Camarano, A.A. (Org.). Os novos idosos brasileiros muito além dos 60. Rio de Janeiro: IPEA, v., p. 453-480.

WEINECK, Jürgen. **Atividade física e esporte: pra que?** Barueri, SP: Manole, 2003.

WERTHEIN, Jorge; KAPLUN, Pablo (Org.).**Educação de Adultos na América Latina**. Campinas – SP: Papyrus, 1985.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **Men, Ageing and Health**. Geneva: World Health Organization; 2001.

_____. The World Report 2003 – Neglected Global Epidemics: **three growing threats**. Geneva: WHO; 2003.

_____. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

ZAMLUTTI, Maria Esmeralda Mineu. **O Mito da Velhice Assexuada: um ponto de reflexão**. São Paulo: Maturidade, 1996.

ZANJONC, R. **Psicologia social**. São Paulo, EPU, 1974. In: OKUMA, S.S. **O idoso e a atividade física**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

ANEXO A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM



PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas aprovou, em reunião ordinária realizada nesta data, por unanimidade de votos, o Projeto de Pesquisa protocolado no CEP/UFAM com CAAE nº. 0334.0.115.000-09, intitulado: **“PARTICIPAÇÃO MASCULINA EM PROGRAMAS DE ATIVIDADE FÍSICA PARA TERCEIRA IDADE DE MANAUS: EDUCAÇÃO, GÊNERO E ENVELHECIMENTO”**, tendo como Pesquisadora Responsável Sheylane Beltrão de Queiroz.

Sala de Reunião da Escola de Enfermagem de Manaus – EEM da Universidade Federal do Amazonas, em Manaus/Amazonas, 16 de dezembro 2009.

A handwritten signature in blue ink, appearing to be 'Plínio José Cavalcante Monteiro'.

MSc. Plínio José Cavalcante Monteiro
Coordenador do CEP/UFAM

APÊNDICE A



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a),

Vimos através deste convidá-lo a participar de pesquisa intitulada **“PARTICIPAÇÃO MASCULINA EM PROGRAMAS DE ATIVIDADE FÍSICA PARA TERCEIRA IDADE DE MANAUS: EDUCAÇÃO, GÊNERO E ENVELHECIMENTO”**; que tem por objetivo compreender por que os homens idosos em sua maioria não participam dos grupos de terceira idade.

A participação é voluntária. Caso você aceite participar, solicitamos que responda algumas perguntas dando sua opinião sobre as causas para os homens participarem ou não participarem de grupos de terceira idade, e nos autorize a usar essas informações. As perguntas que vamos fazer não trarão nenhum constrangimento. Para registro da entrevista será utilizado gravação de áudio.

Só os pesquisadores envolvidos neste projeto terão acesso às estas informações. Seu nome não será divulgado na pesquisa. Informamos que a qualquer momento você poderá desistir da participação da mesma. Pode, também, fazer qualquer pergunta sobre a pesquisa aos nossos pesquisadores.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e aceitar participar do estudo, solicitamos a assinatura do mesmo em duas vias, ficando uma em seu poder.

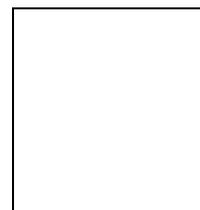
Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca deste estudo poderá ser obtido junto aos pesquisadores, pelo telefone **(92)3305-4145** ou pelo e-mail nani_bel@hotmail.com

Eu, Sr(a)....., fui informado (a) sobre a pesquisa **“PARTICIPAÇÃO MASCULINA EM PROGRAMAS DE ATIVIDADE FÍSICA PARA TERCEIRA IDADE DE MANAUS: EDUCAÇÃO, GÊNERO E ENVELHECIMENTO”**; realizada pela mestrande Sheylane Beltrão de Queiroz, do Programa de Pós-Graduação em Educação/ Mestrado da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, orientada pela Professora Rita Maria Puga Barbosa, e concordo em participar da mesma e que os dados que eu preenchi nos questionários sejam usados nesta pesquisa.

Manaus,/...../.....

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador



Impressão dactiloscópica no caso de não saber escrever.



APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CONVITE PARA PARTICIPAR DA PESQUISA

Prezado Senhor,

Queremos convidá-lo a participar de pesquisa intitulada:
“PARTICIPAÇÃO MASCULINA EM PROGRAMAS DE ATIVIDADE FÍSICA PARA TERCEIRA IDADE DE MANAUS: EDUCAÇÃO, GÊNERO E ENVELHECIMENTO”; conduzida pela mestranda Sheylane Beltrão de Queiroz, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (PPGE-UFAM), e orientada pela Profa. Dra. Rita Puga Barbosa.

- ♣ A pesquisa tem por objetivo compreender por que os homens idosos em sua maioria não participam dos grupos de terceira idade.
- ♣ A participação é voluntária.
- ♣ Caso você aceite participar, solicitamos que responda algumas perguntas dando sua opinião sobre as causas para os homens participarem ou não participarem de grupos de terceira idade, e nos autorize a usar essas informações.
- ♣ As perguntas que vamos fazer não trarão nenhum constrangimento.
- ♣ Para registro da entrevista será utilizado gravação de áudio.
- ♣ Só os pesquisadores envolvidos neste projeto terão acesso às estas informações.
- ♣ Seu nome não será divulgado na pesquisa.
- ♣ Informamos que a qualquer momento você poderá desistir da participação da mesma. Pode, também, fazer qualquer pergunta sobre a pesquisa aos nossos pesquisadores.

Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca deste estudo poderá ser obtido junto aos pesquisadores, pelo telefone **(92)3305-4145** ou pelo e-mail nani_bel@hotmail.com

Sua participação é muito importante para nós!

Assinatura do pesquisador



APÊNDICE C

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

QUESTIONÁRIO A - CARACTERIZAÇÃO DO GRUPOS DE 3ª IDADE

Este questionário faz parte de pesquisa sobre “Participação Masculina em Programas de Atividade Física para Terceira Idade em Manaus”, da Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Educação. Suas informações contribuirão para entender melhor esse fenômeno.

Em relação ao grupo de 3ª Idade que você coordena/trabalha:

NOME DO GRUPO:

NOME DO COORDENADOR (A):

1) QUAL A FAIXA ETÁRIA ATENDIDA?

A partir de 45 anos Outros

A partir de 60 anos

2) QUAL A QUANTIDADE ATUAL DE PARTICIPANTES:

.....

3) DENTRE O TOTAL DE PARTICIPANTES, QUANTOS SÃO DO SEXO MASCULINO?

.....

4) A QUANTO TEMPO FUNCIONA O GRUPO?

.....

5) QUAIS AS ATIVIDADES OFERTADAS:

Caminhada Dança Ginástica Hidroginástica
 Esportes Quais?

Outras atividades

6) QUAIS OS DIAS E HORÁRIOS DAS ATIVIDADES?

.....

.....

7) CONFORME SUA VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA NESSE GRUPO, O QUE VOCÊ TEM A DIZER SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE HOMENS EM GRUPOS DE 3ª IDADE?

.....

.....

.....

AGRADECEMOS SUA CONTRIBUIÇÃO!!

Eu, afirmo que essas informações são verdadeiras e atualizadas na presente data.

Manaus, de de



APÊNDICE D

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

QUESTIONÁRIO B - PERFIL DO IDOSO

Identificação sujeito: _____

Identificação socioeconômica

1) Qual sua idade? _____

2) Qual sua escolaridade?

- Analfabeto Apenas sabe ler e escrever 1º grau incompleto
 1º grau completo 2º grau incompleto 2º grau completo
 Curso técnico Superior incompleto Superior completo
 Pós-Graduação Outros: _____

3) Qual seu estado civil?

- Solteiro Casado Divorciado Viúvo

4) O senhor (Sr.) mora:

- Sozinho Com cônjuge Com filhos Com netos
 Outros: _____

5) Qual o bairro onde mora? _____

6) O Sr. é aposentado?

- Sim Não Pensionista

7) Se aposentado:

7.1 Com qual idade se aposentou? _____

7.2 Qual era sua profissão? _____

7.3 Por qual motivo se aposentou?

- Idade Invalidez Especial Tempo de Serviço
 Outros: _____

8) A renda mensal de sua família está entre:

- 1 a 3 salários 4 a 6 salários mais de 6 salários

8.1 Quem participa dessa renda?

- Sozinho Filhos Netos Cônjuge Outros: _____

9) Qual sua ocupação profissional atual?

10) O que o Sr. faz no seu tempo livre?

Aspectos relacionados à saúde e atividade física

11) O Sr. fuma?

Sim Não Abandonei o hábito, mas fumei durante _____
(quantos anos?)

12) O Sr. ingere bebidas alcoólicas?

Sim Não Deixei de ingerir. Ingeriu por quantos anos? _____

13) O Sr. possui plano de saúde?

Sim Não

14) Quando foi a última vez que o Sr. foi ao médico?

Por qual motivo? _____

15) A maioria de suas consultas médicas são para:

Tratamento Prevenção

16) O Sr. possui alguma doença crônica diagnosticada?

Hipertensão Diabetes Cardíaca Óssea (artrite, artrose etc.)
 Respiratória Nenhuma Outras: _____

17) Com que frequência o Sr. pratica alguma atividade física?

1 vez por semana 2 vezes por semana 3 vezes por semana
 4 vezes por semana ou mais Nenhuma

18) Onde o Sr. pratica sua atividade física?

19) Em relação a atividade física, qual das categorias o Sr. melhor se enquadra?

- “ainda não pensei em praticar”
 “eu penso em praticar, mas ainda não deu para começar”
 “estou praticando, mesmo enfrentando alguns contratemplos”
 “estou praticando e sinto falta quando não faço”

APÊNDICE E**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO****ROTEIRO DE ENTREVISTA - A****HOMENS PARTICIPANTES DE GRUPOS DE 3ª IDADE**

1. Como o Sr. se sentiu com a aposentadoria?
2. Quanto tempo o Sr. participa desse grupo?
3. Por que o Sr. resolveu participar desse grupo?
4. Participar desse grupo trouxe alguma mudança na sua vida?
5. Quanto às atividades do grupo: qual (is) mais aprecia, qual (is) menos aprecia e qual (is) gostaria que fosse oferecida no grupo? Por quê?
6. Em sua opinião, por que são poucos os homens que participam de grupos de terceira idade?
7. Em sua opinião, o que é velhice/envelhecer?
8. Em sua opinião, como homens e mulheres reagem ao envelhecimento?

* O Sr. conhece algum amigo que não participa de grupos de 3ª idade? Pode indicar o nome, convidá-lo para participar da pesquisa?



APÊNDICE F

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA - B

HOMENS NÃO PARTICIPANTES DE GRUPOS DE 3ª IDADE

1. Como se sentiu com a aposentadoria?
2. O Sr. participa de algum grupo de 3ª idade?
() sim () não () já participei
 - 2.1 Se já participou, por que parou de freqüentar o grupo?
3. Qual sua opinião sobre os grupos de 3ª idade?
4. Em sua opinião, por que são poucos os homens que participam de grupos de terceira idade?
5. O que faria o Sr. participar de um grupo de 3ª idade?
6. O que os grupos de 3ª idade deveriam oferecer para atrair os homens?
7. Em sua opinião, o que é velhice/envelhecer?
8. Em sua opinião, como homens e mulheres reagem ao envelhecimento?



APÊNDICE G

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA - C

MULHERES PARTICIPANTES DE GRUPOS DE 3ª IDADE

- Se casada, seu esposo participa de algum grupo de terceira idade?

() sim () não () já participou

- Se viúva ou divorciada, seu esposo participou de algum grupo de terceira idade?

1. Em sua opinião, porque seu esposo não participa(ou) do grupo de terceira idade?

2. Em sua opinião, porque os grupos de terceira idade são pouco freqüentados por homens?

3. Em sua opinião, o que é velhice?

4. Em sua opinião, como homens e mulheres reagem ao envelhecimento?

* O Sra. conhece algum amigo que não participa de grupos de 3ª idade? Pode indicar o nome, convidá-lo para participar da pesquisa?

